



## Estrutura do Poder

# UM DESAFIO PERMANENTE

*O processo de Estrutura do Poder serviu para ampliar a participação dos associados nas decisões do dia-a-dia da Cotrijuí*

Páginas 10, 11, 12, 13 e 14

### LEI AGRÍCOLA

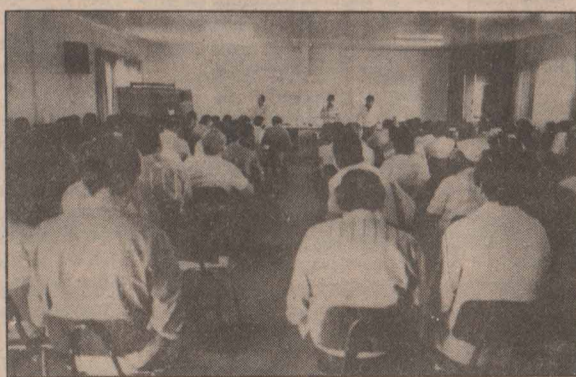
**Projeto das cooperativas gaúchas na reta final**

Última página

### TRIGO

Na Região Pioneira da Cotrijuí, a redução da área cultivada será de 25 por cento

Página 4



O encontro de Ijuí reuniu lideranças de 50 municípios da região

### SOJA

**Um caso de briga**

*Insatisfeitos com os preços, os sojicultores gaúchos dão prazo para o governo mudar a política cambial*

Página 6

## COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111  
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199  
CGC ICM 065/0007700  
Insc. INCRA nº 248/73  
CGC.MF 90.726.506/0001-75

### ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:

Oswaldo Olmiro Meotti

Vice-presidente/Pioneira:

Celso Bolivar Sperotto

Superintendente/Pioneira:

Walter Frantz

Vice-presidente/Dom Pedrito:

Oscar Vicente Silva

Superintendente/Dom Pedrito:

Eduardo Augusto Pereira de Menezes

Vice-presidente/MS:

Nedy Rodrigues Borges

Superintendente/MS:

Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):

Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Ataídes Conceição, José Jorge Rieth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerlle, Luiz Carlos Roos, Olivio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralio, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

### Suplentes:

Onorildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrighetto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Realdo Cervi, Pedro Afonso Pereira e Jayme Wender

### Suplentes:

Ivo Vicente Basso, Antônio Carlos Xavier Hias e Amário Becker.

Diretores contratados:

Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges e Léo José Goi.

### LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

### CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

## COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE

### REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Carmem Rejane Pereira

### REVISOR

Sérgio Corrêa

### CORRESPONDENTES

Campo Grande: Rosane Henn  
Porto Alegre: Raul Quevedo

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

## AO LEITOR

As cooperativas agrícolas estão na reta final de aprovação do seu projeto de Lei Agrícola, que o Congresso Nacional poderá votar antecipadamente em setembro. Resultado de várias reuniões promovidas pelo interior, o atual anteprojeto da Fecotrijo quer objetivamente redefinir o papel do Estado nas decisões políticas da agropecuária, através de uma maior participação dos segmentos da produção no setor. Quer também, a partir disso, aumentar a renda do produtor, fazendo com que ele participe dos dois ramos do complexo rural, onde a área de insumos tem uma fatia de 15 por cento e a agroindústria produtora de alimentos tem 60 por cento. Para fechar os pontos definidores, a Lei Agrícola proposta pela Fecotrijo traz ainda uma nova conceituação da agricultura, sendo voltada ao mercado interno e com incentivos à produção de alimentos básicos destinados a população. O anteprojeto do sistema cooperativista gaúcho, com todos os seus pontos de discussão, está na última página.

A Estrutura do Poder dentro da Cotrijuí, como forma de representatividade de seu quadro social, começou exatamente 10 anos atrás, de forma experimental. Mas, com o decorrer dos anos, a prática ganhou o papel de hoje, e incorporada ao Estatuto da cooperativa, é um sistema pioneiro

levado pela Cotrijuí que ganha, a cada ano, mais força. A figura do representante, ainda com alguns pequenos ajustes, vai impondo-se dentro da cooperativa que agora, depois da última reforma no regimento interno, passou, inclusive a participar das reuniões do Conselho de Administração. O perfil e a importância desta figura política dentro da cooperativa, nas páginas 10, 11, 12, 13 e 14.

Os produtores de soja e de arroz estão em pé de guerra por este Brasil afora. Os arrozeiros fizeram um movimento tumultuado, trancando rodovias e queimando colheitadeiras, mas muito pouco conseguiram sensibilizar o governo, que preferiu ficar mais para o lado da promessa. Agora é a vez dos sojicultores que, de repente acordaram e se deram conta que estão sendo lesados pelo governo que, de uma forma indireta, está incentivando o desvio da produção para o Paraguai e Uruguai, onde o preço chega, algumas vezes a alcançar NCz\$ 30,00 pela saca. A movimentação dos sojicultores já começa, pregando a unificação da luta dos grandes e pequenos pela correção cambial da soja, no mínimo nos índices da inflação de janeiro a maio. A matéria sobre a articulação dos produtores de soja está na página 6.

## DO LEITOR

# Organização e poder em cooperativas

Walter Frantz

Uma cooperativa pode ser definida, teoricamente, como um espaço de poder. Um poder buscado pela cooperação. Porém, esse espaço de poder não existe em si mesmo. Ele existe em função de objetivos e interesses concretos, a partir dos quais passa a ser articulado socialmente, tanto a nível de sua organização quanto a nível do exercício desse poder.

É sobre essa articulação social do poder no cooperativismo que procuraremos tratar no presente artigo. Nossa intenção não é de fazer um tratado sobre o poder no cooperativismo, mas de abordar a questão e refletir um pouco sobre ela a partir de algumas experiências práticas existentes. No momento, em que se procura redefinir a organização da prática cooperativa entre nós, em que se busca uma estrutura e um modelo administrativos mais adequados aos desafios dessa prática, a questão do poder na organização cooperativa toma um lugar de destaque nessa discussão.

A noção de cooperativa, entre nós, leva a imaginar um grupo de indivíduos, organizados entre si, em bases associativas, com o intuito de assim se fortalecerem na consecução de determinados objetivos e interesses comuns. Sendo esses objetivos econômicos, o espaço de poder desses indivíduos é organizado no contexto da correlação de forças e interesses que agem sobre a produção e a distribuição dessa produção na sociedade. Na economia de mercado, essa organização se dá em relação ao exercício do poder, isto é, em relação à atuação da cooperativa no contexto desse mercado. Por isso, a questão do poder aparece muito mais sob o ponto de vista econômico e do exercício desse poder. Aparece como algo que se dá, se organiza em função da natureza do sistema econômico e de sua atuação nele. Aparece mais a "face empresarial" do ato cooperativo e, nesse caso, o exercício do poder está mais vinculado à administração e à operacionalidade da empresa cooperativa. Esse poder se localiza na esfera da articulação dela com o mercado. É um poder operacional concorrencial, que depende mais diretamente da capacidade gerencial da empresa.

Pela organização cooperativa os indivíduos buscam o poder de inserção no mercado, onde desfrutam de uma posição individual de força econômica inferiorizada. A organização cooperativa, enquanto empresa estruturada a serviço dos produtores associados, cabe compensar essa posição inferiorizada no processo competitivo. Sobre esse aspecto a ação cooperativa não tem por objetivo a eliminação da competição. A cooperação não é uma proposta de inversão da ordem competitiva, mas uma nova estratégia de competição. A cooperação busca a competição. Expressa o esforço pela retomada da capacidade competitiva, agora alicerçada em princípios associativos, através dos quais cada um necessita orientar seu novo comportamento de associado.

Existe, portanto, também a "face política" do ato cooperativo, que diz respeito à organização do espaço de poder, onde aparece mais a ação dos



*A organização e a implantação do espaço de poder, fundamentado na participação política do associado, só são viáveis através de um processo pedagógico na perspectiva de alcance dos objetivos e finalidades da cooperação*

indivíduos associados. Essa face revela mais profundamente o caráter e a natureza da cooperativa e da questão do poder no cooperativismo.

A nosso ver, na economia de mercado, uma organização cooperativa é, antes de mais nada, uma associação de pessoas (não de capitais) que se propõe atuar na perspectiva da economia dos componentes dessa associação, isto é, na perspectiva de sua racionalidade econômica enquanto economias individuais. Porém, para fazê-lo, essa associação cria, organiza e estrutura um instrumento adequado que vem a ser a empresa cooperativa: — uma empresa comum com o objetivo de apoiar e complementar a administração das economias individuais, dando-lhes suporte no jogo competitivo do mercado. Portanto, a empresa cooperativa se constitui em uma extensão da economia dos associados, os quais encontram nesse instrumento cooperativo, uma opção mais vantajosa do que a ação individual para se lançar ao mercado.

Essa característica diferenciada da cooperativa — como associação e como empresa — remete a duas questões fundamentais para o sucesso do empreendimento cooperativo. Primeiro, da natureza associativa decorre a necessidade da participação política de seus associados na condução do empreendimento e, segundo, da natureza empresarial decorre a necessidade da participação

econômica dos associados na cooperativa. A cooperativa só consegue ser eficiente, a longo prazo, mediante o cumprimento desses dois aspectos. A viabilização da participação política e da participação econômica é uma questão central na administração do empreendimento cooperativo, condicionada pela racionalidade da natureza do próprio ato associativo, isto é, ninguém contribui com recursos na organização cooperativa pelo simples prazer de contribuir. Existem objetivos e interesses que levam a isso. Com a caracterização da organização cooperativa como associação e como empresa (instrumento de atuação dessa associação), podemos falar em organização do espaço de poder e em exercício desse poder. A organização do espaço se processa a nível da "associação-cooperativa" e seu exercício é efetivado através da ação da "empresa-cooperativa" no mercado.

A associação dá-se entre os indivíduos ou economias individuais, que se instrumentaliza para a ação conjunta no mercado, através da organização de uma "empresa-cooperativa".

Na associação os indivíduos redefinem o seu comportamento frente ao mercado, substituindo o individualismo pelo associativismo sem, no entanto, renunciar aos objetivos, interesses e necessidades das economias individuais. Pelo contrário, realizando-os pela ação empresarial cooperativa.

A organização dessa ação empresarial, por sua natureza, exige a participação direta de todos os indivíduos associados. No entanto, essa participação depende da consciência (conhecimento) do ato e da vontade política, tanto dos dirigentes quanto dos associados. Conhecimento a respeito da natureza do ato cooperativo e vontade política por orientar-se por seus princípios fundamentais, que passam pela gestão democrática.

A participação dos associados na condução da cooperativa será sempre a expressão da consciência que estes têm a respeito do significado do ato cooperativo no contexto sócio-econômico global. Como tal, a gestão democrática, antes de ser uma questão administrativa, é uma questão política.

Portanto, a organização e a implantação do espaço de poder, fundamentado na participação política do associado, só são viáveis através de um processo pedagógico, orientado crítica e construtivamente na perspectiva da consecução dos objetivos e finalidades da cooperação.

A Cotrijuí, apesar das dificuldades, das deficiências e contradições próprias de um trabalho pioneiro, desenvolveu, ao longo de seus 32 anos de existência, uma excelente experiência de organização cooperativa e de gestão democrática de uma empresa cooperativa complexa. De modo geral, na unidade brasileira, tanto no campo econômico como político, essa experiência está bem acima da média de sua prática social da democracia econômica e política.

Walter Frantz é diretor superintendente da Cotrijuí na Regional Pioneira

## Mentira que criou asas

Os propagandistas do capitalismo, usando o poder que têm sobre os meios de comunicação, a autoridade de cátedra e o domínio em relação ao proletariado, insistem na afirmação de que o povo russo teria saído de um período de vida digno ao tempo do czarismo, para a miséria absoluta, em regime de servidão, com a transição para o socialismo. Nada mais improprio; nada mais criminosamente irreal e fantástico.

É claro e a Rússia Soviética dos primeiros anos, era pobre. Nem poderia ser diferente, já que saiu da miséria total, ao tempo do capitalismo imperialista. Tão ou mais pobre que o Brasil nordestino de hoje, e países infelizes como o Paraguai, a Bolívia, a Colômbia, El Salvador, e outros, para citar apenas alguns sul-americanos.

Quem comprova que a miséria russa passou a ter um peso menor nos ombros do povo, após a implantação do novo regime, é o norte-americano Harold Lasswell, em seu livro Política: Quem ganha o que, quando, como? Edição da Universidade de Brasília.

Segundo esse autor, a Rússia foi o único país eurásico que teve renda per capita ascendente, no período de 1917 a 1928 (pior fase da vida soviética, em todos os tempos). Ela cresceu de uma renda de 52 para 96 dólares, com aumento real de 44 dólares. Pois bem, no período, o Japão aumentou a renda em apenas 31 dólares, França e Alemanha em apenas 20 dólares; o poderoso Reino Unido (o que mais se aproximou da Rússia Soviética revolucionária, com aumento de 43 dólares. E a Itália — diz Lasswell — teve uma redução de 12 dólares na renda per capita de seus trabalhadores. Como se vê, um assunto para ser mais estudado e divulgado, por todas as pessoas de bem.

## Encontro com presidenciais

Depois de uma lacuna de quase trinta anos, os eleitores brasileiros estão sentindo o gostinho de uma eleição presidencial marcada para o dia 15 de novembro e prevista em dois turnos. Até agora, dos nove candidatos confirmados pelos partidos e que deverão ser homologados pela convenção até o mês de julho, a maioria não tem vice escolhido. Mesmo assim, eles já estão com os motores aquecidos, alardeando as propostas de governo.

Por entender que o debate dessas propostas extremamente importante para o futuro econômico e político do país, a Universidade de Ijuí está convidando todos os presidenciais a comparecer ao município para apresentar e discutir o seu programa de governo. O senador Mário Covas, candidato do PSDB foi o primeiro a aceitar o convite. Ele esteve aqui no dia no nove do mês passado, quando falou para um público de aproximadamente 700 pessoas, na cripa da Matriz São Geraldo.

Situando a conjuntura nacional

## DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE

# As necessárias reflexões

Adão Acosta

Esta data está ganhando um significado diferenciado e especial frente a outras tantas do calendário, em função da atualidade e dramaticidade que a questão ambiental vem assumindo em nossos dias.

É oportuno, no entanto, que sejam feitas demarcações que propiciem, de um lado, maior clareza por parte do conjunto da população e, em função disso, passem a dar direção correta a importante luta de preservação do ambiente. Essas demarcações são fundamentais pela amplitude e volume que o debate em torno do assunto atingiu e pelo crescimento mundial e a nível de Brasil que o movimento ecológico está conhecendo e cujo peso político é, hoje, respeitabilíssimo. Esse peso tem adquirido diversas formas que, na sua maioria são segmentadas, secundárias e possíveis de serem utilizadas pelas estruturas de dominação do capital. Assim tem sido possível manipular a necessidade da preservação da qualidade de vida e do meio ambiente apenas via justificativas parciais, como o uso de equipamentos antipoluentes, destino do lixo industrial e urbano, redução do uso de agrotóxicos no campo, entre outros.

Mesmo quando a discussão global é inserida, o discurso dominante tende a dar direção ao uso das matérias-primas, das reservas naturais de flora e fauna, das fontes e da distribuição da energia. Isto deixa claro que nas pequenas e nas grandes questões, a satisfação dos interesses da minoria sutilmente está sendo disseminada como o interesse de toda a humanidade.

É esta geração que engatinha em termos preservacionistas — ver a História da Terra e do Homem — que tem a última oportunidade de fazer frente a catástrofe iminente ocasionada pela destruição do meio ambiente. A compreensão ainda confusa da questão e a variedade de organismos que tratam e militam a ecologia estão a exigir direção para que não se perca esta oportunidade. Para isto é necessário o reconhecimento de que o desenvolvimento das forças produtivas não pode mais se dar às custas da extração dos recursos naturais e da capacidade de trabalho da raça humana. É preciso entender que a complexidade dos ecossistemas não podem ser tratados a partir de prismas reducionistas e que a luta pela preservação do meio ambiente não pode ficar separada da luta por uma sociedade mais justa para todos os homens. Objetivamente, frente ao processo eleitoral desencadeado no país com a eleição do próximo presidente, este é o momento ímpar de cobranças aos partidos políticos e de educação da população com vistas ao esclarecimento destas questões e da discussão das diretrizes a serem seguidas.

O Adão Acosta é engenheiro agrônomo da Cotrijuí na Regional Pioneira



A visita do secretário geral do MEC ao projeto de suinocultura da Cotrijuí

## O secretário do MEC em Ijuí

Conhecer a Universidade de Ijuí e a Cotrijuí. Esta foi a razão da visita, a Ijuí, no final de maio, do secretário geral do Ministério de Educação, Ubirajara Pereira de Brito. Na Unijuí, prometeu o apoio do Ministério da Educação para a instituição, a única do país voltada para os interesses da região onde está inserida. Anunciou o repasse de NCz\$ 100 mil para a Universidade, recursos estes a serem liberados ainda durante o mês de junho e que integra um total de NCz\$ 400 mil. O restante da verba será repassada em quatro parcelas. Recebeu ainda, durante a sua visita a Ijuí, de parte da Unijuí, pedido de verbas para a cons-

trução da biblioteca central do campus.

Acompanhado pelo prefeito municipal, Valdir Heck, pelo diretor superintendente da Cotrijuí na Pioneira, Walter Frantz, e pelo reitor da Unijuí, Telmo Frantz, Ubirajara de Brito almoçou no Centro de Treinamento da Cotrijuí, localizado em Augusto Pestana, onde teve a oportunidade de conhecer os projetos da cooperativa na área de piscicultura, suinocultura, avicultura, conservação de solos, entre outros. Além do CTC e da Unijuí, o secretário geral do MEC ainda visitou o Parque de Exposições Assis Brasil e a Escola-Fazenda do Imeab.

através de uma crise econômica, política e de crescimento, Mário Covas fez um paralelo esmiuçado do salário mínimo brasileiro com o europeu, atacou a corrupção institucionalizada e enfatizou a estagnação da economia. Referiu-se ainda a questão da terra, dizendo que reforma agrária "não se faz em gabinete, mas sim no campo", a educa-

ção, que exige uma erradicação do analfabetismo, ao meio ambiente, que necessita de um novo tratamento político, para enfim, acentuar que o seu partido, que se norteia pela linha da social democracia, tem compromisso com o cumprimento constitucional, com a preservação ambiental e com a justiça social.

## CURTAS

O Governo Federal gasta, hoje, com a folha de pagamento dos seus funcionários públicos perto de um bilhão de dólares por mês. Mas o Brasil já chegou a pagar mais de 500 mil dólares por dia útil de juros da dívida interna. Só com o dinheiro de dois dias úteis de juro, o governo tem condições de pagar todos os funcionários públicos. Ou melhor: com dois dias úteis de juro, o governo teria condições de assentar 200 mil famílias de trabalhadores — existem hoje no país cerca de 12 mil famílias acampadas —. Para assentar estas 12 mil famílias, bastaria apenas duas horas do juro da dívida interna.

O índice de mortalidade infantil no Brasil continua alarmante. De cada mil crianças que nascem, 65 morrem antes de completarem um ano de idade.

A inflação do mês de maio, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor ficou mesmo em 9,94 por cento. A informação foi dada, no início do mês, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Os vilões, responsáveis pela elevação da taxa inflacionária foram o feijão, a batata inglesa, a carne, o frango, o alho e os lanches. O acumulado do ano chega agora a 120,84 por cento, enquanto que a taxa dos últimos três meses atingiu 25,16 por cento. O acumulado dos últimos seis meses é de 184,36 por cento. Em 12 meses, o acumulado chega a 918,88 por cento.

A balança comercial brasileira registrou em abril um superávit de 1,3 bilhão de dólares. Esse resultado é 101,07 por cento superior a média dos saldos obtidos no mesmo mês no período de 1980 a 1988, mas é 30,85 por cento inferior a de abril do ano passado — 1,8 bilhão de dólares. O saldo comercial acumulado no período de janeiro a abril de 1989, chega, com este resultado, a 5,6 bilhões de dólares. Nos últimos 12 meses, o acumulado chega a 19,7 bilhões de dólares.

## “Gazeteiros” levam cartão

Uma decisão rara na história do Congresso Nacional aconteceu neste final de mês de maio: dois deputados “gazeteiros” foram expulsos de suas cadeiras em decisão unânime de seus colegas. Um deles é Felipe Cheidde, um empresário paulista no exercício de seu segundo mandato que, só neste ano, já havia faltado a 62 sessões do Congresso. O outro é Mário Bouchardet, um dos maiores usineiros deste país, proprietário de 34 fazendas. Ambos os faltosos são do PMDB. Bouchardet não compareceu a nenhuma das reuniões realizadas pelo Congresso neste ano. E o pior: eles não gostaram da decisão e ainda pretendem recorrer a justiça. Afinal, são NCz\$ 10.120,00 de salário por mês que vão pelos ares. Para uma casa que anda com a imagem quase grudada no chão, a decisão foi bastante simpática. E, de agora em diante, cada deputado “gazeteiro”, vai ter seu salário descontado no fim do mês. Bem como acontece com o assalariado.

O caso, na verdade, não é inédito neste país de tantos contrastes. A primeira cassação aconteceu em 1946, quando o deputado Edmundo Barreto Pinto, do PTB, recebeu cartão vermelho de seus colegas por ter pousado só de cuecas para uma revista da época. No governo militar, foram cassados, mas por outras razões, e com base no AI-5, 110 deputados.

**TRIGO**

# Redução de 25%

Nem mesmo o reajuste no preço do trigo está ajudando. Produtores acham que NCz\$ 202,00 pela tonelada ainda não cobre custos de produção

Os tricultores brasileiros estão reduzindo de 3,4 milhões de hectares cultivados com trigo no ano passado, para 3,2 milhões de hectares a lavoura de trigo deste inverno. Essa redução, que segundo dados do Ctrin, o Departamento do Banco do Brasil que é encarregado da comercialização do produto, é o resultado de uma política de indiferença e de descaso por parte do governo em relação a cultura. Compromissos de importação do produto, assumidos, principalmente com a vizinha Argentina, fazem com que o governo continue ignorando todo o trabalho de avanço tecnológico alcançado pela cultura nestes últimos anos.

Essa situação tem dado muito o que falar desde o ano passado. Levado pelas pressões dos tricultores, o governo resolveu atender algumas das reivindicações do setor, reajustando o preço do produto que passou a passar dos Ncz\$ 171,00 a tonelada para Ncz\$ 202,00. O VBC para as parcelas ainda não liberadas pelos bancos, também deverá ser corrigido em 29,86 por cento. Esses reajustes poderão ajudar, mas não estarão resolvendo a situação, pois segundo dados da Fecotrigo, o preço pago pela tonelada de produto deverá ficar 20 por cento abaixo das necessidades dos agricultores. Já o Grupo do Trigo do Rio Grande do Sul considera aceitável um valor em torno de Ncz\$ 260,00 pela tonelada. Além da insatisfação com os índices de reajustes, os tricultores aguardam também por uma indexação no preço do produto. "Espera-se que essa indexação seja pelo IPC", observa Rui Polidoro Pinto, vice-presidente da Fecotrigo.

Além de responsável pela redução na área de trigo, o governo brasileiro deve ainda assumir uma possível quebra na média da produtividade da lavoura de trigo deste ano. Grande parte dos produtores está plantando por conta, usando sementes próprias e menos adubo na lavoura. Já meio escaldados com a desorganização do governo que só gera insegurança, os tricultores neste ano, mais do que nunca, estão dando as costas aos financiamentos. Se ainda não têm uma definição em relação a comercialização do produto, como então pegar financiamento nos bancos, pagando altas taxas de juros? A saída é utilizar na lavoura os poucos recursos existentes, mas tomando muito cuidado e fazendo muita economia.

Aqueles que, por um motivo ou outro estão buscando recursos nos bancos, ainda continuam na fila de espera. Até o início do mês, o governo havia liberado muito pouco recurso para a lavoura. Na agência do Banco do Brasil de Ijuí, por exemplo, até o início do mês de junho, tinham entrado recursos para financiar apenas 10 contratos que envolviam um volume de recursos na ordem de Ncz\$ 100 mil. "A nossa demanda para safra é de mais de Ncz\$ 700 mil, informa Rudi Tybusch, Supervisor da Carteira Agrícola, prevendo para depois do dia 12 de junho nova li-

beração do custeio.

A redução na área de trigo dos produtores gaúchos poderá ficar ao redor dos 15 por cento. A informação é da Fecotrigo. Na área de atuação da Cotrijuí, Região Pioneira, essa redução poderá ser bem mais acentuada. De acordo com as estimativas de plantio feitas pelo Sérgio Dallepiane, ligado a Diretoria Agrotécnica da Regional, a lavoura de trigo dos produtores associados da Cotrijuí está reduzindo de 129 mil hectares plantados no ano passado para 95.900 hectares neste inverno. A redução é de 25,66 por cento.

Mas enquanto o trigo passa por maus momentos, as forrageiras, pelo menos na região, aproveitam a brecha deixada para ganharem terreno. Só na região, área de atuação da Cotrijuí, elas estão ocupando 121.749 hectares, contra os 79.667 hectares cultivados no ano passado. Para o João Miguel de Souza, agrônomo e gerente da Área de Produção Vegetal da Cotrijuí na região, este aumento na área de forrageiras está diretamente ligado ao aspecto da conservação do solo. É claro que ele aponta, também como causa, a instabilidade da política do trigo.

A aveia branca, destinada a produção de grãos, é a cultura de inverno que mais ganhou terreno neste ano. De 1.810 hectares cultivados no ano passado, ela vai ocupar 5.130 neste inverno, apresentando um crescimento de área por volta de 180 por cento. "Esse crescimento já era esperado, observa João Miguel que aponta como razões fundamentais o surgimento de novas cultivares como as UFRGS, as UPF e materiais do CTC. Já existem em mãos dos associados, 11 cultivares e 18 linhagens, sendo a maioria originárias do CTC. "São materiais que estão apresentando bons resultados", fala o agrônomo prevendo também para este inverno menos áreas descobertas.

A lavoura de colza está tendo uma redução na sua área de 56,90 por cento e tem como justificativa frustrações registradas nestes dois últimos anos causadas por problemas climáticos, como excesso de frio durante o estabelecimento e desenvolvimento da cultura e estiagem mais no tarde. De qualquer forma o João Miguel assegura que os trabalhos com a colza deverão continuar já que é mais uma opção para adubação verde e produção de grãos.

Cultura	Área (ha) 88	Área (ha) 89	Variação %
Trigo	129.000	95.900	(25,66)
Aveia Branca	1.810	5.130	183,42
Colza	638	275	(56,90)
Cevada	1.035	715	(30,92)
Triticale	452	212	(53,10)
Alho	251	210	(16,34)
Lentilha	111	57	(48,65)
Centeio	-	300	-
Total	133.297	102.799	(22,88)

Cultura	Área (ha) 88	Área (ha) 89	Variação %
Aveia Preta	48.500	84.300	73,81
Azevém	26.400	26.200	(0,76)
Trevo	1.195	130	(89,13)
Ervilhaca	4.220	6.000	42,18
Alfafa	330	290	(12,13)
Milheto	-	2.000	-
Pensacola	-	2.540	-
Sincho	22	289	-
Total	79.667	121.749	1.213,63

A lentilha e a cevada também estão apresentando redução de área — 48,65 por cento e 30,92 por cento respectivamente —. No caso da lentilha, o grande problema tem sido a falta de novas cultivares mais produtivas e com maior qualidade no grão. Já o problema da cevada é outro e está diretamente relacionado com a dependência comercial. "Temos poucos compradores que nos impõe inclusive as sementes a serem plantadas", resume o gerente dizendo que a cooperativa não está incentivando o plantio da cultura. Por outro lado, a cooperativa começa a incentivar o plantio de cevada forrageira visando a produção de grãos para alimentação animal. A cultura do centeio está sendo retomada com o surgimento de novas cultivares.

### AS FORRAGEIRAS

A área cultivada com aveia preta está crescendo em 73,81 por cento. Serão cultivados, neste inverno, apenas na região, 84.300 hectares, segundo as estimativas levantadas no início do mês de junho. Esse aumento de área já era previsível e, segundo o João Miguel, vem ocorrendo até em função dos benefícios que a aveia preta trás para as plantas de verão. As lavouras serão destinadas ao pastoreio direto, adubação verde, silagem e a produção de grãos para a alimentação animal.

O sincho deverá ocupar uma área de 289 hectares e a ervilhaca 6 mil hectares. Tanto um como o outro são materiais resgatados pela Cotrijuí dentro da própria região. São menos exigentes em fertilidade e manejo.

## Ataque de lagartas

Os agricultores que plantaram trigo dentro da época recomendada, cujo prazo encerrou no dia 30 de abril, estão agora com a lavoura em fase de germinação, mas alguns problemas em decorrência da falta de chuva já estão aparecendo. No município de Dourados, onde estão sendo cultivados 55 mil hectares do cereal, o ataque de lagartas tem sido generalizado. Não que isto seja exatamente uma novidade, mas no ano passado a ocorrência foi menor e agora a incidência de lagartas está grande porque as chuvas têm sido muito escassas, diz Dirceu Cornacconi, técnico agrícola da unidade de Dourados.

Ele conta que em quase todas as lavouras onde o trigo está com um tempo entre 15 dias a um mês de germinação, tem aparecido a "lagarta do trigo" e a "spodoptera", sendo que esta última é mais difícil de ser detectada porque fica embaixo dos torrões na lavoura.

Dirceu lembra que o controle das lagartas deve ser feito através de produtos químicos, uma vez que ainda não existe controle biológico (a exemplo do baculovirus anticarsia para a soja) para este tipo de problemas, mas ressalta que o produtor deve procurar aplicar os produtos menos fortes pois estes não matam os inimigos naturais da planta. A utilização correta do veneno também é importante e evita o que muitos agricultores já tiveram que fazer: aplicar inseticida mais de uma vez, aumentando com isto o custo final de produção.

Mas além da "lagarta do trigo" e da "spodoptera", o departamento técnico da cooperativa tem detectado também a presença da lagarta conhecida como "broca" e cuja incidência tem sido maior e mais frequente neste início de safra porque as chuvas até aqui foram muito insignificantes. A "broca" se alimenta das plantas pequenas e a enfraquece e mata.

Ele prevê uma diminuição de lagartas na lavoura no momento em que chover e enfatiza mais uma vez a questão do uso de inseticidas, alertando que o agricultor deve usar somente aqueles que não eliminem os inimigos naturais do trigo como o "calosoma" e o "lebia concima", que contribuem para a redução das pragas nas lavouras de trigo.

### SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE AGOSTO PESTANA

#### BALANÇO FINANCEIRO DE 1988

RECEITAS	
Contribuição Sindical	179.793,92
Mensalidades/Anuidades	3.546.301,52
Carteiras Sociais	21.990,00
Taxa de Assis. Social	967.440,00
Serviços Prest. Escritório	147.424,00
Venda Mat. Escolar	154.300,00
Fundos Diversos	37.883,00
Juros de Depósito	2.202.790,94
Doativos	13.840,00
Convênio Inamps	1.186.141,77
Convênio Cotrijuí	86.500,00
Auxílio Tesouro Estado	45.000,00
Total da Receita	8.589.373,13

#### DESPESAS

Diretoria/Diárias e Grat	972.939,00
Ordenados Funcionários	1.855.574,03
Honorários Contábeis	370.896,00
Material de Expediente	78.870,55
Alimentação/Estadial	48.324,00
Material de Limpeza	25.386,80
Condução e Transporte	100.195,13
Água, Luz e Gás	83.882,80
Telefone e Correio	48.894,83
Seguros do Prédio	36.919,77
Consertos e Reparos	46.512,00
Impostos e Taxas	4.930,95
Previdência Social	749.892,85
Contrib. à Federação	41.368,35
Publicação de Editais	3.780,00
Propaganda e Publicidade	122.352,00
Assinaturas Jornais, Rev	20.100,00
Juros e Comissões	134,42
Assistência Médica	30,00
Assistência Dentária	2.010.237,31
Material Escolar	128.877,58
Mensalidade da Regional	126.831,00
Auxílio Sem Terras	2.000,00
Assis. Téc/Sementes	211.704,50
Total das Despesas	7.090.415,27
Sobras do Exercício	1.498.957,86
SOMA	8.589.373,13

Conselheiro

#### BALANÇO PATRIMONIAL DE 1988

ATIVO	
IMOBILIZADO	
Bens Imóveis/Sede/Terreno	27.925,00
Mobiliário e Instalações	311.781,04
Biblioteca/Livros	1.752,09
DISPONÍVEL	
Saldo da Caixa	423.268,28
Saldo Bancário/Depósitos	997.095,03
Total do Ativo	1.761.821,44

PASSIVO	
INEXIGÍVEL	
Patrimônio Líquido	1.756.764,82
EXIGÍVEL	
Cretores Diversos	1.905,05
Imposto de Renda na Fonte	3.151,57
TOTAL DO PASSIVO	1.761.821,44

Agosto Pestana, 31 de dez. de 1988

Presidente

Tesoureiro

Contador - CRC/RS 22514

#### PARECER DO CONSELHO FISCAL

Favorável à aprovação do presente balanço.

Agosto Pestana, 31 dez. de 1988

Conselheiro

Conselheiro

Uma Constituinte inconclusa, um Congresso omissivo, que insiste em ficar longe do povo e de seus problemas e se reúne para legislar em causa própria, tendem a legitimar a ação do governo, que continua editando decretos

# Como nos tempos do arbítrio

A omissão do Congresso, revelada nos últimos meses, e que se acentuou após a promulgação da Constituição, tem merecido críticas, as mais procedentes e justas, por parte da sociedade nacional, que não pode concordar com todo esse desleixo de seus legisladores. Tanto ou mais que o atual Congresso, eleito Constituinte, foi empossado sob a expectativa de uma renovação de valores políticos e pureza ética, para compensar os longos anos de arbítrio e de legislação via decretos-leis.

Infelizmente, mais de um ano após ser instalado, tendo entregue à nação apenas uma Constituição inconclusa, visto que carente de leis complementares, esse Congresso permanece omissivo em suas responsabilidades e indiferente até mesmo nas questões essenciais de sua missão congressional. Haja vista para essa série de "medidas provisórias" que o governo vem adotando, num paralelismo de legislação talvez sem precedentes (até dia 17.5 haviam sido decretadas 55) na história do país.

## COMO NOS TEMPOS DO ARBITRIO

O presidente da Cotrijuí, economista Oswaldo Olmiro Meotti, preocupado com as conseqüências que essa omissão de responsabilidade dos congressistas já está trazendo para a economia — principalmente ao setor agropecuário, fez as seguintes declarações ao "Cotrijornal", em Porto Alegre:

"A população brasileira vive atualmente uma situação ambígua. Em especial, aquela que vive da agropecuária, sem dúvida, o setor da economia mais prejudicado do país. Mas o que se revela estranho é que durante muitos anos os congressistas vinham reclamando maior participação, e respeito e acatamento por suas decisões. Desde os tempos do arbítrio, o Congresso vinha avocando para si o direito de legislar. Exigia mesmo, que as decisões vindas do poder, passassem, obrigatoriamente, por uma triagem congressional. Era — diziam — a Casa do Povo legislando pelo povo.

Combatida pelos políticos e até por largas parcelas da população civil, a legislação, via decretos-lei, não era bem aceita. Um país de 140 milhões de habitantes, governado por decretos, sofria contestação. E era, sem qualquer dúvida, uma flagrante injustiça", concordava Oswaldo Meotti.

Ele prossegue dizendo que, "após muita luta, reclamações, e chores incontidos, a Constituinte eleita definiu os reclamados poderes congressuais. Quer dizer: o povo, por seus representantes legítimos, legislando pelo povo. Tudo muito bonitinho.

Porém — embora dando os devidos descontos, como a necessidade de legislação complementar, na verdade, estão ocorrendo coisas estranhas, até mesmo, gozadas.

Por exemplo: se delega ao Congresso medidas como as resoluções n°s 32 e 37, que visam corrigir distorções da política monetária, transformando os juros do crédito rural pactuados pelos valores da Poupança Verde e transferindo para a inflação de hoje, corrigida pelo IPC. O governo, no afã de manter o consumo em determinado ní-



Oswaldo Meotti: preocupado com as omissões

vel, visando conter o consumo e evitar corrida ao saque de valores de poupança rural, CDBs, RDBs, LFTs, ou outros títulos dos muitos que compõem a dívida pública. Na luta para evitar corrida à poupança, o que, fatalmente, estimularia a compra de dólares no paralelo — que mesmo assim disparou na cotação em mais de 200 por cento — o tesouro não teria suporte de caixa para atender a corrida.

A solução colocada pelo governo tem sido a fixação de taxas irreais de remuneração do dinheiro. É claro que se trata de remuneração artificial da poupança popular, e até da Poupança Verde. Repito: a política monetária do governo, que manteve o IPC de fevereiro em 3.6, a LFT em 20.97, o IPC de março em 6.09 e a LFT em torno dos 18 por cento; o IPC de abril em 7.35, remunerando o capital sempre acima, teve o objetivo claro de evitar aquela corrida, como já referi.

## E OS PRODUTORES, COMO FICAM?

É claro, evidentemente, que os produtores não têm culpa disso. Até porque, sequer os seus produtos foram corrigidos pelo próprio IPC, nos valores que citei. Tenho repetido mil vezes, e não vou cansar de insistir, o quanto for necessário, que o produtor primário — o único que tem sido realmente congelado, não tem culpa dos erros da política monetária do governo.

Agora, mais um castigo aos produtores rurais. As Medidas Provisórias n°s 32 e 37 equipararam os custos do financiamento agrícola à correção monetária pelos valores do IPC, mais os juros, desvinculados da Poupança Verde. Mas para isso, evidentemente, eram necessárias outras medidas, ou outra medida, uma vez que os bancos que aplicaram os recursos também não têm culpa da política monetária do Governo. Eles remuneraram os investidores por um valor e teriam de cobrar um valor inferior dos produtores. Mas isso, seguramente, representaria um rombo no orçamento do sistema financeiro, especialmente do Banco do Brasil.

O governo, cumprindo a sua parte — acho que não cabe críticas a ele, uma vez que agiu no cumprimento do dever, ditou a Medida Provisória n°

50, transferindo para o Tesouro o diferencial entre Poupança Verde e IPC (Índice de Preços ao Consumidor), com cobertura mediante compensação do imposto de renda, para cobertura num prazo máximo de cinco anos. Como se depreende, uma saída até mesmo salomônica.

## COMPENSAÇÃO CONTÁBIL

É claro que essa Medida n° 50, para ser válida, necessitava da aprovação do Congresso. Na hora de votar, talvez pela pressão dos prefeitos de alguns municípios e o poderoso "lobby" nordestino dos grupos envolvidos nas áreas da Sudam e Sudene (norte e nordeste), apareceu o argumento de que as municipalidades seriam todas prejudicadas pela redução do Fundo de Retorno aos Municípios. No mínimo, uma desinformação muito grande.

Não vou afirmar que tenha sido por maldade — ressaltou Oswaldo Meotti, acho que foi pura desinformação. Porque nem o Banco do Brasil e nem os agentes financeiros foram isentados do imposto de renda. Simplesmente, em vez de recolher os débitos ao Tesouro, os agentes irão compensar parte do imposto com o diferencial de juros.

Mas esses grupos exerceram forte pressão sobre o Congresso. E é natural que o produtor agrícola, através de seus órgãos representativos — Fecotrijo, Confederação Nacional da Agricultura, Frente Ampla, OCB, entre outras, também exerceram pressão política para que a Medida Provisória 50 fosse aprovada no Congresso, pois os produtores dependiam da aprovação da medida, e a última esperança era o Congresso.

## A OMISSÃO DOS CONGRESSISTAS

Na hora H, no momento de "falar a verdade", o Congresso se omitiu. Os parlamentares adotaram todos os tipos de subterfúgios, alegaram "motivos de força maior", viajaram, e não deram o necessário quorum. Resultado: a Medida n° 50 caiu por terra. Omissão lamentável, sob todos os títulos.

Os produtores devem se intelectualizar mais. Não basta saber produzir, apenas. O que, aliás, eles fazem com maestria. Plantar e produzir alimentos, é com eles. Mas agora, enfati-

za Meotti, terão de também saber escolher melhor seus representantes no Congresso. E lá — é preciso cobrar — não deve bastar discursos bonitos, palavreados de palanque. Esperamos que de ora em diante, os parlamentares gravem melhor, na retina e na lembrança, a figura do produtor, que estará no campo, arando a terra.

É bom repetir que este é ano de eleição. A 15 de novembro estaremos todos revistando as urnas. Não seria bom que a próxima eleição fosse simultânea, mudando também esse Congresso que lá está? Isso, sem dúvida, daria oportunidade ao produtor rural, ao povo em geral, aos consumidores, enfim, a todas as camadas sociais, de melhor escolher seus representantes, de lá colocar homens que, efetivamente, não se acovardam no momento de bem representar o povo.

## E O CUSTEIO PARA LAVOURA, COMO FICA?

O governo já emitiu nova medida provisória, que deverá ser votada nos próximos dias. O que irá acontecer? Voltará a faltar quorum? Enquanto o tempo passa, nem o Banco do Brasil e nem a rede bancária particular, dispõem de recursos pra aplicar na agropecuária.

A lavoura de inverno, em algumas regiões, já está atrasada, mas não há recursos de custeio nem mesmo a custos financeiros mais elevados. Está tudo na dependência de solução. Até mesmo a comercialização da safra de verão está parcialmente paralisada, pela ausência de recursos.

O diretor-superintendente da Regional Dom Pedrito, Eduardo Augusto Pereira de Menezes, que também participou da entrevista, acrescentou que, infelizmente, muitos de nossos políticos nem ao menos têm consciência do dramático problema da fome.

Considerou justos os argumentos do presidente, pois as angústias vividas pelos produtores, é muito grande. Ele considera que enquanto nossa agropecuária não for considerada e tratada como mola-mestra da economia e do desenvolvimento nacionais, não temos o direito de nos considerarmos agentes de um Estado organizado. Pois é triste a constatação que grandes parcelas da população brasileira vive completamente à margem de qualquer conforto e segurança da sociedade de mercado, inclusive sendo carente de alimento básico, disse Menezes.

## DEBATE POR UMA LEI AGRÍCOLA

Ao finalizar, o presidente Meotti anunciou a promoção de um programa com as três Regionais da Cotrijuí, para debater o projeto de uma Lei Agrícola para o país. Os estudos, que terão também a participação dos sindicatos da região noroeste do Estado, estudarão igualmente a legislação cooperativa nacional, em cima do que foi aprovada na nova constituição do país.

Ressaltou o presidente da Cotrijuí que, conforme frisou antes, os agricultores precisam se intelectualizar. E uma das maneiras, ressaltou, é com a participação coletiva e a discussão dos problemas que afetam a todos, indistintamente.

# A briga pela correção

Fecotrigo, Fetag, Farsul e Ocergs unidas na luta pela correção do preço da soja

A urgência de alteração da política cambial, especialmente em relação a soja, cuja comercialização tornou-se impossível dado ao irrealismo do dólar oficial, congelado desde a implantação do fracassado Plano Verão, foi o apelo endereçado, via telex, ao presidente da República no dia 9 de junho, assinado pelas lideranças do cooperativismo e agropecuária gaúchas. O telex foi assinado pelo presidente da Fecotrigo,

Odacir Klein, Ary Faria Marimon, presidente da Farsul, Plínio Hentz, presidente da Fetag e Adelar da Cunha, presidente da Ocergs.

No telex, as lideranças gaúchas ressaltaram os prejuízos dos produtores em decorrência do artificialismo da taxa cambial, o que inviabiliza a comercialização, tanto que só o Rio Grande do Sul ainda tem 75 por cento de sua produção, por comercializar. E

no que tange ao mercado interno do produto, fixado em NCz\$ 14,30 a saca, deveria estar, no mínimo, a NCz\$ 20,00, enfatizam os produtores.

A advertência feita ainda ao governo, é de que a permanência da situação, como está, levará, inexoravelmente, a um acirramento nas atitudes de protestos, a exemplo do que já ocorre com os produtores de arroz. Segundo revelação feita na reunião, produtores de soja de outras unidades da Federação aderirão ao protesto gaúcho.

Visando manter contatos diretos com as demais autoridades do setor econômico: Ministérios do Planejamento, Fazenda, Agricultura e Comissão de Agricultura da Câmara Federal, seguem dia 13 para Brasília os dirigentes das entidades representativas da agropecuária e do cooperativismo gaúcho.

Na capital da república, tentarão sensibilizar as autoridades para a necessidade de medidas imediatas realistas para esse setor da economia nacional, sem dúvida, o mais prejudicado

de todos os segmentos da produção.

A comitiva, composta pelos presidentes da Fecotrigo, Farsul, Fetag e Ocergs, será reforçada ainda pelo presidente da Comissão de Agricultura e Cooperativismo da Assembléia Legislativa, deputado Mário Limberger e pelo presidente da Cotrijuí, Oswaldo Olmiro Meotti.

Na reunião realizada para definir estratégias de ação e que contou com a presença das três federações e mais a Ocergs, Odacir Klein, presidente da Fecotrigo, fez um cálculo do preço de um saco de soja, para 1º de julho, com uma estimativa de inflação de 18 por cento. Pelo cálculo da Fecotrigo, o preço deveria estar em NCz\$ 19,17. Mas no mercado interno, o máximo que os produtores estão conseguindo é NCz\$ 14,70. Para atingir os NCz\$ 20,00 segundo Klein, o dólar deveria estar valendo 1,6698, o que resultaria numa desvalorização de 33 por cento. O dólar hoje é de NCz\$ 1,2535. A desvalorização de 15 de janeiro até agora alcançou 25,4 por cento e a inflação, no mesmo período, 58,61 por cento.



O encontro reuniu lideranças de 50 municípios da região

## Produtores definem estratégias

Lideranças sindicais e dirigentes de mais de 50 cooperativas da região se reuniram em Ijuí, no dia 7 de junho, para reivindicar uma nova política cambial que garanta a compensação da defasagem entre o câmbio oficial e os preços pagos pelo mercado internacional. Ao abrir o encontro, Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, lamentou as razões do encontro mas disse que, de qualquer forma, ele também tinha o seu lado positivo, pois estava fazendo com que todos se sentassem para, juntos, dar o pontapé inicial da discussão do problema do preço defasado da soja. O encontro, classificado pelas lideranças sindicais e dirigentes de cooperativas como "relâmpago", teve a coordenação da Fetag e Fecotrigo.

Ezídio Pinheiro, representante da Fetag pediu a união de todos, lembrando que a luta não era apenas dos pequenos ou dos sindicatos de trabalhadores rurais, mas também dos grandes produtores. Rui Polidoro Pinto, vice-presidente da Fecotrigo fez um relato da reunião da Frente Ampla da Agropecuária, realizada um dia antes em Brasília, dizendo que os resultados das discussões não eram os melhores. Assinalou também que o problema do congelamento cambial atinge a todos os sojicultores. "O próprio governo está cometendo uma contravenção penal ao incentivar, através do congelamento cambial, o contrabando da produção para o Uruguai e Paraguai, onde os preços praticados são três vezes superiores aos daqui".

Segundo dados apresentados pelo vice-presidente da Fecotrigo, cerca de 75 por cento das 6,4 milhões de toneladas de soja colhidas no Estado ainda estão guardadas nos armazéns das cooperativas ou das

indústrias. Em anos anteriores, por esta época do ano, metade da produção já estava sendo comercializada. Mas agora, diante da defasagem cambial — a relação cruzado/dólar —, o produtor está preferindo segurar a produção, o que também não é muito bom. Rui Polidoro disse ainda que, de 1º de janeiro deste ano até 31 de maio, a inflação acumulada chegou à casa dos 100 por cento, enquanto que a correção no preço da soja, no mesmo período, foi de 21 por cento. "A defasagem é de 79 por cento". A defasagem cambial em relação ao IPC é de 9 por cento e em relação ao próprio preço da soja, em início de abril, é de 5 por cento.

### PROPOSTAS APROVADAS

No final do encontro em Ijuí, as lideranças sindicais e dirigentes de cooperativas, em torno de 170 participantes — votaram propostas para pressionar o governo, como o fechamento de bancos, bloqueios de estradas e, inclusive, em última instância, o transporte da soja, através do "comboio da exportação", para o Paraguai e Uruguai. Também ficou decidido que o movimento deverá ser coordenado pelas Federações Farsul, Fetag e Fecotrigo. Maior força para o movimento deverá ser buscada através da participação dos demais estados produtores de soja.

Ainda foi aprovado que, depois da audiência feita pela Comissão — ver matéria acima — com as autoridades, será dado um prazo para o atendimento das reivindicações. Caso elas não sejam atendidas no prazo de cinco dias serão tomadas medidas de pressão como paralisação na comercialização, deslocamento de máquinas, formação de comboio da soja para venda no exterior, entre outras. Dentro deste prazo estipulado, os produtores voltam a se reunir em Ijuí para avaliar a situação e deflagrar o movimento.

## Milho branco é a nova opção para o agricultor

Lançado no ano passado pelo Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo da Embrapa de Minas Gerais, o milho branco ainda se constitui numa novidade para muitos agricultores. Baseados em pesquisas que iniciaram na década de 70 no Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo no México, os pesquisadores brasileiros, através de vários cruzamentos e melhoramento das cultivares, conseguiram obter uma nova variedade de milho branco, batizada de BR 451.

O milho branco BR 451 apresenta uma série de vantagens, pois tem uma grande produtividade, por ser cultivado em praticamente todas regiões brasileiras e apresenta um excelente valor protéico para o ser humano. Além disso, a cor do seu grão possibilita o seu uso na indústria alimentícia e quando adicionado a farinha de trigo, pode ser empregado na fabricação de pães, biscoitos, massas e derivados.

A Cotrijuí já está fazendo a avaliação do BR 451 a nível de lavoura, pois obteve junto ao Centro Nacional de Pesquisa de Milho e Sorgo, 20 quilos de sementes básicas que foram distribuídas a associados que cederam áreas para o plantio do milho. Algumas características iniciais foram observadas e dois fatores que mais chamaram a atenção, segundo o agrônomo Francisco Salla, foram o porte baixo das plantas (em torno de dois metros) e o excelente índice de espigas por pé, tendo em muitos casos a ocorrência de duas espigas por pé. As lavouras foram plantadas em dezembro, desenvolvendo-se sob boas condições de chuva e calor.

Este ano, continua Salla, a cooperativa deverá receber em torno de cinco a seis toneladas de milho BR 451 em espigas, que serão remetidas à UBS (Unidade de Beneficiamento de Sementes) no Rio Grande do Sul para que seja efetuada a classificação final e o tratamento das sementes, visando sua disponibilidade a um maior número de associados na próxima safra de verão. Salla diz que novos testes serão efetuados com a variedade, tanto para sua utilização industrial que é dada como certa, como para as questões referentes a época de plantio e densidade, pois em muitos casos o plantio da safrinha, após a colheita de soja mais precoce (março), tem despertado muito interesse dos produtores sul-matrossenses.

Hoje, muitas variedades de milho, preconizadas comercialmente, não têm apresentado bons resultados, tanto em termos de produção, como em relação ao crescimento do sistema radicular, como importante componente estrutural e funcional da planta, principalmente o crescimento de raízes adventícias que atuam como suporte da planta, evitando o acamamento, conclui o agrônomo.

### A OPINIÃO DE QUEM PLANTOU

O associado Mário José Cassol, de Dourados, cultivou em um hectare nove quilos do BR 451 a título de experiência. Colheu 70 sacos e gostou dos resultados. Ele afirma que gostou do milho branco porque o pé é mais baixo e não cai tão facilmente. Além disso a produtividade que obteve mesmo sem colocar adubo ou qualquer outro insumo foi boa, semelhante a do milho amarelo. Cassol vai ampliar a área com milho branco na próxima safra e pretende plantar aproximadamente 15 hectares de BR 451, além de continuar plantando milho amarelo, que ocupa normalmente 100 hectares na sua lavoura.

O associado acha que o milho branco tem futuro, representando mais uma opção ao agricultor, mas salienta que o sucesso da nova variedade vai depender muito do preço que o grão vai obter no mercado interno. Se for lucrativo e compensatório, certamente o milho branco ganhará cada vez mais adeptos.

# Os rendimentos da Bossier

Estimulada por um programa especial de bonificação, a variedade de soja Bossier satisfaz os produtores de sementes e atinge um dos níveis de produção propostos pela Cotrijuí

Rusticidade, garantia de mercado em outros estados e uma remuneração superior às demais cultivares. Esses são os fatores que fazem da soja Bossier, uma alternativa permanente no escalonamento da produção de sementes, mesmo com os seus índices de produtividade que a retiraram das grandes áreas de cultivo para grãos no Rio Grande do Sul.

"A soja Bossier nunca foi descartada do plantio, em função da abertura de novas fronteiras agrícolas no centro do País", afirma o supervisor da área de sementes da Cotrijuí Pioneira, Décio Luis Cassol, ao explicar que a variedade aproveita muito bem essa situação tomando-se o principal material dos pacotes de exportação. A procura é tão significativa que, neste ano, o departamento agrotécnico e a Comissão de produtores de sementes da Cooperativa resolveram estimular a produção da variedade, através de um programa específico, que estabilize a área de acordo com as necessidades impostas pelo mercado.

## 20 POR CENTO A MAIS

Para compensar uma relativa produtividade mais baixa apresentada pela cultivar, em relação a outras do mesmo ciclo, o programa da Bossier estabeleceu uma remuneração de 20 por cento a mais para a variedade, sobre o preço da soja indústria pago em 31 de maio. Como opção, o programa também deixa à escolha do produtor a possibilidade de receber estes 20 por cento sobre o preço médio, estabelecido conforme a sua decisão e independente da liquidação do produto.

Além disso, Cassol aponta ainda outra vantagem para o produtor de Bossier, que é a oportunidade de aumentar a sua comercialização de sementes. Isso porque, da mesma forma que ela favorece a venda dos pacotes, também o produtor de Bossier tem mais chance de comercializar a sua produção de sementes junto a Cooperativa.

## LUCRO PELA FERTILIDADE

Mas, fora os percentuais financeiros do programa, a Bossier, que é conhecida pela sua produtividade inferior, pode ganhar ainda pelo cuidado aos aspectos conservacionistas do so-

RENDIMENTOS DA PRODUÇÃO DE BOSSIER NA COTRIJUI			
CULTIVAR	SAFRA		
	1987	1988	1989
BOSSIER	12.278	7.106	38.315
% da produção recebida	3,13	1,31	5,39

lo. Mesmo que alguns produtores guardem um pouco de receio em relação a variedade, ela tem demonstrado resultados excepcionais, quando produzida em áreas bem manejadas. Esse é o caso registrado em algumas propriedades e também pelo Centro de Treinamento da Cotrijuí, onde a Bossier conseguiu obter uma produtividade equivalente a outras variedades como a BR-1, BR-12, Cep-10, Cep-20, Cobb, Ivaí e Santa Rosa.

"Qualquer frustração experimentada pelo produtor em cima dessa variedade é resultado do uso inadequado do solo ou do plantio fora de época", analisa Cassol, salientando que se o solo estiver com a fertilidade corrigida e bem conduzido, e o plantio for feito em novembro, o produtor não colhe com prejuízo. Neste ano, principalmente, essas recomendações foram quase que totalmente atendidas, o que levou a va-



Cláudio e Ercio Eickhoff



Hermes Coró



Jorge Conceição



Edgar Prauchner

riedade a atingir um nível proposto pelo programa de sementes e comportado pelo mercado, ou seja de cinco a oito por cento da área destinada a semente.

## MAIOR SEGURANÇA

Dos vários produtores de sementes tradicionais, Hermes Coró proprietário de 80 hectares na Esquina Coronel Lima, em Jóia, é um dos que confirmam o bom desempenho da Bossier quando cultivada em solo bem conduzido e na época certa. "Ela não perdeu em nada para as outras variedades", diz o produtor que plantou 15 hectares da cultivar nesta última safra e colheu 45 sacos por hectare, a mesma média obtida no restante da lavoura de soja.

Para explicar essa resposta, seu Hermes Coró aponta um trabalho de conservação do solo que vem desenvolvendo há um bom tempo, e que o tornou um dos pioneiros no município. Com toda a área da lavoura terraceada, o produtor vem fazendo rotação de culturas com aveia, ervilhaca e sincho, e praticamente toda área está corrigida.

"Produzindo bem, a gente não tem problemas de remuneração", afirma o produtor lembrando essa fase atual, quando o preço do produto "está meio empacado". Mas, embora reconheça que a produtividade elevada pode suprir defasagens de preço, seu Coró diz que na lavoura de semente somente isso não basta. "Seria preciso ter uma maior segurança", reclama ele lembrando possíveis eventualidades

como a que aconteceu em 1983, quando a soja foi quase toda perdida por excesso de umidade.

Como o produtor Hermes Coró também Jorge Conceição, da Esquina 21 de Abril, em Jóia, aponta os bons resultados da Bossier neste ano. "Tudo é questão de fertilidade", diz ele, lembrando que começou a experimentar variedade há uns quatro anos atrás, que ficou um pouco temeroso quanto sua produtividade. Este ano, no entanto, o estímulo dos 20 por cento a mais fez com que o produtor plantasse setenta hectares dessa soja numa área já corrigida e bem tratada, o que lhe rendeu 42 sacos por hectare.

## UM BOM NEGÓCIO

Há produtores ainda que analisam o retorno da variedade Bossier dentro do programa de sementes, avaliando a sua rentabilidade econômica a partir de todo o mercado da cultura. Edgar Prauchner, por exemplo, da Linha 15 Norte, em Ajuricaba, um dos tradicionais produtores de semente do município, diz que tem apostado cada vez mais nessa produção, já que o mercado da soja indústria não tem remunerado satisfatoriamente o produtor.

"Vender soja para comprar adubo não é bom negócio", salienta o produtor que vem plantando Bossier, desde que a Cooperativa passou a incentivar a produção de sementes. Na última safra, essa variedade ocupou 15 hectares dos 200 de lavoura que Prauchner possui, rendendo 32 sacos por hectare. "Qualquer acréscimo sempre é bem-vindo", diz o proprietário, qualificando o retorno da Bossier como um ganho real, compensatório até da sua produtividade.

Os irmãos Cláudio e Ercio Eickhoff, proprietários de 210 hectares de terra no distrito de Floresta, em Ijuí, por sua vez, resolveram voltar a produção este ano, para aproveitar os benefícios do programa e também porque a seca do ano passado não deixou nada de semente própria. Em 25 hectares de Bossier, os Eickhoff que também são tradicionais produtores de sementes, colheram 34 sacos por hectare, o que segundo eles, "fecha com a média geral", que ficou em 40 sacos por hectare.

Para explicar esses resultados, os dois produtores avaliam as boas condições do solo, principalmente nesta área que recebeu correção no ano passado. "Tendo terra bem corrigida não há problema de produtividade", dizem eles considerando ao mesmo tempo, que as melhores médias da Bossier, assim como outras variedades de baixa produtividade acontecem no primeiro ano de plantio após a correção da fertilidade.

Como o produtor de sementes de Ajuricaba, os Eickhoff também observam os seus lucros com o programa da Bossier, fazendo um paralelo à soja indústria. Os 20 por cento excedentes já fazem da variedade uma alternativa de renda, explicam os produtores, enfatizando ainda que "do jeito que está o preço da soja", todo o produtor deveria fazer sempre um pedacinho da lavoura para semente", uma vez que ele pode contar com um adiantamento já em dezembro. Além disso, segundo os Eickhoff, a produção de semente está ainda mais valorizada pelo recebimento do produto com teor de umidade alto.

## Preço na dependência do clima

Os produtores ainda não venderam mais do que 30 por cento da safra de soja, aguardando uma reação de preços que até agora não deu sinais de concretizar-se. Apostaram numa possível nova quebra da safra americana - o que forçaria a nova alta das cotações internacionais do grão, mas tudo indica que essa perspectiva está, desde já, completamente frustrada.

As condições climáticas permanecem boas nos Estados Unidos, havendo até mesmo uma estimativa de aumento de área de plantio. Extra-oficialmente, surgem comentários que a área cultivada deverá chegar aos 63 milhões de acres, o que superaria a previsão inicial de 61,7 milhões de acres, divulgada há tempos

pelo USDA - Departamento de Agricultura.

O declínio das cotações da soja na Bolsa de Chicago, que é utilizado como parâmetro para a fixação de preços no mercado mundial do grão, é resultante da regularização das precipitações pluviométricas nas regiões produtoras, no Meio Oeste e Centro Sul do país. O bushel de soja, que esteve cotado em torno de US\$ 11 no ano passado, ao ser confirmadas as perdas da safra americana por consequência da seca prolongada, caiu a um nível de US\$ 6,82 nos últimos dias de maio.

Essa persistência de baixa começa a preocupar os produtores brasileiros, que seguraram as vendas na expectativa de melhor momento

para comercializá-la, caso se concretizasse quebra da safra estadunidense. Houve, também, esperanças de uma maxidesvalorização do cruzado, hipótese, a esta altura, já praticamente descartada. O que está sobrando agora é o "mercado de clima", conforme diz o diretor de comercialização do mercado Externo da Cotrijuí, José Carlos Treiguer.

Segundo Treiguer, somente o clima na região produtora dos Estados Unidos é que poderá modificar as tendências, já manifestadas, de mercado estacionário, permanecendo em baixa. Já no que se refere ao mercado interno, Treiguer acha que deverá haver reação para cima, principalmente devido ao descongelamento do Plano Verão, a esta altura completamente desarticulado.

# Mobilização continua

Depois de um mês de protesto e uma certa trégua, arrozeiros voltam a se mobilizar contra a indiferença do governo ao pedido de correção no preço mínimo do arroz

Ainda não se pode dizer que os arrozeiros gaúchos tenham conquistado uma vitória frente ao governo, e sua política de preços com dois pesos e duas medidas. O que é certo, porém, é que aquela classe de produtores está dando uma evidente demonstração de força e de unidade, até mesmo com adesão dos industriais do beneficiamento de arroz, conforme ficou demonstrado no recente boicote, que durou quase um mês e na nova movimentação de protesto que já começa a se organizar.

A concordância em "negociar", manifestada pelo governo federal, significou a bandeira branca levantada pelas autoridades financeiras, que era o objetivo dos produtores desde que tomaram a decisão de impedir a saída do arroz do Estado para os demais centros consumidores do centro do país.

Na versão do presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito, Ruy Adelino Raguzzoni, o boicote

foi vitorioso na medida em que o governo foi coagido a dialogar com os produtores, através de seus órgãos específicos.

A Farsul, em reunião com os orizicultores no último dia 24, em Porto Alegre, um dia antes do boicote completar 30 dias, também considerou haver chegada a hora de parar e negociar.

Desta vez o movimento de protesto dos orizicultores adotou uma tática diferente. Num primeiro momento, até assegurar-se da adesão dos industriais do arroz, a exemplo dos movimentos grevistas dos trabalhadores urbanos, foram mantidos piquetes, junto aos engenhos. Em Dom Pedrito, com a adesão da Cotrijuí, desde o início, o setor indústria se mostrou solidário com os produtores, praticamente não dando trabalho aos piqueteiros. Em outros municípios, no entanto, como a imprensa noticiou, o movimento enfrentou resistência forte do setor industrial, que inclusi-

ve, pressionou para anular o boicote dos produtores.

## AS BARREIRAS NAS ESTRADAS

Os orizicultores mantiveram treze barreiras em pontos estratégicos das estradas, nas diferentes regiões produtoras de arroz do Estado, além dos boicotes a partir dos próprios engenhos beneficiadores, onde foram proibidas saídas de caminhões carregados.

Além de uma barreira localizada no km 238 da BR-293, proximidades da cidade de Dom Pedrito, mais 13 barreiras funcionaram no Estado durante todo o período do boicote. Elas funcionaram em Santa Vitória do Palmar, Palmares do Sul, Torres, São Borja, Uruguaiana, Itaqui, Rosário do Sul, Santa Maria, Cachoeira do Sul, Camaquã, Erechim, Vacaria e Iraí.

## AGRICULTURA, A MAIS EXIGIDA

A agricultura, mais a pecuária, têm sido os setores

## SAÚDE

# Região ganha foro de debate

É o Nesc, um órgão aberto a todos interessados comprometidos com a saúde do trabalhador

Reunir profissionais, sindicalistas, estudantes e representantes da população com interesse na área de saúde, atuar politicamente nas questões referentes a esse setor, prestar assessoria a entidades comprometidas com a saúde do trabalhador e ainda fazer-se representar efetivamente em foros de discussão a nível local, estadual e nacional. Essas são as principais finalidades do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva, fundado na dia 9 de maio, em Ijuí.

Fruto das discussões entre profissionais, sindicatos e movimento popular e da sua sistematização através do primeiro curso de Pós-gradua-

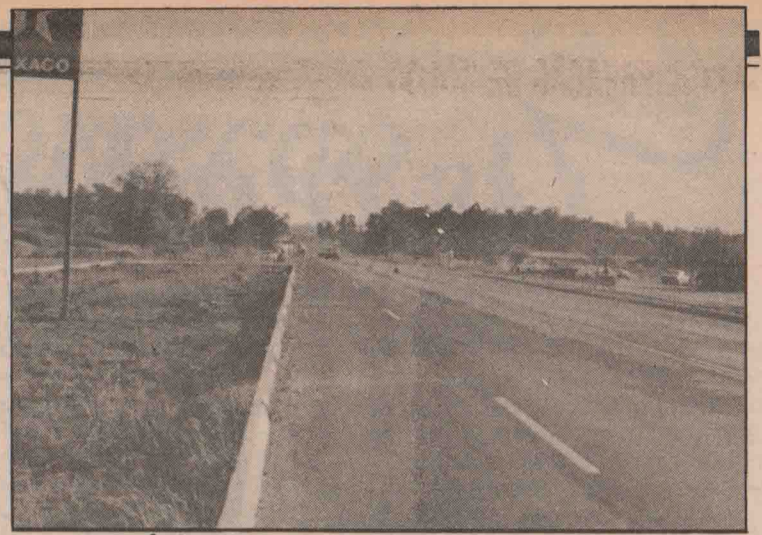
ção em Saúde Pública da Unijuí, o Nesc traz uma antiga preocupação a respeito da participação popular, que oficialmente tem o seu espaço garantido pelo Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (SUDS). Entre essas preocupações, a nova entidade aponta principalmente as estratégias de implantação dos novos modelos de saúde, que comumente tem sido definidos pelos organismos do Estado, pressionados por interesses alheios a classe trabalhadora.

## PARTICIPAÇÃO POPULAR

Com abrangência regional, o Núcleo quer, portanto buscar respostas às ques-

tões postas ao trabalhador, seja no plano institucional, político ou ideológico, tendo como meta a efetiva participação da população em pontos fundamentais do modelo como financiamentos, relacionamento do setor público com o privado, financiamento do setor e eleição de prioridades.

Sediado junto ao Sindicato dos Comerciantes de Ijuí, a entidade já elegeu a sua coordenação, tendo como presidente, Liane Rigui, vice, Pedro Palha, secretária, Teresinha Weiller, tesoureiro, Luiz Schimidt, vice, Laerte Moresco e no Conselho Fiscal, Carlos Alberto Noll, Maristela Borin e Rosane Simon.



As barreiras nas estradas impediam o trânsito de caminhões carregados com o produto

mais exigidos, para não dizer, penalizados, no conjunto da política econômica do governo. Sacrifícios imensos têm sido impostos sobre esses dois segmentos da produção, únicos que o governo fiscaliza e impõe sanções em ordem direta.

A pergunta que muitos produtores fazem é se isso não representa uma política suicida para a economia nacional. A maioria concorda que sim. O setor primário é o responsável pela produção de alimentos, o que em qualquer país do mundo é considerado fator primordial e de segurança nacional. Mas no Brasil, parece, a alimentação não chega a ser considerada elemento essencial no conjunto das necessi-

dades básicas dos cidadãos.

O comportamento do governo, no mais das vezes, tem dado mostras de um desinteresse muito grande para com esse fator de subsistência, que é básico para a paz social, em qualquer país do mundo. Os arrozeiros prometem lutar contra isso. Estão cada vez mais unidos para exigir preço justo por sua produção e tratamento mais decente da parte do governo. É a lição que se deve retirar do boicote, suspenso, temporariamente, em vista da promessa das autoridades de examinarem as reivindicações feitas, mas que pode ser retomado caso a solução encontrada não venha a ser satisfatória, é o que prometem os orizicultores.

Aberto a todas as pessoas interessadas em conhecer o Núcleo, o funcionamento dos seus estatutos e filiar-

se a ele, o Nesc, já avisa que as reuniões de estudo e assembleias regulares serão divulgadas pela imprensa local.

## SEMENTES COTRIJUÍ

SEMENTES FISCALIZADAS DE SOJA DE DIFERENTES CULTIVARES VOCÊ ENCONTRA EM:

**FERTIVEL**

Com. e Representações Agrícolas Ltda.

Tv. Tancredo Neves, 32  
ENGENHEIRO BELTRÃO - PR  
Fone (0448) 32 12 89

# DINAMUTILIN<sup>®</sup> SQUIBB

- Único antibiótico de ação simultânea na Pneumonia Enzoótica e Disenteria Suína.
- Poderoso promotor de crescimento para as fases pré-inicial, inicial e de crescimento.
- Duas formulações: — Para ração peletizada  
— Para ração farelada
- Não induz à resistência cruzada
- Produto de uso exclusivamente veterinário

Telefones: Belo Horizonte (031) 201-1991 - Curitiba (041) 223-8128 - Porto Alegre (0512) 42-6956 - Recife (081) 221-2651 - São Paulo (011) 241-8513.

Gostaria de receber gratuitamente maiores informações sobre DINAMUTILIN.

NOME: \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ CIDADE: \_\_\_\_\_

ESTADO: \_\_\_\_\_

Recorte o cupom acima e envie para:  
SQUIBB INDÚSTRIA QUÍMICA S/A  
Av. João Dias, 1084 - Sto. Amaro - 04724 - São Paulo - SP



# Jóia amplia seu projeto

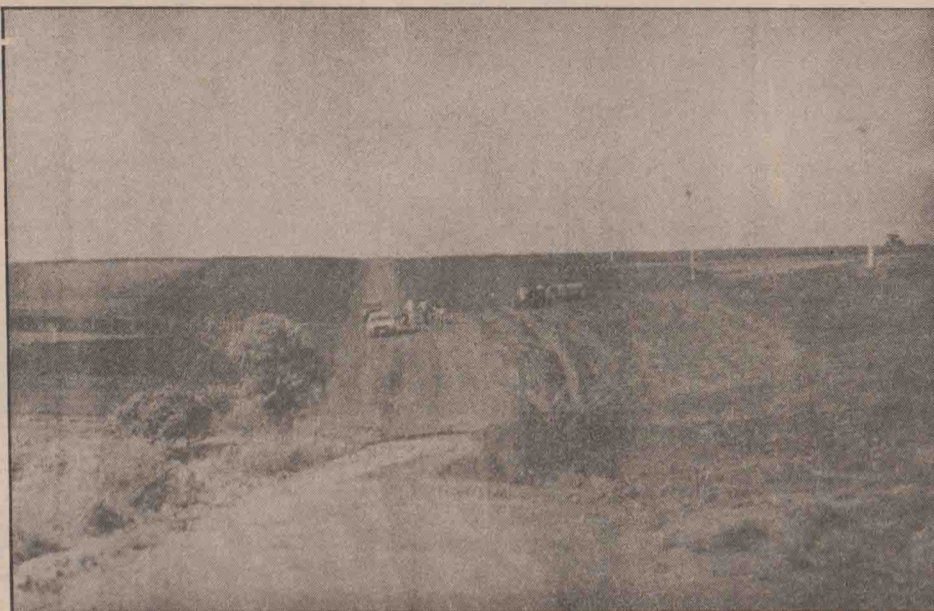
A partir de um trabalho pioneiro na Esquina Coronel Lima, outras localidades do município passam a trabalhar a terra dentro de um projeto conservacionista

Desde que foi criada a Comissão de Solos, em 1987, o município de Jóia tem registrado bons resultados em produtividade, obtidos principalmente naquelas propriedades pioneiras no trabalho conservacionista. Na localidade de Coronel Lima, onde foi iniciado o projeto de Microbacia, alguns produtores tem conseguido médias bem superiores a safras anteriores em função da construção de terraços em nível, correção da acidez e fertilidade do solo, e da adoção de práticas de manejo adequadas, revertendo o processo de degradação do solo antes existente.

"Hoje este trabalho já se ampliou para seis propriedades totalizando 96 hectares terraceados e bem conduzidos", relatam os agrônomos da Cotrijuí e da Secretaria Municipal da Agricultura, que estão acompanhando o serviço nas propriedades pioneiras de Hermes Coró, Doraci Conceição, Honório e Devanir Burtet, Ari Görgen, e dando início em outras propriedades.

## SEGUINDO O EXEMPLO

A continuidade do projeto de recuperação e conservação do solo já se estende para outras localidades, devido a divulgação, a extensão e especialmente a possibilidade de aumentar a produtividade e melhorar o aproveitamento da propriedade. "O produtor em geral está sentindo a necessidade de utilizar tecnologias adequadas para a obtenção de maior retorno por área plantada e melhorar as condições do solo", salienta Jorge Dornelles, ao destacar algumas médias de colheita de 45 sacos por hectare na última safra, contra os 25 colhidos em safras passadas.



Ari Görgen



Derli Mattana

## CONTINUAÇÃO EM SÃO JOSÉ

Como os produtores de Coronel Lima, um grupo de 13 produtores da localidade de São José aderiu ao projeto conservacionista do município. Empenhados em terracear as suas lavouras e recuperar as áreas erodidas, produtores como Derli e Darci Mattana, Ibani Cremmer e Lauri Andreatta já discutem objetivos fundamentais do projeto que visa incrementar a produção agropecuária, através da redução dos processos de degradação do solo, da maior disponibilidade de água que diminui os riscos da seca, e ainda incentiva a organização associativa.

Apesar do número reduzido de maquinário utilizado, que muitas vezes dificulta a prestação de serviços solicitada pelos produtores, a continuação do projeto em São José está se ampliando e já conta hoje com 237 hectares nivelados. "Acho importante esta iniciativa, porque sempre procurei trabalhar bem a terra", afirma Derli Mattana que possui 33 hectares de sua propriedade envolvidos no projeto e tem algumas experiências compensadoras resultantes do manejo adequado, como rotação de culturas, pastagens e plantio direto.



Darci Mattana, Lauri Andreatta e Ibani Cremmer: envolvidos com o melhoramento do solo



Antônio Carlos Conceição

Devanir Burtet e Ari Görgen são dois produtores que entraram firme neste trabalho no ano passado, e já prometem a si mesmos médias bem superiores às obtidas neste ano. Ari, por exemplo, que possui 10 hectares e faz rotação de culturas, plantou sete hectares de soja, dos quais colheu 41 sacos por hectare, mas não se contenta com isso. "Eu ainda acho pouco", diz ele completando que quer "tudo o que a terra pode dar".

Para alcançar este objetivo, o produtor sabe que

ainda tem outras etapas a serem concluídas dentro de um orçamento magro que sai da propriedade. Mesmo assim, ele planeja deixar a palha de trigo para fazer plantio direto no verão. Essa falta de recursos também é apontada pelo representante da Unidade, Antônio Carlos Conceição, que junto com o pai e mais um irmão, está complementando o trabalho em sua propriedade.

"A melhor saída é fazer tudo aos poucos", explica

Conceição, contando que a área corrigida poderia ser bem maior. No entanto, como ele foi um dos beneficiados pela anistia bancária determinada pela Constituição, não teve autorização do Banco do Brasil para liberação do financiamento que integra o Programa de Recuperação do Solo, e portanto, se viu obrigado a corrigir uma área menor por conta própria. Apesar disso, o produtor que já planeja plantio direto para a próxima safra de verão, diz que esse investimento é lucro certo no futuro.

# A LINHA FORTE PARA ACABAR COM TODAS AS INFECCÇÕES.

AGROVET	GANATET	TALCIN	GANASEG
O antibiótico completo	Um produto, dois resultados: Piroplasmose e Anaplasmosse	Infecção e Febre tem os minutos contados.	O fim rápido da tristeza Piroplasmose
			

Italo Horizonte (031)201-1991 • Curitiba (041)223-8128 • Porto Alegre (0512)42-6956 • Recife (081)221-2651 • São Paulo (011)241-8513

*Há 10 anos atrás, a Cotrijuí, num trabalho pioneiro, deu início a um novo processo de representatividade de seu quadro social. Chegava ao fim as grandes assembléias tumultuadas e de poucas discussões, os churrascos, e as chapas dos conselhos de Administração e Fiscal feitas às pressas. O poder e a decisão começaram a ser divididos com os associados*



Em 1980, uma das muitas reuniões dos representantes para discutir o fortalecimento do novo sistema

## Trabalho de 10 anos

“Vamos ter, pelo menos, o direito e a oportunidade de tirar alguém do nosso meio para nos representar”. Essa afirmação foi feita há exatamente 10 anos atrás pelo agricultor Augusto da Silva, morador de Mauá, interior do município de Ijuí ao final do 2º Seminário Central de Produtores Rurais sobre a Estrutura do Poder, realizado no dia 31 de março de 1979. Era a arrancada para uma nova caminhada dentro da Cotrijuí.

Como tudo começou exatamente, poucos ainda lembram com clareza. O que se sabe é que, ainda bem antes da realização do 1º Seminário — dezembro de 1978 —, o assunto já vinha passando pela discussão do quadro social nas reuniões de núcleos, nos encontros pela igreja, ou nas canchas de bochas. Já naquela época, os 18 mil associados da Cotrijuí sentiam a necessidade de encontrar formas de participação. Eles queriam fazer parte das decisões da cooperativa. Mas o assunto só pegou o rumo mesmo a partir da realização do 2º Seminário, quando os associados discutiram e aprovaram a proposta apresentada pelo Conselho de Administração. A proposta resumia em 15 pontos, os anseios dos produtores associados. Ela não mexia com os Estatutos da Cooperativa, pois uma reforma tributária ficava na dependência de uma Assembléia Geral. Era todo um trabalho oficioso, em caráter experimental, que a Cotrijuí começava a colocar em prática. A oficialização era um passo para mais adiante, para depois que o sistema estivesse muito bem fortificado entre o quadro social.

As reclamações dos associados, na época, eram sempre as mesmas. “As assembléias, se alguém fala errado, os outros fazem gozações. . . Há muita gente e muito barulho. . .”. “A assembléia é um senta-levanta. Está provado. É que nem revólver, puxa o gatilho e sai o tiro. . .”. “O tempo é rápido

demaís para votar. Nem dá tempo para descruzar as pernas. . .”. “O voto deve ser secreto na assembléia”. “Fazer minis-assembléias distritais”. “Fazer as assembléias em dois dias: um para discutir, outro para votar”. “Antes da assembléia, publicar os assuntos no jornal e discutir amplamente com os agricultores”. “Os líderes de núcleos podem representar os associados nas assembléias”.

A história das assembléias muito grande, reunindo mais de três mil produtores e do churrasco ao meio-dia ou do coquetel no final da tarde, deu muito o que falar. E todas estas questões, que não foram levantadas apenas durante a realização do 2º Seminário, mas que já vinham sendo reclamadas e criticadas nas próprias reuniões de núcleos serviram para reforçar a idéia de que, mesmo tendo outros assuntos importantes em pauta — capitalização, expansão da cooperativa e diversificação da produção — a prioridade, a partir daquele dia 31 de março era a Estrutura do Poder.

Assim, depois de debatida e aprovada a proposta apresentada pelo Conselho de Administração, foi marcada a primeira eleição, quando então, deveria ser eleito um representante para cada grupo de 300 associados. A eleição aconteceu entre os dias 5 a 12 de maio e teve de tudo e um pouco: campanha, discursos, comícios e mobilização de grande parte do quadro social apto a votar. 12.401 associados passaram pelas urnas, garantindo um percentual de comparecimento de 50,14 por cento. Era a representatividade do quadro social que começava a nascer, dando fim aos churrascos e as assembléias conturbadas.

Estes novos representantes tinham como função principal, já que foram eleitos em caráter provisório, organizar a chapa dos Conselhos de Administração e Fiscal para as eleições que se realizariam em março de 1980 e, ainda enca-

minhar e coordenar a discussão sobre a Estrutura do Poder, definindo duração de mandato, quórum, número de representantes, plebiscito, entre outras atribuições. Dois representantes biônicos, saídos do Conselho de Administração, ajudaram no trabalho de encaminhamento da Estrutura do Poder, pelo menos nesta primeira fase.

O processo de Estrutura do Poder foi assunto para muita reunião de núcleo e de conversa de domingo, depois desse 2º Seminário. Não só ganhou a colônia, como também os campos de Dom Pedrito e o cerrado. A discussão ganhou a boca do povo e culminou com a primeira eleição para o Conselho de Representantes, realizada em dezembro de 1980, elegendo, desta vez, um representante para cada grupo de 150 associados. Os novos representantes — em número de 128 — começaram a trabalhar com suas atribuições definidas em regimento interno.

“É justamente a partir desta eleição que começa a prática da Estrutura do Poder dentro da Cotrijuí”, fala Rui Polidoro Pinto, hoje vice-presidente da Fecotrigo, mas na ocasião diretor da Área de Comunicação e Educação da Cotrijuí. O Rui Polidoro participou de todo o trabalho de discussão e implantação do sistema de Estrutura do Poder dentro da Cotrijuí.

A votação, nesta primeira eleição, aconteceu durante vários dias e o representante recebeu votos em todas as Unidades da Cotrijuí. Atualmente, este sistema funciona diferente. O representante só soma os votos obtidos na sua Unidade.

### O “SIM” DOS ASSOCIADOS

Mas foi em agosto de 1984 que o quadro social da Cotrijuí incorporou a Estrutura do Poder aos estatutos da Cotrijuí. Dos 7.417 associados que compareceram às urnas, 6.422 disseram “sim” ao sistema de representatividade que vinha sendo colocado em

prática desde 1979. O plebiscito também referendou algumas alterações no Regimento Interno ratificadas mais tarde pela Assembléia. “O mais importante, no entanto, destacava Rui Polidoro na ocasião, é que antes das decisões serem tomadas, os representantes cumprirão uma tarefa decisiva, promovendo a troca de idéias em seus núcleos. É através deste trabalho que o associado poderá acompanhar mais de perto e de forma permanente, tudo o que acontece na sua cooperativa, no seu dia-a-dia e contribuir para que a postura da Cotrijuí reflita a posição do seu quadro social”.

### O RECONHECIMENTO

O Rui lembra muito bem até hoje do “sem número” de viagens que a direção da Cotrijuí, na época encabeçada por Ruben Ilgenfritz da Silva fez a Porto Alegre e Brasília, para discutir e levar até o Incra, o processo que tentava regularizar a prática. “Foram muitas discussões, reuniões e relatórios. Tentávamos convencer os assessores do hoje extinto Incra, de que a Estrutura do Poder, no seu aspecto legítimo já estava consagrado. Só podia ser ilegal por uma questão meramente cartorial. O reconhecimento oficial da Estrutura do Poder na Cotrijuí só saiu, na verdade, alguns dias antes da saída de Ruben Ilgenfritz da cooperativa e da sua mudança de casa, passando então, para o Ministério da Agricultura. A aprovação aconteceu por decurso de prazo. “O próprio procurador do Incra, de Porto Alegre, deu o visto de aprovação por decurso de prazo, lembra. Foi uma questão de sorte, já que, em função da eleição e doenças do ex-presidente Tancredo Neves, o país andava meio parado”.

### ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

Rui Polidoro vê no estatuto da cooperativa três pontos muito importantes que

merecem destaque. Um destes pontos diz respeito ao voto do representante. “Ele não é o delegado dos associados que o elegeram e, embora tenha sido eleito por 30/40 votos, representa apenas um”. Levanta ainda a questão da realização das assembléias que podem ocorrer em locais e dias diferentes a da expansão da cooperativa. “A Cotrijuí, ressalta, só pode expandir, incorporar áreas ou desmembrar, depois da realização de um plebiscito. É decisão sacramentada pelo Estatuto”.

Considera tanto o Estatuto como o Regimento Interno enxutos e objetivos, “de poucos artigos”. Tanto um como o outro só contemplam o essencial”, fala acrescentando ainda que, pouca coisa deverá ser mudada com a aprovação da nova lei do cooperativismo. “Inclusive as alterações feitas recentemente no regimento interno, representam a sacramentação da prática que já vinha sendo feita”, diz citando como exemplo a criação da figura dos coordenadores geral e regional, entre outras.

Para o vice-presidente da Fecotrigo, o Estatuto, depois de regulamentada a lei do Cooperativismo Brasileiro, vai representar a grande força de uma cooperativa. Ele irá determinar, por exemplo, o período de mandato dos diretores, o número de dirigentes, tipo de organização administrativa, tipo de assembléia, a representatividade de cada uma. “O Estatuto vai ter, realmente, uma grande força dentro das cooperativas. E isso a Cotrijuí já vem fazendo ao longo destes 10 anos de Estrutura do Poder, reforça, garantindo que ela nada mais fez do que procurar sistematizar de forma racional essas grandes questões”. É isso que temos de continuar fazendo daqui para frente: tentar estar em sintonia com os problemas da base, os anseios da administração, da conjuntura como um todo”.

## Reserva técnica

"Conselho de Representantes é, pela sua característica de atuação dentro da Cotrijuí, a grande reserva técnica de recursos humanos. Não tenho dúvidas que é do Conselho de Representantes que vão sair os administradores do futuro", prevê o vice-presidente da Fecotrigo, Rui Polidoro Pinto ao destacar a importância da contribuição dos representantes na administração de uma cooperativa. Esse é um fato, por exemplo, que já vem acontecendo na própria Cotrijuí, onde hoje, os atuais conselheiros, de administração e fiscal, são oriundos do Conselho de Representantes. "Dentro da Cotrijuí esta idéia já está meio que sacramentada. Quem não passar pelas urnas e não pegar uma certa experiência como representante não vai ter vez na administração da cooperativa", reforça apontando, no entanto, uma outra questão também já detectada pela própria direção da Cotrijuí: a de instrumentalização e intelectualização do quadro social.

A Estrutura do Poder representou, na verdade, uma grande virada na vida da Cotrijuí. Foi o fim do sentar e organizar chapas. "A Estrutura do Poder deu um fim a esta situação que, na maioria das vezes, só leva críticas do quadro social. Hoje é a direção que tem de ir atrás dos representantes para saber como o processo eleitoral vai se encaminhar. O poder saiu dessa área de formação de chapa às pressas e de fundo de corredor e passou para as mãos do representante.

### UM CERTO DISTANCIAMENTO

Apesar de toda a virada que a Estrutura do Poder promoveu dentro da Cooperativa, o vice-presidente da Fecotrigo, há apenas três meses afastado da diretoria Cotrijuí, depois de 17 anos de atuação admite que atualmente está acontecendo um certo distanciamento entre o Conselho de Representantes e o quadro social. Diz que a direção pode assumir parte desta responsabilidade por ter meio que se descuidado da atuação do representante, da sua função política. "Faltou um acompanhamento, pois não podemos jogar o representante sozinho diante do quadro social. Essa situação pode levá-lo, e é o que deve estar ocorrendo, a um desgaste

frente a sociedade e aos agricultores como um todo, principalmente se ele ainda não tem condições de vencer problemas internos sem chegar a um confronto com todo o quadro social". Ele não tem condições de dar uma resposta a curto prazo. Me parece que, nestas situações, a direção tem que estar junto com o representante, no sentido de melhorar a resposta e a informação a ser levada ao quadro social.

Diante desse certo desgaste já detectado não apenas dentro da Cotrijuí, mas também em outras cooperativas que já implantaram sistema de representatividade semelhantes, Rui Polidoro sugere, como forma até de resgatar o que já foi feito até agora, a eleição de algumas prioridades e mudanças de discursos. Vê a questão da discussão da autonomia das unidades e uma mudança no discurso da comunicação como relevantes. Diz que a autonomia política das unidades de cada setor da cooperativa vai levar o representante a contribuir de forma efetiva na administração da sua unidade. "Na medida em que conseguirmos vencer as dúvidas na administração política, com clareza e transparência suficientes de cada unidade, como no caso da Cotrijuí, o representante possa exercer sua atividade, isso vai propiciar a integração econômica, que é fundamental para a sobrevivência das cooperativas".

Ao defender uma mudança completa no discurso da comunicação, diz que o tempo do apelo, do critério de justiça e do solidarismo já passou. De certas denúncias que hoje a sociedade faz abertamente e muito melhor do que nós, diz pregando a necessidade de centrar a discussão pelo lado econômico. Ou melhor: em cima da unidade econômica produtiva. Sabe que essa discussão pode mexer com grupos de maior poder, em função até da maior produção. Mas diz que esta gama deveria estar representada dentro da estrutura política. "Não estou dizendo que é pelo tamanho da propriedade ou pelo volume de produção. Sou de opinião que se teria de criar condições para que estas pessoas também participassem das decisões, já que se pretende dar maior autonomia política e decisória para determinadas questões da



Rui Polidoro Pinto

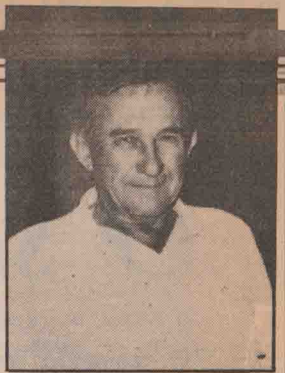
vida da cooperativa".

### AVANÇOS E RECUOS

O trabalho com a mulher agricultora sempre existiu dentro da Cotrijuí e teve avanços significativos em determinadas épocas. No entanto, por incrível que pareça e apesar da mulher se fazer presente em todas as discussões da vida da cooperativa, ela ainda não conseguiu eleger uma representante feminina para o Conselho de Representantes. Para o Rui Polidoro, a explicação é muito simples: o rápido crescimento da participação da mulher "assustou um pouco". Recorda as reuniões de mulheres feitas em Tenente Portela, Santo Augusto, Augusto Pestana, que chegaram a juntar, num só dia, mais de mil participantes "discutindo grandes questões, não só da vida da cooperativa, mas da sociedade como um todo. "Isso levou a grandes interrogações: como continuar com esse trabalho? Onde vai dar essa participação? Resultado: o processo ficou um pouco brechado, "mas o sindicato está entrando firme nesse trabalho que começou pela Cotrijuí". Primeiro, alguns preconceitos terão que ser vencidos e a organização da mulher ainda vai demandar tempo".

Para Polidoro, a pregação inicial era a de que o voto fosse familiar. Um ou dois por matrícula, com direito a voto marido e mulher. Ou um ou outro ou os dois, sem nunca fracionar a unidade familiar". Essa foi a idéia levado para o Congresso Brasileiro de Cooperativismo realizado no ano passado, em Brasília. Mas o Congresso entendeu e aprovou que seja apenas um voto, representado pelo chefe do casal que tanto pode ser o homem como a mulher. É um voto por matrícula que pode ser exercido por membros da unidade familiar.

## Falta idealismo



José Adams

O associado José Henrique Adams, de Maracaju, foi um dos primeiros representantes eleitos pelo quadro social da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul. Radicado no Estado desde o início da década de 70, ele tem muitas histórias para contar e lembra com um certo orgulho que sua família foi a segunda de gaúchos a chegar na localidade. Naquela época, lembra ele, ninguém plantava e nem sequer conhecia soja. Até adubo era difícil de se conseguir porque muito pouca gente tinha conhecimento do produto e praticamente ninguém o utilizava na lavoura.

Adams foi um dos fundadores da antiga Coopemara - Cooperativa Mista Agrícola de Maracaju e exercia também a função de conselheiro da entidade. Quando começaram os primeiros contatos para a incorporação da cooperativa pela Cotrijuí, Adams foi um dos maiores defensores da idéia. Em 1979 a transação já tinha se concretizado e em seguida a cooperativa realizou eleições para a escolha dos primeiros representantes, em todas as suas áreas de atuação. A eleição aconteceu também em Maracaju, e Adams foi o representante mais votado.

A principal reivindicação dos agricultores naqueles tempos era a construção de armazéns, diz ele, pois a estrutura que havia sido montada pela Coopemara se tornava insuficiente diante do constante crescimento da agricultura na região. Estas solicitações permanentes dos representantes do Mato Grosso do Sul, impeliram os conselheiros administrativos da Cotrijuí de Dom Pedrito e Ijuí a virem conhecer a região. Daí para a frente as coisas começaram a melhorar, uma vez que a cooperativa realmente priorizou a implantação de uma rede de armazenagem compatível com a realidade local.

Adams avalia como fundamental o papel que os representantes exerciam naqueles tempos, porque realmente eram reivindicadas melhorias que beneficiariam toda a comunidade. Hoje, entretanto, ele tem sérias restrições a fazer e acha que a participação efetiva dos associados tem sido muito inexpressiva, sem idealismo e desprovida do espírito cooperativista. Hoje, continua o associado, o grande produtor rural representa uma parcela significativa no contexto regional, e estes não precisam tanto da cooperativa, pois estão em condições de terem suas próprias estruturas. Ele ressalta, entretanto, que naquela época a participação era maior, porque praticamente não existia concorrência de outras empresas.

Sobre a situação atual, que inclui a eleição para representantes em agosto, Adams dá algumas sugestões. No seu ponto de vista a cooperativa deveria realizar uma prévia para os candidatos ao cargo, ou ainda a sugestão de que cada representante atual indique um associado para substituí-lo. A cooperativa deveria buscar formas de atrair novamente a participação do quadro social, e ele conclui afirmando que agora a Cotrijuí está no caminho certo com seus planos de diversificação, ajudando com isto o pequeno agricultor a ter várias fontes de renda e dependendo cada vez menos de bancos para custear suas atividades.

## Sementes Cotrijuí

SEMENTES FISCALIZADAS DE SOJA DE DIFERENTES CULTIVARES VOCÊ ENCONTRA EM:

**DELANTONI E MAZOTT LTDA**

Av. Gastão Vidigal, 526 - Jussara/PR  
Fone (0447) 28-1121

**CARROCERIAS  
GARZELLA**

Povoado Santana, Rodovia RS-155 - Ijuí  
Rua 20 de Setembro, 45 - Fone 332-4383  
(ao lado de João Klett e Cia. Ltda.)

CARROCERIAS NOVAS,  
GRANELEIRAS,  
BOIADEIRAS,  
PORCADEIRAS, CARRETA  
3 EIXOS, CARRETAS  
AGRÍCOLAS E REFORMAS  
EM GERAL.

Garantia e tradição com  
qualidade.



# O sentido político da organização

"O momento político em que se vive no país mostra que a necessidade de organização é cada vez maior. Se nós efetivamente desejarmos permanecer em regime democrático, de alternância do poder, de participação de todos os segmentos da sociedade, é fundamental que esta sociedade se organize, que enxergue um pouco mais além de suas necessidades pessoais, imediatistas, fazendo um grande esforço no sentido de ver o conjunto global dos interesses do país". Falando sobre a necessidade de organização da sociedade, Ruben Ilgenfritz da Silva, ex-presidente da Cotrijuí, ex-Secretário Geral do Ministério da Agricultura e ex-presidente do Incra, abriu o Fórum de Discussões sobre a Cotrijuí e a Estrutura do Poder. O Fórum de Discussões aconteceu nos dias 10 e 11 de maio, na sede da Afucotri de Ijuí e reuniu apenas funcionários da Cotrijuí.

"A organização da sociedade é a força deste país", disse ainda Ruben Ilgenfritz. Se ficarmos, tanto a nível nacional como local, esperando que, dentro de nossa organização, apareçam mecanismos que interpretem e resolvam nossos problemas, nossas decisões do dia-a-dia, estaremos tomando posições totalitárias. Estaremos nos resumindo à condição de objetos e não de agentes do processo".

## MUITOS MOMENTOS

Lembrou que a própria história da Cotrijuí passou por muitos momentos, assinalados por anos difíceis, de euforia, de facilidades de investimentos, de abundância de capital de giro e também de muitas restrições. Atualmente, apontou, a Regional Pioneira vive o momento da retomada da fertilidade, do respeito ao solo, da produtividade. Certamente que, se o clima ajudar, vamos conseguir sobreviver nesse processo muito melhor do que se estivéssemos esperando por decisões do governo".

Ruben Ilgenfritz reconhece que, dentro da Cotrijuí, já existe uma consciência de que a organização passa pela



Para Ruben Ilgenfritz da Silva a organização passa pela participação

participação. E essa participação, na sua visão de produtor, não só gera decisões, como também leva a conquistas e ao bem-estar social, onde entende estão incluídas as oportunidades razoavelmente distribuídas, a relação capital e trabalho de forma organizada, os salários condizentes, os valores de mercado remunerando suficientemente o produtor, entre outras. Todas estas questões, aponta, definem particularmente uma coisa: a qualidade de nossa participação, de nosso entendimento nesse processo global".

Como produtor associado e ex-presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz credita muito dessa vitalidade, da quase independência financeira da cooperativa, não apenas ao miscenismo de seus dirigentes, mas muito particularmente a participação do seu quadro social. "Existe uma camada muito grande de associados da Cotrijuí que tem orgulho de pertencer a esta cooperativa, disse lembrando ao mesmo tempo que só pode avaliar melhor a importância de uma organização cooperativa em seu meio, aquele produtor que vive longe de uma cooperativa. "E, muitas vezes, estando ao lado de-

la, convivendo com ela, não lhes damos o devido valor", reforça.

## PREOCUPAÇÕES

Nessa caminhada toda de Estrutura do Poder, iniciada há 10 anos atrás, como forma de organização do produtor, o ex-presidente da Cotrijuí levanta uma preocupação colocada em dois níveis diferentes: uma situação dentro de casa e outra de casa para fora. "Infelizmente, nós ainda estamos carentes de um sistema cooperativa. Temos uma série de organizações cooperativas, mas ainda não geramos nenhuma ideologia, não chegamos a formar princípios comuns", observa, lastimando as competições que existem entre as próprias cooperativas. "Elas só se aproximam quando ocorrem adversidades", disse citando, no entanto, a atitude exemplar que a Cotrijuí tem mantido em relação a outras cooperativas irmãs.

É fundamental, segundo Ruben Ilgenfritz, que se tenha um tipo de organização que permita o fluxo normal das informações, "não com o ideologismo da informação, mas com a pureza técnica da informação. Pessoas bem informadas estão capacitadas a tomarem decisões corretas, que de-

vem ser popularizadas, democratizadas. Uma situação diferente leva a discussão de temas banais, fruto da desinformação ou de uma visão estreita que nada tem a ver com a realidade. Entende que esse processo precisa crescer e avançar no sentido mais amplo possível.

## VISÃO POLÍTICA

A Estrutura do Poder, dentro da cooperativa, segundo Ruben Ilgenfritz, peca sob certos aspectos por uma visão política local, de política de instituição, colocando, muitas vezes a cooperativa como capaz de resolver seus problemas. O produtor precisa entender que não é o presidente de uma cooperativa que tem de resolver questões do dólar ou do congelamento de preços do calcário, por exemplo. "Não é por aí que o produtor tem que andar e muito menos é o presidente da cooperativa que tem de andar dando estas explicações", disse mostrando-se preocupado com o fato de ainda hoje o produtor imaginar que, através de um relatório, abaixo-assinado ou passeata, possa resolver algum problema de política global.

Não descarta a participação da cooperativa nas discussões destas questões, mas acha que é a partir da Estrutura do Poder que a organização pode atingir uma política mais global, contemplada inclusive com a participação de todos os demais segmentos. Assinalou que muitas das reivindicações que até algum tempo atrás eram feitas e eram, inclusive, sérios problemas dentro da cooperativa, passam a ser resolvidos a partir da nova Constituição Brasileira. "O voto de crescer, de produzir, é um voto que precisamos assumir, destacou, e assinalou como muito importante os dois encontros realizados pela Cotrijuí no ano passado e que reuniram produtores e pesquisadores para debater plantio direto e silagem. "Foram encontros que reuniram quase 500 pessoas cada um, todas com vontade de discutir, de aprender coisas novas".

Ruben Ilgenfritz apon-

ta a pecuária leiteira como uma atividade que vem apresentando resultados satisfatórios na região, "organizada através de um conselho. Seria muito bom que nós tomássemos como exemplo essa atividade para resolver problemas com outros produtos como o trigo, a aveia, as culturas de verão". Como esses conselhos envolvem um número muito grande de produtores, vê nesta característica até a possibilidade de se tirar um conselho global, "pois precisamos, de uma forma muito particular e imediata, da participação de todos os produtores, sem fechar espaços para os médicos e nem para os grandes".

Acredita que, a partir do momento em que o produtor crescer conhecendo melhor o mundo em que está inserido, no sentido mais amplo possível, será mais fácil de encontrar o entendimento. "Troca de mesa ou de parede dentro de uma cooperativa, é uma questão de administração e não de representante. Problemas para todos nós, ressaltou ainda, é a produtividade que está acontecendo na região". Mas deixou claro que esta defesa por uma maior produtividade não significa a negação por uma agricultura alternativa, "que não tenhamos que ter uma tecnologia adaptada aos interesses e a realidade. Mas tem que existir um processo tecnológico. Se continuarmos como estamos, não vamos chegar a lugar nenhum", disse ele elogiando o programa de Conservação de Solos da Cotrijuí.

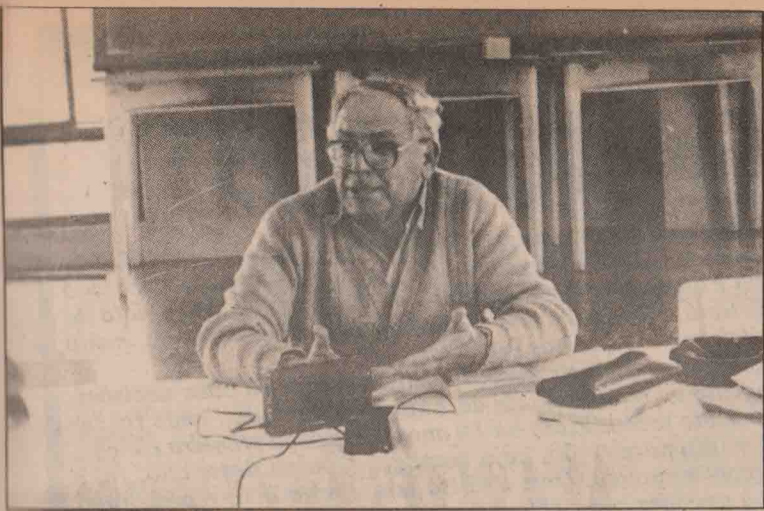
Para Ruben Ilgenfritz, a força de uma organização cooperativa se resume na maior ou menor riqueza da vida de seu quadro social. Na medida em que o quadro social empobrecer, inquestionavelmente a cooperativa também vai empobrecer. A fartura, o bem-estar social, é uma conquista universal, mas para chegarmos a isto, é necessário um mínimo de informações globalizadas das coisas que estão acontecendo. Esse é o sentido político da organização", finaliza.



## Jogou verde, colheu maduro

Aplique Uréia no trigo em cobertura. Mas aplique na hora por área plantada. Aplique Uréia. Você vai colher muitos lucros.

# Um pouco da história



Mario Osorio: o representante é um dos elementos dessa nova estrutura

O professor Mario Osorio Marques, da Unijuf, também participou do Fórum de Discussões sobre a Cotrijuf, falando sobre o "Sentido Social do Cooperativismo e a história do Movimento Comunitário de Base de Ijuí e a Estrutura do Poder". Puxando pelo lado da importância da memória histórica, Mario Osorio disse que sem ela, apenas fazemos círculos sob o mesmo centro". Comparada à alavanca com o seu ponto de apoio, a história é fundamental para o conhecimento de uma organização".

E, fundamentado na importância da história para a vida de um sistema, o professor procurou resga-

tar um pouco do significado do movimento cooperativista, surgido junto com o capitalismo. "No momento em que os pobres, os menos favorecidos se viram ameaçados pelo novo sistema que se estruturava, também procuraram se organizar.

## MUDANÇAS NA ECONOMIA

Foi justamente a partir de 1956, segundo o professor Mario Osorio, que ocorreram mudanças profundas na economia brasileira. Nesta época a estrutura produtiva sofreu alterações, "produzindo-se, conseqüentemente, um grande salto tecnológico, aliás, a grande novidade".

Era a passagem do capitalismo clássico — quando se faziam trocas desiguais — para o capitalismo tardio, caracterizado pela imposição da inovação tecnológica e pela internacionalização dos mercados internos e da economia como um todo.

Produz-se então, neste período, segundo o professor, tudo aquilo que era chamado de modernização da economia e, apesar das exigências do Estado e da grande empresa oligopólica, se fazia esta modernização em função das importações tecnológicas. "Fomos obrigados a nos adaptar a tecnologia importada, que não correspondia às nossas necessidades, empurrados pelo trigo, também responsável pela criação das cooperativas", explica.

## REVIRAVOLTA

Mas é a partir de 1976, segundo o professor Mario Osorio, que aconteceu uma nova reviravolta dentro da Cotrijuf. Passa-se a ativar novamente os núcleos, onde são levados a efeito grandes discussões e encaminhadas novas metas. Como resultado destas discussões chega-se à conclusão

que é preciso trabalhar três assuntos: terra, saúde e união de classe. Na

época o Setor de Comunicação e Educação da Cotrijuf, assessorado pelo então IEP — Instituto de Educação Permanente — que fazia todo um trabalho centrado na idéia de participação do quadro social e funcional. Apareceram os "seminários", tanto a nível de produtores como de funcionários", diz o professor lembrando os encontros realizados em Rio Grande, onde se procurou dar uma revitalização nas reuniões de núcleos, fazer uma avaliação dos serviços prestados pela cooperativa e do preparo das discussões sobre as políticas gerais que seriam objetos dos seminários com os produtores. Além dos seminários, os trabalhos de núcleo continuavam. Mas foi dos seminários que saíram quatro grandes temas: Estrutura do Poder, Expansão da Cooperativa, Diversificação e Capitalização.

Em 1979, conforme resgata Mario Osorio Marques, foram realizados 12 seminários para discutir a Estrutura do Poder, "tendo como resultante o estabelecimento de meca-

nismos de participação mais democrático para os 18 mil associados da cooperativa. Em 1980 o tema foi aprofundado, chegando-se a estrutura organizacional do poder colocado em dois níveis: eleições e/ou assembleias. E o representante era um dos elementos dessa nova estrutura de poder que se estabelecia para tratar das políticas globais da cooperativa. "A idéia, observa o professor, era a de que ele funcionasse fundamentalmente durante a realização das assembleias gerais, nas discussões dos grandes temas em pauta. "Mas isto não significa, alerta ainda que os representantes deviam reunir-se apenas por ocasião das assembleias. Pelo contrário, o Conselho deveria estar sempre organizado e em contato com os núcleos, discutindo seus problemas e sendo o canal dessas políticas". Num segundo nível aparece o setorial, onde estariam os conselhos específicos de produtores e os conselhos de consumidores. "Essa era a Estrutura de Poder discutida e aprovada em 1980, reafirma, lembrando, no entanto, que os conselhos de consumidores não conseguiram avançar.

OSWALDO OLMIRO MEOTTI

## Maior participação do produtor

"Tudo o que se tem de fazer ainda hoje, no sentido de se buscar uma maior participação do produtor dentro da cooperativa é, agora, uma imposição do atual momento político, econômico e jurídico em que vivemos". A afirmação é do diretor presidente da Cotrijuf, Oswaldo Olmiro Meotti ao falar sobre os 10 anos de Estrutura do Poder na cooperativa e admitir que ainda há muita coisa por fazer, sem desconsiderar, no entanto, todo o trabalho realizado até o momento. "Não gostaria de imaginar como estaria agora a situação da cooperativa e a participação do produtor se há 10 anos atrás não tivéssemos dado início ao trabalho de Estrutura do Poder que foi, inclusive, copiado por outras cooperativas".

Oswaldo Meotti entende que a Estrutura do Poder dentro da Cotrijuf é um sistema que se aprimora e evolui no seu dia-a-dia. "É um sistema administrativo que vai se modernizando, autoregulamentando e adaptando-se às condições da economia de mercado, especialmente agora em que vivemos um momento jurídico institucional". Por este moti-

vo, diz que hoje é praticamente impossível o produtor se dar ao luxo de apenas produzir grãos, hortigranjeiros e criar animais, sem se envolver com a política institucional. Esta não é mais uma tarefa apenas do governo ou das direções das cooperativas a que são filia-

dos. Acredita que essa nova ordem jurídica que impera no país, com as decisões partindo do próprio povo ou de seus representantes, vai também atingir os produtores que, obrigatoriamente, terão que se intelectualizar para poder enfrentar uma nova situação. "Como empresário, o produtor terá de mostrar competência na sua atividade", diz Meotti, reconhecendo que ainda é muito grande o distanciamento que existe entre agricultor e a realidade. Cita como exemplo desse distanciamento e desconhecimento do que ocorre a nível econômico e político do país, o fato de ainda hoje, o produtor debitar para as administrações das cooperativas questões como congelamento de preços dos produtos. Garante que toda essa intelectualização que se faz necessária, tem

primeiro que passar pelo entendimento da economia como um todo. Vê como responsabilidade das próprias cooperativas essa intelectualização do produtor. "É preciso fazer com que o seu alcance da ótica transcenda a sua propriedade ou a unidade da cooperativa onde opera".

## É PRECISO EVOLUIR

Meotti vê a questão da Estrutura do Poder dentro da cooperativa não apenas como um elo de ligação entre o produtor e sua cooperativa e vice-versa. Ela também deve representar a necessidade de evoluir rapidamente, sem se deixar envolver por pequenas questões, mas buscando entender a economia onde está inserido. O resultado dessa compreensão será o fortalecimento do sistema cooperativo que também se dará através de uma maior participação, não só econômica, mas também política". Diz ainda que o produtor precisa também entender que a economia de hoje não está mais para "francos atiradores". O produtor realmente vai ter que se especializar um pouco mais e entender a economia de forma global, "o que certamente de-

verá acontecer via autointelectualização, via compreensão do que é uma sociedade cooperativa".

Em sua análise, Meotti admite que o cooperativismo também é um pacote, "mas no bom sentido" e que, para ser próspero e sólido, tem que contar com a participação do produtor. E essa participação deve se dar em duas vias, representadas pela comercialização dos produtos e pelo fornecimento de insumos. "A cooperativa nasceu para ser o caminho mais curto entre a produção e o consumo, e o produtor deverá usá-la como fornecedora de tudo aquilo que necessitar para a sua propriedade, transformando-a também num elo de ligação da sua produção com o mercado. Entendo também que a cooperativa não deve representar o preço mais alto e nem o mais baixo. Ela deve representar a média do mercado". "É na cooperativa que o produtor deve chegar e deixar a sua produção, sem perguntar preço. E, se o preço estipulado não for favorável dentro desta média, ele terá, na sua casa, quorum para discutir mecânica, competência e

redirecionamento das atividades da cooperativa".

## NOVAS LIDERANÇAS

Meotti é a favor do surgimento de novas cabeças dentro do sistema, "já que hoje as lideranças são escassas". Mas criar novas lideranças, na sua opinião, é um "trabalho árduo", que deve acontecer através da Estrutura do Poder, de uma maior participação do produtor.

A realização de eleições para o conselho de representantes da Cotrijuf, a acontecer em agosto próximo é, segundo o diretor presidente, mais um passo em direção a purificação do sistema. "Esperamos que sejam eleitos autênticos representantes, efetivos participantes de reuniões, decisões, das atitudes da cooperativa, da sua política e economia. Não queremos que sejam eleitos "concordinos" que só sabem bater palmas. Não é desse tipo de representante que a cooperativa precisa. Ela quer um representante atuante, crítico, capaz de propor soluções e participar na maior amplitude possível da vida da cooperativa".

## ... e colheu bem o trigo porque aplicou Uréia.

certa. Você vai notar logo que sua lavoura de trigo vai ter muito mais produtividade



**PETROBRAS**

FERTILIZANTES S.A. - PETROFÉRTIL

ULTRAFÉRTIL • NITROFÉRTIL • ICC • FOSFÉRTIL • GOIASFÉRTIL

## Muitas reuniões



Anatalino dos Santos

O seu Anatalino Antônio dos Santos, um agricultor de 63 anos e associado da Cotrijuí há mais de 20 anos, foi um dos primeiros representantes. Não foi eleito na primeira leva, a de 1979, mas entrou na eleição seguinte, "quando nem mesmo o associado ainda tinha condições de entender muito bem o processo que começava, em caráter experimental, a ser implantado na cooperativa", recorda ele.

O que o representante e inclusive o quadro social sabia a respeito da Estrutura do Poder dentro da Cotrijuí, segundo o seu Anatalino, era de que buscava uma maior participação dos associados nas discussões dos assuntos que eram levados para as assembléias e o fim do churrasco. Associado aparecia nas assembléias, mas só começavam a chegar perto do fim, na hora do almoço, recorda. Mas diz que aos poucos, na medida em que o assunto perdeu seu caráter de novidade e começou a ganhar grandes discussões nas reuniões de núcleos ou nos seminários, a Estrutura do Poder foi se firmando.

Como um bom representante, seu Anatalino, um agricultor da localidade de Santa Lúcia, interior de Ijuí, gostava de conversar longas horas com os associados do seu núcleo. "O meu contato com os associados não ficava só nas discussões das reuniões que aconteciam nos núcleos. Sempre que podia, num encontro casual ou num domingo, no salão da comunidade, procurava repassar aos associados todas as informações que havia recebido na cooperativa", diz fazendo questão de deixar claro que sempre procurou ser um representante do quadro social e não da cooperativa. Também se orgulha de nunca ter tomado uma decisão sem antes consultar as suas bases.

Bem assim aconteceu durante a discussão para aprovação das alterações nos preços a serem pagos para a Unimed. "Durante a reunião para discussão do novo reajuste, nos recusamos a aprovar a proposta sem antes levar o assunto até as bases", conta seu Anatalino, lembrando que com essa atitude os representantes conseguiram adiar o reajuste por mais 30 dias. "Co-

mo eram os associados que estavam pagando, eles precisavam antes de tudo, ser informados sobre o assunto". Outros assuntos levantados pelo seu Anatalino e que geraram muita discussão, mas sempre chegaram a um bom termo, pelo menos para os associados de Santa Lúcia, foi a questão do pagamento do leite, que era feito só em Ijuí, do recebimento de laranjas e de pequenas quantidades de soja. "Conseguimos, com a direção, ressaltar, que o pagamento do leite fosse transferido para o Postinho da Cotrijuí em Santa Lúcia e que este também recebesse laranjas e pequenas quantidades de soja.

Para o seu Anatalino, a atuação do representante, pelo menos nos primeiros anos de implantação de Estrutura do Poder, contribuiu em muito para a entrega do produto. "O desvio de produção, que na época era grande, caiu bastante. O produtor passou a confiar mais na sua cooperativa. Ele passou a sentir-se mais perto da direção da cooperativa via atuação do seu representante", observa.

Mas os assuntos que mais deram o que fazer e que o seu Anatalino não esquece, dizia respeito ao perfil do representante e a escolha da chapa para a eleição do Conselho de Administração que aconteceu em 1982. Uma forte oposição rebatia a legitimidade do representante em formar as chapas, dizendo que ele estava tirando poder. Mas na verdade não era isso o que acontecia, porque os nomes que iam formar a chapa já haviam sido discutidos nas reuniões de núcleos. O que se queria, na verdade, era evitar que continuassem se formando as chapas de corredores, sempre às pressas, diz ele. Mas hoje, já fora do Conselho de Representante, seu Anatalino até acha que os próprios representantes deveriam rediscutir a questão do número de votos que elege cada diretoria. Ele acha que se fosse aumentado esse percentual de votantes em relação a todo o quadro social, ia aumentar ainda mais o compromisso dos associados em relação a cooperativa".

### PEDRO GUIOTTO

## Muito mais político

Eleito representante em 79, 80 e 83, Pedro Guiotto, um agricultor de 43 anos que planta junto com três irmãos na localidade de São Miguel, interior do município de Augusto Pestana, lembra muito bem ainda hoje da primeira eleição, "de caráter experimental". Nessa eleição, Augusto Pestana elegeu apenas quatro representantes — o Pedro, Oscar Hoerlle, João Hélio Tissot e o associado Álvaro Contri, já falecido. A proporção era de um representante para cada 300 associados. "Das três eleições em que participei, fui o representante mais votado de Augusto Pestana", conta o Pedro, atualmente suplente do Conselho de Administração da Cotrijuí. "Nunca saí em campanha. Pelo contrário. Sempre procurava pregar que todo associado apto a exercer seu direito de voto era também um candidato".

Pedro Guiotto não concorreu na eleição passada e nem poderá participar da próxima que se realiza em agosto. A experiência lhe mostrou que o trabalho do representante é muito maior nos núcleos do que dentro da cooperativa. Lembra o "sem número" de reuniões que promovia na sua localidade, discutindo questões relacionadas com a vida da cooperativa e, "conseqüentemente de todo o quadro social". Lamenta que hoje poucos se dêem ao luxo de participar de uma discussão ou de uma reunião. "Naquela época



Pedro Guiotto

o associado valorizava muito mais o representante", recorda, atribuindo todo este descrédito a uma política de desestímulo proporcionada por grupos interessados em desarticular a Estrutura do Poder dentro da Cotrijuí.

Uma virada nesta situação vai depender da atuação do próximo Conselho de Representantes, afirma o agricultor, colocando também nas mãos do quadro social, parte dessa responsabilidade. Diz que o associado precisa saber escolher muito bem o seu representante, "sob pena de ficar mal representado" e cobrar atuação. Considera que a Estrutura do Poder ainda é a melhor solução para uma cooperativa. "As responsabilidades são divididas e a cooperativa fica mais aberta, em condições de atuar de forma transparente". "Ovelhas negras" sempre existiram,

## Os "quero-queros do cooperativismo"

Associado há mais de 40 anos, desde os tempos da antiga IPECE — Indústria Pedritense de Carnes, Sociedade Cooperativa Ltda., o associado Francisco da Silva Farinha se revelou sempre um cooperativista convicto da importância do sistema, principalmente médios e pequenos produtores, numa sociedade de capitalismo em que nós lutamos.

Foi essa condição de antigo sócio e participativo em suas decisões, que o levou à condição de representante da Estrutura do Poder, onde foi su-pervisor de grupo, sendo reconduzido há 10 anos, desde sua primeira eleição, em 1979. Ainda na última eleição, cujo mandato termina neste ano, foi o mais votado dos representantes. Dom Pedrito tem direito a 15 representantes, o equivalente a um para cada 150 associados.

Seu Chico Farinha, como é mais conhecido em Dom Pedrito, tem muito orgulho de sua condição de associado participativo, pois, conforme faz questão de frisar, "sem a união de esforços e a participação coletiva, não se consegue fazer cooperativismo".

Ainda nesse sentido, recorda o período difícil vivido pelos pecuaristas do município, ao final da década de 70, quando a antiga Cooperativa Pedritense esteve à beira da falência, sendo salva pela Cotrijuí. Seu Chico conclama os companheiros associados para "juntos cerrarem fileiras em torno da Cotrijuí, segundo ele, para que nunca mais aconteça o mesmo."

Referindo-se a respeito do que considera a importância do quadro de representantes eleitos, usou de uma imagem bem gauchesca, ao dizer que os conselheiros simbolizam os quero-queros do cooperativismo, porque alertam a diretoria dos problemas que podem afetar tanto o sistema, em si, como os associados, de uma maneira geral.

### ALBERI NORONHA

## Distante das bases

Alberi Noronha, outro associado da Cotrijuí desde 1975, foi eleito representante pela primeira vez na segunda leva. Com muito orgulho, gosta de dizer que nunca fez campanha. "Sempre tive o meu nome indicado e apoiado pelos associados do meu núcleo", diz o associado de 43 anos, pai de três filhos e eleito representante por duas legislaturas consecutivas. Não participou da última eleição por entender que havia necessidade de renovação no Conselho. Resultado: Rincão da Ponte, núcleo do qual faz parte não conseguiu eleger nenhum representante.

Hoje, ao fazer uma avaliação de sua atuação como representante, Alberi acha que durante o primeiro período teve condições de realizar um trabalho mais proveitoso. "Era a euforia do novo". Na segunda legislatura o trabalho ficou mais difícil em função do distanciamento que, aos poucos, foi acontecendo entre o quadro social e o representante. Entende que havia uma expectativa muito grande por parte do quadro social em relação a atuação do representante. E essa expectativa nem sempre teve correspondência, até porque em muitos casos o associado buscava soluções para problemas que não estavam nem nas mãos da cooperativa e muito menos do representante.

Alberi lamenta que ainda hoje, grande parte dos associados debitem para a cooperativa questões conjunturais e estruturais. "Ele acha que é a

cooperativa a culpada por todo esse caos que existe em relação a política agrícola", observa. No seu entender, esta falta de respostas contribuiu para o afastamento do associado, embora não possa negar que, por algum tempo, o representante também tenha se distanciado de suas bases.



Alberi Noronha

Embora hoje não faça parte do atual Conselho de Representantes, Alberi Noronha não deixa de fazer algumas críticas em relação a atuação dos atuais representantes. Não tem dúvidas da importância da Estrutura do Poder dentro da Cotrijuí, até porque ela serviu para democratizar as decisões e discussões, mas adianta que, da forma como os representantes vêm atuando hoje, pouca coisa tem somado não só em prol da cooperativa como do próprio quadro social. "O distanciamento que senti na ocasião em que fui representante pela segunda vez é hoje, muito maior", diz Alberi, sugerindo uma sacudida no sistema. Como associado, reclama por um representante mais dinâmico e mais atuante. "Temos que brigar pelo trabalho que foi feito até agora. Não podemos nem sonhar em voltar ao antigo sistema das assembléias dos senta-e-levanta e das chapas feitas pelos corredores", finaliza.

prosegue. Basta o associado saber identificá-las e deixá-las de lado". Garante que um associado bem informado a respeito da sua cooperativa e também com conhecimento mais amplo em relação a política e economia que acontece não apenas na região, mas no país, tem condições de escolher muito bem o seu representante, "sem se deixar enganar".

Entende que o representante de hoje tem um papel muito mais político. "E precisa ser assim, pois ele tem o compromisso de mexer com a vida da cooperativa, do quadro social. É o representante que vai ajudar o gerente a administrar a sua Unidade, a tomar decisões, reforça. O futuro da cooperativa também depende da atuação do seu quadro social, não apenas na entrega da produção, mas na discussão de seu destino".

# O coletor de baculovírus

João Renato Ceolin, um associado da Cotrijuí em Rio Brilhante, encontrou um jeito fácil e barato de coletar lagartas da soja contaminadas pelo baculovírus anticarsia

O associado da Cotrijuí em Rio Brilhante, João Renato Barbosa Ceolin, teve uma destas idéias brilhantes, simples e fácil de ser posta em prática, que vai beneficiar muita gente. Ele inventou um método para coletar a lagarta da soja contaminada pelo baculovírus anticarsia.

João Renato conta que teve a idéia de projetar um equipamento para substituir o trabalho braçal, observando sua lavoura. Quando era preciso usar o trator na lavoura de soja, ele via que as lagartas doentes contaminadas pelo baculovírus, subiam no ponto mais alto da planta e caíam quando passava a máquina. Então Ceolin teve um estalo e pensou em colocar tábuas em forma de cocho na frente do trator, que serviriam para aparar as lagartas. Pegou algumas madeiras velhas que estavam sem utilidade na fazenda e montou o aparelho, acoplado ao trator.

A experiência foi bem sucedida e logo começou a ser copiada pelos vizinhos. A Empaer local também testou e aprovou o invento e já estuda



Ceolin inventou o coletor de lagartas...

a possibilidade de registrá-lo para que seu uso seja recomendado a todos agricultores que fazem utilização do baculovírus, através dos serviços prestados pela Extensão Rural.

O agricultor está muito satisfeito com o coletor, afirmando que seu custo é mínimo, uma vez que as únicas despesas são com a mão-de-obra do tratorista e o óleo para abastecer o trator. Além disso, a economia é bastante significativa, pois o serviço que dez homens levavam um dia para fazer, o coletor faz sozinho no mesmo período.

Em duas horas, salienta Ceolin, dá para fazer a coleta de lagartas numa área de 500 hectares. Ele tem usado uma média de 80 lagartas por hectare e lembra que o melhor período para coleta é entre o 7º e o 10º dia depois da aplicação.

O produtor começou a usar o baculovírus anticarsia em 87, a título de experiência numa área de 10 hectares. Hoje é um defensor deste método biológico para controlar as lagartas da soja. Na última safra aplicou o baculovírus nos 400 hectares que ocupou com soja e afirma que se a utilização for bem feita, dispensa o uso de



...que deve ser fixado na parte frontal do trator

produtos químicos. João Renato não fez os cálculos, mas acha que a economia para quem usa somente o baculovírus e dispensou os agrotóxicos, é muito grande, além de ser um método natural, pois não deixa resíduos na lavoura e nem mata os inimigos naturais da planta. Mas ressalta que o produtor deve estar de olho no desenvolvimento da plantação para ver a hora certa de aplicar o baculovírus. Ele mesmo não usou no ano passa-

do por causa das condições climáticas. Já nesta safra aplicou somente o baculovírus e o rendimento da lavoura foi de 46 sacas por hectare.

Vale lembrar que a recomendação técnica diz que o baculovírus deve ser aplicado à proporção de 15 gramas por hectare, quando a maioria das lagartas possuem tamanhos não superior a 1,5 cm e o número de lagartas esteja em torno de vinte por batida de pano.

## Sementes Cotrijuí

SEMENTES FISCALIZADAS DE SOJA DE DIFERENTES CULTIVARES  
VOCÊ ENCONTRA EM:

**COTRIGO — Com. Agrícola Ltda.**

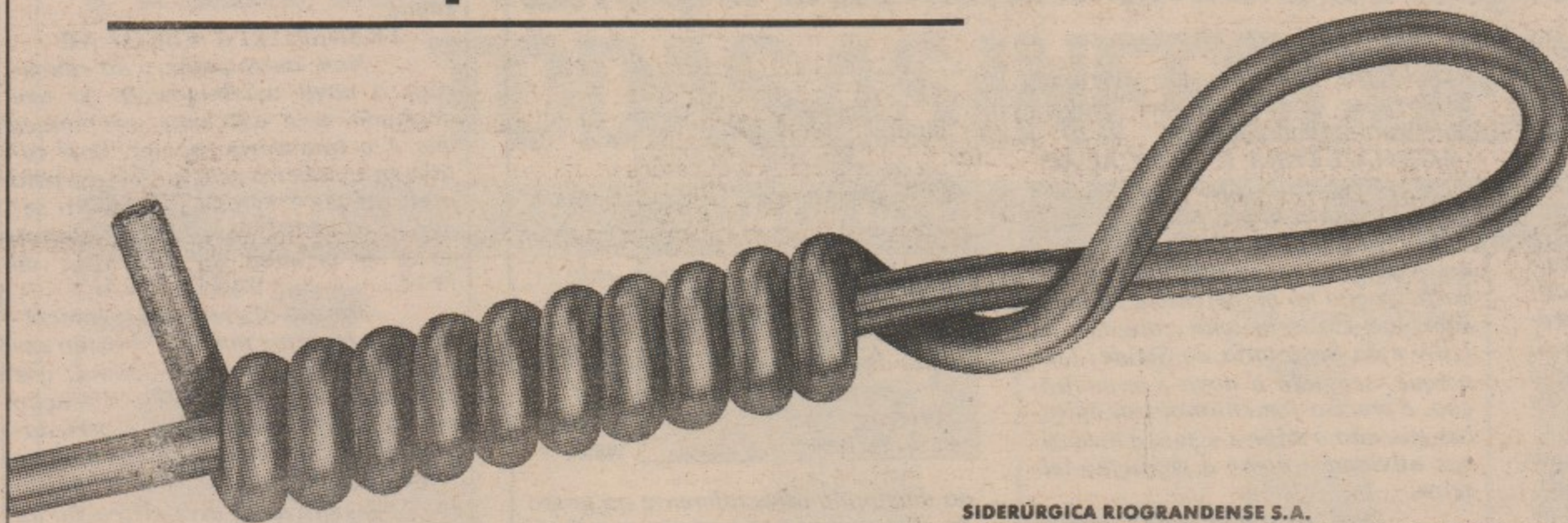
Av. Paranavaí, 326 — MARINGÁ - PR  
Fone (0442) 24-2065

# Tenaz é mesmo um vencedor de qualidade. A torcida está de prova.

Cada rolo do arame ovalado Tenaz vem com um teste de enrolamento, em que o fio é torcido mecanicamente a uma tensão muitas vezes maior que em qualquer condição normal de uso.

Isso é uma prova de flexibilidade e resistência para enfrentar as condições mais duras.

Tenaz protege mesmo, e sem ferir o rebanho. Um vencedor de qualidade, para uma cerca inteligente.



SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S.A.  
Av. Borges de Medeiros, 650 - Sapucaia do Sul - RS - CEP: 93200 - TEL.: (0512) 73-1288.  
COMPANHIA SIDERÚRGICA DA GUANABARA - COSIGUA.  
Av. João XXIII, 6.777 - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 23568 - TEL.: (021) 305-1515.  
SIDERÚRGICA AÇONORTE S.A.  
BR 232, Km 12,7 - Recife - PE - CEP: 50791 - TEL.: (081) 251-3488.



PP 025/89

Standard

# Mais quatro prefeituras apresentam prioridades

Dessa vez é Coronel Bicaco, Braga, Redentora e Tenente Portela. Em quase todas elas, o assunto mais polêmico é a municipalização da saúde, muito defendida por uns e bastante duvidosa para outros

## CORONEL BICACO

### Maior destaque ao setor agrícola

Muito mal. Essa é a avaliação que o novo prefeito de Coronel Bicaco, Jacy Luciano de Souza, ex-conselheiro da Cotrijuí e também ex-prefeito do município durante o período de 77 a 82, que hoje administra uma dívida de 140 mil cruzados, "sem contar a previdência". Além disso, a nova administração tem um orçamento de 900 mil cruzados, dos quais 55 por cento pertencem a folha de pagamento constituída de 525 funcionários.

Em contrapartida, a prefeitura, segundo Jacy de Souza, possui ainda uma arrecadação muito baixa, "mesmo com a propalada reforma tributária que até agora não chegou a dar resultados". Esperando uma possível melhora somente no final do ano, o prefeito lembra que os dois novos tributos repassados ao município pouco representam na receita. O IVVC, por exemplo, nem foi implantado porque "a quantia é tão irrisória que não vale a pena a gente se desgastar", explica Jacy de Souza. Já o ITBI, traz até o momento um retorno de apenas 0,1 por cento, podendo chegar até o final do ano aos 10 por cento.

## TRANQUILIDADE NA EDUCAÇÃO

Mas se esse volume de recursos preocupa o prefeito, por outro lado, ele se sente à vontade quando fala sobre a situação escolar do município, já que dentro do seu quadro funcional aparecem 160 professores, dos quais 33 são cedidos ao Estado para as lacunas deixadas pelo governo. "Nesse ponto está tudo resolvido", fala o prefeito, completando logo em seguida que a única coisa a ser feita é enquadrar estes funcionários, como os demais, num plano de carreira contemplado pela reforma administrativa.

Já em relação ao setor de saúde, o qual conta com uma secretária própria criada pela nova administração, a municipalização, que é uma realidade em vários municípios, deixa algumas dúvidas no ar. Enquanto assinava a liberação de pagamento de uma ou outra receita trazida diretamente pelo usuário, o prefeito diz que "a municipalização pode ser uma faca de dois gumes", pois quase sempre a prefeitura acaba gastando mais do que os 10 por



Jacy Luciano de Souza

cento estipulados pelo sistema.

"O problema é o repasse de verbas", continua explicando Jacy de Souza, ao apontar os custos e os efeitos da municipalização, principalmente o aumento significativo das consultas. "E como o que cura mesmo é o remédio, esse sistema pode sair muito caro", reflete o prefeito.

## ATENDIMENTO AO PEQUENO PRODUTOR

Para o setor agrícola, que também é visto como prioritário, o prefeito diz que logo de início tratou de melhorar as estradas e pontes, em razão da previsão de uma grande safra. Junto a essas medidas, criou também uma secretaria da agricultura, para, segundo ele, dar um atendimento ao pequeno produtor que não tem acesso a bancos e cooperativas. Esse atendimento, de acordo com o prefeito é feito principalmente pela distribuição de sementes via um sistema troca-troca por produção, além da assistência técnica. A fora isso, a Secretaria da Agricultura também deve encaminhar os programas de hortas comunitárias e escolares.

## REDENTORA

### Agricultura e educação nos primeiros projetos



Amauri Piccinini

Em Redentora, a nova administração que tem como prefeito o produtor Arnaldo Roewer, também ex-prefeito do município, e como vice Amauri Luiz Piccinini, as dívidas são consideradas normais frente as dificuldades que todos os municípios enfrentam. Com um orçamento previsto em cerca de um milhão de cruzados, a prefeitura, segundo o vice-prefeito, quer ainda pôr em prática o ITBI, devendo com isso suprir pelo menos 10 por cento daquele valor.

Na área da saúde, a idéia é buscar a municipalização que está protocolada desde outubro do ano passado e conta com uma estrutura de 12 funcionários e a instalação de quatro postos. É preciso experimentar esse sistema, diz Piccinini "para verificar se realmente é viável a prefeitura arcar com o ônus da saúde".

## TRANSPORTE ESCOLAR

Num outro setor, o da educação, a nova administração já tem acertado uma das suas prioridades, que é o transporte escolar, hoje totalmente coberto pela prefeitura para o ensino de 1º grau, enquanto o segundo é parcial. O subsídio do transporte é oriundo da cobrança do IVVC.

No que diz respeito à agricultura, os projetos também já estão encaminhados, segundo Piccinini, que assinala entre outros a eletrificação rural em 90 por cento das propriedades em dois anos. O objetivo desse projeto, de acordo com o vice-prefeito, "é incentivar a diversificação da produção, principalmente em relação a pecuária leiteira, complementando, ao mesmo tempo, um trabalho desenvolvido pelas cooperativas". Além disso, a nova administração pleiteia a criação da Emater no município para garantir o funcionamento real da Secretaria da Agricultura já instalada.

## BRAGA

### Municipalização é cara, mas vale a pena

Algumas dívidas, mas não muito assustáveis, é o que o prefeito de Braga, Romeu Antônio Winck, diz ter herdado da administração passada, na qual exercia o cargo de vice-prefeito. Procurando priorizar a saúde, a agricultura e a educação, Romeu Winck, que também já foi presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais durante 12 anos, tem previsto um orçamento muito variável, aonde os seus 217 funcionários já não tem a folha coberta pelo FPM de 28 mil cruzados.

Ainda assim, a prefeitura que arrecada 29 mil cruzados em ICMs, não abre mão de arcar com cerca de 50 por cento dos custos da municipalização da saúde. Salientando a manutenção de um trabalho feito por mais de 20 funcionários, entre agentes, médicos e enfermeiros, o prefeito diz que a "municipalização está saindo cara para o município. "Mas a opção é nossa", explica ele, afir-

mando que caso ela não existisse, correria-se o risco de uma triagem política no atendimento.

## AGRICULTURA E EDUCAÇÃO

Embora o setor da saúde seja uma prioridade clara, o prefeito quer também dar mais ênfase a Secretaria da Agricultura, aumentando a sua participação no orçamento e fazendo com que ela seja uma coligada da LBA e da Secretaria da Saúde. Isso porque, segundo a nova administração, é preciso fomentar outras culturas que não o trigo e a soja e incentivar atividades como a produção leiteira.

Para alcançar esses objetivos, o prefeito diz que o município já possui cinco projetos de eletrificação rural envolvendo 33 propriedades, além de um outro realizado juntamente com a LBA para aquisição de mudas de citronella, oriundas dos municípios vizinhos.

Esse último projeto está sen-



Romeu Antônio Winck

do destinado especialmente ao grupo de 72 famílias que pertencem a Fundação Pedro Garcia, as quais segundo o prefeito, também devem participar de um projeto de construção de 30 casas populares. A Fundação Pedro Garcia está instalada numa área de 24 hectares e foi organizada com o apoio da Unijuí, a partir de recursos externos.



## Muitas contas em pauta

Liquidada. Com esta expressão o prefeito Lúcio Adalberto Motta, de Tenente Portela, qualifica a situação encontrada pela nova administração ao assumir a prefeitura no início deste ano. Muito agitado, ele caracteriza essa situação de desequilíbrio, apresentando alguma dificuldade para apontar as prioridades da sua gestão. O ponto alto de toda a discussão, como é de se esperar, se refere a saúde, mais especificamente ao programa de municipalização, que já teve algumas experiências significativas no município.

"A prefeitura está arcando com todas as contas", afirma Lúcio Motta, ao falar sobre as cobranças de devolução de recursos na ordem de quatro milhões de cruzados, feitas pela Secretaria

de Saúde do Estado, que desde agosto do ano passado não tem a prestação de contas devida. Contando com um orçamento de dois milhões e 73 mil cruzados e devendo um milhão de cruzados, o novo prefeito sintetiza a situação prevendo que, "embora não seja desejo nosso, o plano pode ser suspenso".

### OS PROJETOS

Lamentando ainda os percalços da sua volta para a administração (ele foi nomeado quando áreas de seguranças não elegiam prefeito) o novo prefeito passa rápido pelo setor de educação, justificando que nem o ITBI e nem o IVVC ele pode aplicar, já que o projeto não tem aprovação pela Câmara de Vereadores. Segundo ele, caso estes dois tributos es-

tivessem vigorando, seriam destinados como subsídio ao transporte escolar.

Apesar de tantos entraves citados por Lúcio Motta, sobram alguns projetos para a nova prefeitura apresentar como prioridades. Um deles é o de eletrificação rural, outro com relação a liberação do salto do Yucumã para o município e um terceiro para o asfaltamento de estradas, já encaminhado junto com outras prefeituras da região, através de consórcio realizado por entidades federais e estaduais, mediante o desconto direto de cinco por cento do ICMS.



Lúcio Motta

### SINDICALISMO

## Mais força à integração

Em concorrida eleição, o Sindicato Rural de Dom Pedrito elegeu a 24 de maio, sua nova diretoria, que tem na presidência o advogado e pecuarista José Roberto Pires Weber. A eleição registrou um fato inédito: a obtenção de quorum na primeira eleição. Conforme lembrou o presidente da mesa coatora, jornalista Bernardo Munhoz, em todas as eleições anteriores do sindicato, houve falta de quorum no primeiro pleito, que, como neste, foi em chapa única.

A composição da diretoria ficou sendo a seguinte: presidente, José Roberto Pires Weber, 1º vice, Lídio Dalla Nora Bastos; 2º vice, Quintilhano Machado Vieira; 1º secretário, Antônio Carlos Xavier Hias; 2º secretário, Ricardo Luiz Alves Bender; 1º tesoureiro, Anthero de Assis Meirelles e 2º tesoureiro, Waldomir Antônio Coradini.

Suplentes: Edgar Pereira Severo, Eleutério Almeida Brum, Mário Ricardo da Silva Seabra, Edelci Carlos Comin, Ector Machado Rodrigues, Carlos Alberto Ruiz Severo e Luiz Afonso de Souza Severo.

Conselho fiscal — efetivos: Cândido de Godoy Dias, Pascoal Marcelo Brandi e Ilso Menegás. Suplentes: Darci Ferreira Maciel, Arthur Lopes Villamil de Castro e Elbio Frantz Costa. Delegados representantes — efetivos: o presidente José Pires Weber e Quintilhano Machado Vieira. Suplentes: Elbio Gorostides Galarza e Edmundo Torres Netto.

O quorum exigido pelo estatuto era de 124 eleitores, e compareceram 131. A mesa coatora foi presidida pelo jornalista e agropecuarista Bernardo Munhoz, tendo como 1º mesário Nelson Barcellos Paiva e 2º mesário, Clóvis de Vargas Souza. Presidiu a mesa

apuradora o agropecuarista Edgar Rotuño Faria. A posse da diretoria acontecerá no dia 9 de julho.

### OITAVA ELEIÇÃO

Esta é a oitava legislatura do Sindicato Rural de Dom Pedrito, que iniciou no ano de 1968. Até então, era Associação Rural Pedritense. Foi primeiro presidente, gestão 1968-1971, Joaquim de Moraes Paleo. Seguiram-se, Carlos Alberto Ruiz Severo, Edgar Rotuño Faria, João Alberto Blanco, Cândido de Godoy Dias e Suleiman Guimarães Hias. Este, reeleito, não concluiu o segundo mandato, sendo substituído por Cândido de Godoy Dias.

### AÇÃO POLÍTICA

O novo presidente, José R. Pires Weber, quer empreender ao SRDP uma atuação de cunho político mais participativa. Em entrevista concedida ao "Cotrijornal", logo após a apuração do pleito, em Dom Pedrito, disse que essa será uma luta permanente. Pretende ele que o sindicato passe a ser uma espécie de porta-voz das reivindicações do município, que "não se omitirá de nenhum problema que possa afetar a comunidade".

Weber ressalta que a ação política não se constituirá num simples slogan, mas se efetivará de forma concreta, inclusive na tentativa de uma maior integração entre os proprietários de terra e os lavoureiros arrendatários. Será tentado também um relacionamento mais efetivo entre o sindicato e a Cotrijuí, de forma que, caso venha a ser solicitado, o sindicato possa ser, inclusive, um braço político da própria cooperativa. Na parte administrativa, entre outras coisas, Weber pretende dar um maior aproveitamento ao Parque de Exposições Juventino Corrêa de Moura, do Sindicato da Associação Rural.

## Impasse na saúde

Sindicato dos Trabalhadores Rurais querem eleger nova comissão



José Zucolotto

A preocupação com os rumos da saúde também atingem algumas entidades do município de Tenente Portela, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que aponta duas consequências graves criadas pelo desvio do cumprimento do plano de municipalização. Segundo o presidente da entidade, José Moacir Zucolotto, já faz muito tempo que o programa vem sendo adulterado pela não contratação de profissionais exclusivos à saúde pública. Mas esse, segundo o sindicalista é apenas um fato.

Além disso, o município que hoje convive com a existência de duas

Comissões de Saúde, tem obrigado muitos usuários a pagarem pelo atendimento ou ainda a buscar recursos hospitalares em cidades vizinhas, como Palmitinho e Braga. "As duas gestões devem uma resposta a população", afirma Zucolotto, ao se referir a não prestação de contas, a tentativa de criação de uma outra comissão através de decreto municipal, e o não acatamento das lideranças que hoje fazem parte da Cimis oficial em atender a proposta de criação de uma nova comissão, mais participativa e com caráter deliberativo, num prazo de 90 dias.

### DOM PEDRITO

## Remate com boas vendas

O município de Dom Pedrito promoveu, com sucesso, mais uma Feira do Terneiro de Corte. Foi a 5ª Feterape, no último dia 18, no Parque Juventino Corrêa de Moura, do Sindicato Rural.

As vendas alcançaram NCz\$ 120.652,00, com as ofertas feitas por Sul Remates — Produtores Associados Ltda. As médias chegaram a NCz\$ 256,80 por cabeça, a um peso médio de 198 quilos. Um lote de 39 fêmeas, com peso médio de 157 quilos, foram leiloadas a NCz\$ 161,00 por cabeça.

O destaque nas vendas foi alcançado por um lote cruza de Charolês com Zebu, criação de Carolina Montardo Lopes. Teve peso médio de 201 quilos, e alcançou o preço de NCz\$ 305,00 por cabeça. A média, foi de NCz\$ 1,51 por quilo, o melhor preço alcançado na 5ª Feterape.

### OS PRÊMIOS

A comissão julgadora foi formada pelo médico-veterinário Alfeu da Costa Pinheiro (Embrapa/Bagé); engenheiro agrônomo Luiz Afonso Severo (Emater/Dom Pedrito); engenheiro agrônomo Moacir Coradini, produtor de novilho selecionado, e o médico-veterinário Taltfio Saldanha, da Secretaria da Agricultura. Ela premiou o primeiro melhor lote de cruzamento industrial (lote nº 63), apresentado por Leonildo Pötter. Era um cruzamento Aberdeen Angus com Tabapuã. O segundo melhor lote industrial — Aberdeen Angus com Nelore, foi apresentado por Carlos Assunção Pacielo Peres.

Nas raças puras, o melhor lote, Polled Hereford, foi apresentado por Aristides Quadros de Leon. O segundo melhor lote dessa mesma categoria — raça Polled Hereford — foi apresentado pelo criador Cândido Godoy Dias.

A comissão julgadora também destacou um lote da raça Red Angus com Santa Gertrudes, do expositor Fernando de Paula Cardoso, com a premiação de menção honrosa.

### DESTAQUE PARA OS CRUZAMENTOS

O maior destaque na 5ª Feterape recaiu na uniformidade dos cruzamentos apresentados no Parque Juventino Corrêa de Moura. Tanto a comissão julgadora como o público presente, teceu comentários a respeito da notória diferença desta edição para as anteriores Feterapes. Foi voz geral que os cruzamentos industriais evoluíram bastante.

Segundo relação feita e distribuída por Sul Remates, eles obtiveram os seguintes preços médios: terneiros cruza Aberdeen Angus, NCz\$ 256,78; cruza Charolês, NCz\$ 256,39; cruza Polled Hereford, NCz\$ 257,70 e terneiros cruza Zebuina, NCz\$ 252,92.

## Sementes Cotrijuí

SEMENTES FISCALIZADAS DE SOJA DE DIFERENTES CULTIVARES, VOCÊ ENCONTRA EM:

CASA DA AGRICULTURA DE MARIALVA LTDA.

Av. Cristóvão Colombo, 1374  
MARIALVA - PR  
Fone (0442) 32-1411

# Em cheque o futuro alimentar

Argemiro Luís Brum  
Montpellier — França

Recentemente, no caso do Brasil, a pressão internacional se concretizou de forma significativa contra a devastação da floresta Amazônica. Muitos países credores do Brasil ligaram o pagamento da dívida e os novos empréstimos a um controle que está acontecendo na Amazônia. A situação chegou a tal ponto que o governo brasileiro lançou no dia 6 de abril passado um plano oficial de preservação da natureza batizado de "Nossa Natureza".

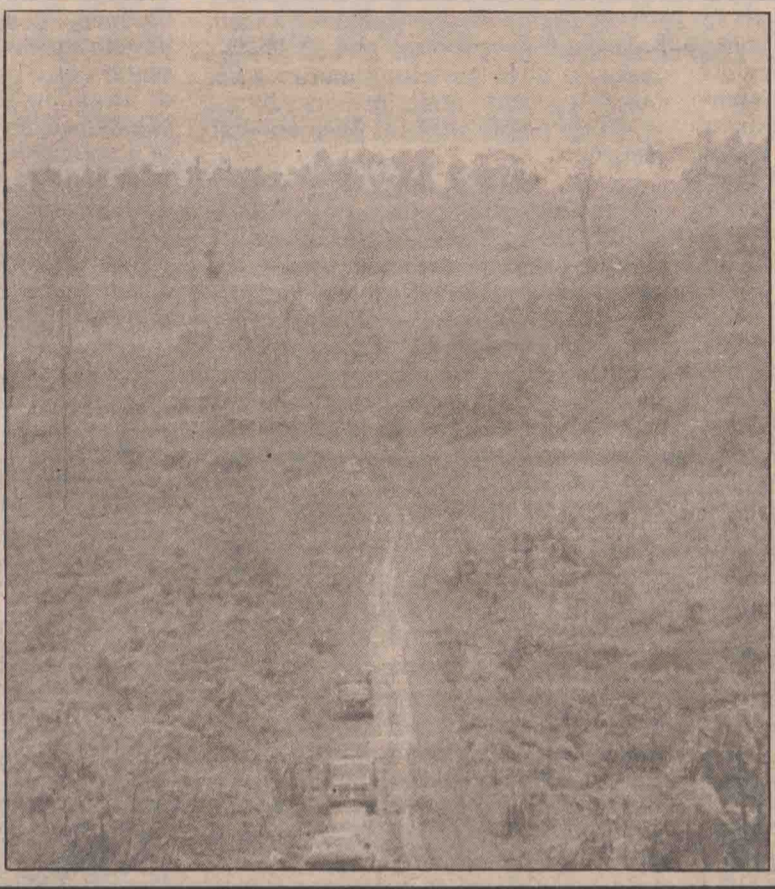
Pelo lado político, o mundo em geral assiste a progressão do Partido dos Verdes, e daqueles que defendem a ecologia nas eleições dos mais diferentes países.

Entretanto, a defesa da ecologia não é nova, ao mesmo tempo que a preocupação dos países pela mesma, raramente esteve à altura do problema. Em outras palavras, enquanto alguns poucos ecologistas se preocupavam com a questão, a grande maioria do mundo pouco se interessava (e muitos ainda não se interessam) com o que causamos à natureza. No Brasil, por exemplo, a devastação da floresta Amazônica nunca sofreu restrição por parte das forças públicas, inclusive a própria construção da Transamazônica ajudou a destruir a floresta na medida em que foi feita sem coordenação alguma. Os projetos de colonização, sem nenhuma infra-estrutura digna de nome, acabaram auxiliando a destruição da maior floresta tropical do mundo. As queimadas continuam por todos os lados, comprovadas pelas fotos dos satélites. Mais próximo de nós, os rios continuam com a água vermelha, símbolo dos solos que perdemos com as chuvas e vão embora pelo rio. Os desertos começam a aumentar, e o exemplo do que acontece na região de Alegrete está à nossa porta. Fora de nossas fronteiras, as usinas atômicas continuam poluindo (como foi o caso mais sério na URSS em 1986), os navios petroleiros continuam, de tempos em tempos, derramando suas cargas nos oceanos (como foi o caso recentemente no Alasca com o navio da multinacional Esso), os rios europeus estão constantemente sofrendo a contaminação de produtos químicos provenientes das indústrias que se situam em suas margens (o exemplo do rio Reno, que separa a Suíça, França e Alemanha Ocidental é um dos mais fortes neste sentido).

Por que então só agora o mundo se preocupa com mais intensidade, inclusive com o apoio da imprensa, às questões ecológicas?

A fora o despertar da população que, através do vo-

*Repentinamente o debate ecológico ganha força no mundo inteiro. Reuniões internacionais se multiplicam neste início de 1989. O mundo se preocupa com a proteção de ozônio da Terra, com o efeito estufa provocado pelo excesso de gás carbônico na atmosfera, com a devastação das florestas tropicais, em especial a floresta Amazônica, e com a poluição em geral. Essa preocupação chega a tal ponto que presidentes e representantes de 24 países do mundo lançaram um apelo em favor da proteção da atmosfera — a Declaração de Haya sob o título de "Nosso País é o Planeta", foi lançado no dia 4 de abril de 1989 —. O Brasil esteve representado, na assinatura do documento, por Paulo Tarso Flecha de Lima.*



to, começa a mudar a paisagem política em diversos países desenvolvidos, votando no Partido dos Verdes, a questão econômica se sobressai, como sempre, como motivo maior.

Dois motivos econômicos de maior grandeza se fazem assim presentes.

O primeiro, cujas consequências se farão sentir a médio e longo prazo, diz respeito a destruição da própria humanidade. Trata-se de um lado, da recente descoberta de que a proteção de ozônio que contorna a terra foi destruída na altura do Pólo Sul. Este buraco na camada de ozônio deixa entrar os raios ultravioletas provenientes do sol, os quais tendem a destruir (queimar seria mais exato) a superfície do planeta. Em outras palavras, o gás ozônio, feito de três átomos de oxigênio (O<sub>3</sub>), protege a biosfera — inclusive os homens — dos efeitos perigosos dos raios ultravioletas provenientes do sol. Ora, descobriu-se que tal proteção natural está diminuindo e mesmo desaparecendo em certas regiões do globo, como é o caso citado da Antártica. Isto se dá em função de processos físico-químicos complexos, onde os "clorofluorocarbonatos" (CFC) são os maiores responsáveis. Tais produtos destruidores de ozônio se encontram por exemplo em todos os produtos à base de aerossol que a humanidade utiliza (desodorante, perfumes, creme para barba, etc...).

Por outro lado, o aumento do teor em gás carbônico (CO<sub>2</sub>) na atmosfera, motivado pelas chaminés das indústrias, escapamento dos automóveis, e queimadas em ge-

ral de todo e qualquer tipo de produto, estaria provocando um aquecimento geral da atmosfera, cujas consequências regionais são ainda imprevisíveis no atual momento em que vivemos. Sabe-se no entanto que este gás atua como uma estufa. Normalmente, uma grande parte dos raios solares, que entram na atmosfera e esquentam a Terra, são refletidos para fora do nosso planeta. Ora, o acúmulo do gás carbônico em nossa atmosfera, permite a entrada dos raios, mas impede a sua saída. Assim, tal gás atua como uma estufa fazendo aumentar paulatinamente a temperatura da Terra. Sabe-se hoje que desde o último período glacial, há 18.000 mil anos, a temperatura mundial aumentou de apenas 4 graus centígrados. Entretanto se prevê que para o ano 2050, isto é, em somente 61 anos, a elevação da temperatura poderá se situar entre 2 e 6 graus centígrados.

No caso do ozônio, sua alteração provoca sobre as plantas a diminuição da fotossíntese, tendo como consequência a diminuição dos hidratos de carbono, e com isto as plantas perdem a eficiência frente a irrigação. Em outras palavras, mesmo irrigando, a produtividade agrícola não aumentaria mais.

No caso do gás carbônico, o aumento da temperatura, além de aumentar o nível dos ares em função do derretimento de partes dos Pólos Norte e Sul, fato que faria inundar uma grande parte das zonas costeiras do mundo (entre as mais conhecidas estariam Holanda e a cidade de Veneza, na Itália), provoca igualmente as secas que o mundo vem enfrentando nes-

tes últimos anos. Assim, dos seis anos mais quentes em temperatura média recenseados desde o início do século, cinco se encontram na atual década (1980, 1981, 1983, 1987 e 1988).

Este primeiro motivo econômico, está na origem do segundo motivo, o qual tem consequências imediatas sobre a humanidade.

Trata-se do fato de que a produção de alimentos no mundo não acompanha mais a explosão demográfica mundial. Em outras palavras, a preocupação de que a produção mundial de cereais é inferior ao consumo, volta à ordem do dia neste início de 1989. Tal tema foi o ponto central da recente reunião da FAO em Roma, acontecida na primeira semana de abril.

## A PRODUÇÃO DE CEREAIS ESTARIA ESTACIONANDO FACE AO AUMENTO DA POPULAÇÃO

O mundo acaba de constatar que a produção de cereais, que fornece mais da metade dos alimentos de que ele necessita, subiu de 624 milhões de toneladas a 1,645 bilhão de toneladas entre 1950 e 1984, isto é, uma multiplicação por 2,6. Isto ultrapassou largamente o crescimento demográfico que nem por isso deixou de ser explosivo (evidentemente cada região do mundo é um caso especial). Assim, a disponibilidade de grãos por habitante aumentou durante estes 34 anos de cerca de 40 por cento (um fato sem precedentes).

Sem esquecer que neste contexto normalmente os países ricos aumentaram seus consumos enquanto, em muitos casos, os pobres ficaram

mais pobres, o importante é salientar que a partir de 1984 a situação se modificou totalmente.

Nestes últimos quatro anos (1984 a 1988) a produção cerealeira mundial por habitante diminuiu de 14 por cento. Os estoques mundiais de grãos, na entrada da colheita de 1987 situavam-se em 459 milhões de toneladas, ou seja, 101 dias de consumo mundial. A previsão é de que na colheita de 1989 existam apenas 240 milhões de toneladas em estoque, ou seja, 54 dias de consumo. Em dois anos, os estoques caíram de quase metade. Dentro deste contexto, prevê-se que para a campanha 1988/1989 o consumo mundial ultrapasse a produção em 152 milhões de toneladas. Um déficit sem precedentes na história alimentar mundial.

Alguns exemplos pelo mundo nos parecem reveladores de tal situação. Assim, a China, que havia registrado, entre 1978 e 1984, um aumento de sua produção agrícola, verifica que a mesma, entre 1985 e 1988, não pode mais alcançar os níveis de 1984 em valores absolutos. Enquanto isto, sua população continua a crescer de 1,4% ao ano.

A Índia conseguiu voltar, em 1988, à sua produção agrícola de 1983, porém, com 80 milhões de habitantes a mais, fato que faz baixar a média de alimentos por habitante. E desde 1987 ela passou a importar alimentos novamente.

Os Estados Unidos, após a colheita recorde de 1985 (345 milhões de toneladas de cereais) colheu 277 milhões em 1987 e apenas 190 milhões em 1988. A produção de milho caindo de 212 milhões em 1985 a 116 milhões em 1988.

Enfim, a URSS, com uma produção de 195 milhões de toneladas de cereais deverá importar cerca de 40 milhões de toneladas este ano, fato que colocará em má situação os países pobres que importam tais alimentos.

## O MAU TRATAMENTO À ECOLOGIA É A PRINCIPAL CAUSA DA ESTAGNAÇÃO NA PRODUÇÃO ALIMENTAR DO MUNDO

A fora os dois grandes motivos climáticos citados acima, outros motivos são apontados como causadores de tal situação a nível mundial. Entre os quais estaria a má utilização das terras e das águas.

De fato, o aumento da produção agrícola acontecido entre 1950 e 1984 foi conquistado graças ao potencial agrícola disponível. Entretanto, em muitos casos, tal potencial se traduziu não por aumento de produtividade, mas sim pela

# A utilização extensiva da terra

No Brasil, o aumento da produção agrícola aconteceu pela ocupação desordenada e devastadora das fronteiras agrícolas

utilização extensiva de terras. Neste caso, muitas terras sensíveis a erosão foram lavradas e plantadas, muitas florestas foram destruídas e muitos lençóis freáticos foram esgotados.

O caso do Brasil é um típico exemplo. Seu aumento de produção agrícola aconteceu sobretudo pela ocupação desordenada e devastadora das fronteiras agrícolas, num primeiro momento nos Cerrados do Centro-Oeste, hoje na região da Amazônia e algumas partes do Nordeste. Somente nestes últimos anos se conseguiu algumas pequenas conquistas na área da produtividade. Por muito tempo ficamos com uma produção de grãos estacionada em torno de 50 milhões de toneladas, enquanto a população crescia a um ritmo de 2,5 por cento ao ano em média.

Na Índia, se estima em 129 milhões de hectares a superfície de terras destruídas dentro deste contexto. Isto significa 39 por cento da superfície do país, porém, uma proporção bem maior se considerarmos apenas as terras plantadas. Enquanto se estima em 3 bilhões de toneladas a perda pela erosão dos solos superficiais nos Estados Unidos, na Índia tal perda ultrapassa os 5 bilhões de toneladas. Na Etiópia, um país bem menor, a perda alcança 1 bilhão de toneladas.

Com isto os desertos não param de avançar. Segundo estudos existentes, o deserto aumenta de 6 milhões de hectares a cada ano que passa na escala mundial.

Assim, apesar das superfícies irrigadas no mundo terem passado de 40 milhões de hectares em 1900 a 94 milhões em 1950 e a 259 milhões em 1980, desde esta última data se constata um movimento de recuo no mundo. Dois exemplos comprovam esta afirmação. De um lado, a superfície irrigada dos Estados Unidos, que atingiu ao máximo em 1978, baixou desde então de 7 por cento. Por outro lado, no mesmo período, a China diminuiu em 11 por cento suas superfícies irrigadas.

Os recursos para aumentar as terras aráveis existem, mas frequentemente a proposta mais aceita é de aumentá-las às custas das florestas tropicais, sob a forma extensiva como já frisamos acima. Assim, nestes últimos anos são destruídos em média 11 milhões de hectares por ano de florestas, fato que é considerado, a justo título, como uma catástrofe pelos especialistas. E o pior é que tais solos, dado o tratamento irracional que normalmente recebem, originam lavouras e campos de baixa qualidade e que em pouco tempo são improdutivos. O caso da floresta

amazônica, que somente em 1987 perdeu 4 por cento de sua superfície, é um típico exemplo de tal realidade.

Para compensar tal situação a nível da terra e das águas, o homem busca a intensificação agrícola. Tal busca de uma maior produtividade do solo é feita, em primeiro lugar, pela utilização maciça de adubos químicos. O mundo, que consumia 14 milhões de toneladas de adubo em 1950, passou a 125 milhões em 1984, o que significa um aumento de mais de 11 por cento por ano. Tal técnica permitiu um aumento de mais do que o dobro nos rendimentos médios mundiais em grãos por hectare. Tais rendimentos passando de 1.100 quilos/hectare no período.

Entretanto, de 1984 a 1988, a produção de adubos químicos aumentou de apenas 10 milhões de toneladas (menos de 2 por cento ao ano), e os rendimentos começam a estacionar. Em termos do número de habitantes no mundo, o consumo de adubos passou assim de 5 quilos/habitante em 1950 a 26 quilos/habitante em 1984. Desde então, e até 1988, tal consumo não progrediu mais. E o mais sério é que o uso indiscriminado de tais adubos provocou a contaminação de muitos lençóis freáticos no mundo, como é o caso na Holanda e na região da Bretanha (França). Neste contexto, os rendimentos médios mundiais do arroz estacionam em torno de 4.000 quilos/hectare, os do trigo entre 6.000 e 7.000 quilos/hectare, e os do milho ultrapassam raramente os 700 quilos/hectare.

## CONCLUSÕES

Um tal quadro nos deixa alguns importantes ensinamentos.

Em primeiro lugar, o ano de 1984 parece ser o ponto chave de retorno de uma situação de euforia alimentar, após a aplicação da Revolução Verde, para uma situação de apreensão em função sobretudo da má utilização dos recursos naturais pelo homem, a qual vem provocando distúrbios quase irreversíveis no clima mundial.

Em segundo lugar, a alteração do clima mundial pode se transformar rapidamente em um fator de bloqueio do progresso agrícola no mundo.

Em terceiro lugar, frente a este fator, temos a constatação de que a agricultura parece ser incapaz de fazer frente a explosão demográfica que vive o mundo. De fato, na hipótese de uma taxa de crescimento anual de 3 por cento no mundo (taxa da África hoje), durante um século, multiplicaria a população mundial por 19. Qual agrônomo poderia nos prometer de conseguir tal crescimento na agricultura e ao mesmo tempo

conter a perigosa destruição do meio ambiente? Assim, enquanto o planeta ganha 86 milhões de humanos por ano, os especialistas da agricultura estimam que o potencial de aumento da produtividade é atualmente limitado. Torna-se difícil qualquer progresso em direção a solução dos problemas do meio ambiente sem uma diminuição do crescimento da população mundial.

Em quarto lugar, diante de tal quadro, dificilmente a liberação da produção e do comércio agrícola mundial, ponto chave das discussões da Rodada Uruguaí junto ao GATT (Acordo Geral sobre as Tarifas Aduaneiras e o Comércio), a qual realizou mais uma reunião coletiva na primeira semana de abril em Genebra (Suíça), deverá vingar. Nenhum país, e sobretudo os desenvolvidos, vai deixar de subsidiar sua agricultura neste

momento em que o alimento volta a ser uma das principais armas de pressão junto aos demais países do globo.

Em quinto lugar, em função de que a situação a médio prazo é extremamente preocupante em termos ecológicos e de que, a curto prazo, o custo para manter as políticas agrícolas é cada vez mais elevado (entre 1984 e 1986 os Estados Unidos gastaram um total de 66,3 bilhões de dólares em subvenções à agricultura; no mesmo período a CEE gastou 67,2 bilhões de dólares e o Japão cerca de 42,2 bilhões de dólares), os países no mundo, e em especial os desenvolvidos, começam a se preocupar de forma mais séria com a ecologia e a ação do homem sobre a mesma. Isto explica em boa parte o acirramento do debate ecológico atualmente, o qual estará longe de terminar caso o

clima prejudique novamente a colheita de grãos dos Estados Unidos e de outros países do mundo, como já foi o caso na Argentina e algumas regiões do Brasil neste início de 1989.

Enfim, as intempéries de 1988 mostraram que os estoques de segurança nada podem fazer sem a manutenção de uma capacidade de produção. As nações que cultivam suas terras devem saber igualmente prepará-las e preservá-las, pois o maior patrimônio de uma agricultura é a própria terra e não os bens que são colocados sobre a mesma.

Principais fontes de consulta para a produção deste artigo:  
1) DUMONT, R. — La production alimentaire ne suit plus: explosion démographique, péril écologique. — Paris: Le Monde Diplomatique, março de 1989. — pp. 1, 20 e 21.  
2) BROWN, L. — The Changing World Food Prospect. — Washington: Worldwatch Institute, Worldwatch paper 85, outubro de 1988.  
3) FOTTORINO, E. — La production mondiale de céréales inférieure à la consommation. — Paris: Le Monde, 04/04/1989. — pp. 1 e 45.

# O TILT® que você precisa a COTRIJUÍ tem.

## Faça o seu pedido.

Prod. Registrado na DIPROF/SDSV/MA sob n.º 030583-88  
\* Marca Registrada da Ciba-Geigy - Basileia - Suíça

## A visita dos norte-americanos



Os Companheiros da América na visita que fizeram ao CTC

Esteve em Ijuí nos dias 13, 14 e 15 de maio, um grupo de norte-americanos do estado de Indiana e que integra a Organização Companheiros da América. O grupo de visitantes veio coordenado pelo presidente da Organização em Indiana — um estado considerado gêmeo do Rio Grande do Sul —, o professor Willian Fuller. Também acompanhou o grupo a presidente estadual dos Companheiros da América, Carmem Englert. A viagem ao Brasil faz parte das comemorações dos 25 anos de criação dos Companheiros da América em Indiana.

Integravam o grupo de norte-americanos que visitou Ijuí, além de William Fuller, Louella Fuller; o casal Paul e Helen Dell; Sallie Dell Lee; Kathlenn Johnston; Jim Fuller, Nancy Eberhard; Norma Singley e Nancy Hughes. Recepcionados pelo coordenador do Sub-Comitê dos Companheiros da América de Ijuí, Valmir Beck da Rosa,

os norte-americanos visitaram a Unijuí, a Cotrijuí-sede e o Centro de Treinamento em Augusto Pestana. De Ijuí eles seguiram para Santa Maria, Bagé e Porto Alegre. Incluía o roteiro de viagem, passagens por São Paulo e alguns estados do Nordeste.

Na oportunidade foram definidos alguns projetos nas áreas de saúde e nutrição, com estágios de especialização nas Universidades de Indiana, da enfermeira Rosane Stucky e da nutricionista Rosana Dürks, da Unijuí, com viagem marcada para os próximos meses. Também foi levantada a possibilidade de estágios para técnicos em educação especial — as Apaes — “um projeto a ser definido brevemente”, explica Valmir Beck da Rosa. Na visita ao CTC, os norte-americanos conheceram os diferentes projetos de pesquisa com vistas a dar continuidade nos intercâmbios da Cotrijuí com a Universidade de Purdue.

## Os novos agentes de saúde

“Entendemos que a saúde de nossa comunidade é a máxima riqueza. Por esta razão, devemos lutar constantemente por ela, seja na sua promoção, preservação e recuperação. Cabe a nós, portanto, a tarefa de proporcionar oportunidades de alcançar as condições de saúde que permitam atingir os níveis considerados desejáveis para a sociedade”. A afirmação é do gerente da Cotrijuí, unidade de Jóia, Nelson Theising ao falar sobre a importância da atuação dos agentes de saúde dentro de suas comunidades. Considera que, dentro deste enfoque, o “agir” da cooperativa, dos sindicatos, da Cims e do poder público, não pode ficar neutro nas diversas instâncias, mas comprometido com as reais necessidades existentes.

Na prática, os agentes de saúde são hoje os grandes educadores, produzindo a clareza necessária junto as comunidades, seja no desenvolvimento de temas como os agrotóxicos, seja na hora de repassar conhecimentos físicos na área de saúde, ora curativa, ora preventiva, segundo as necessidades de cada comunidade.

Um dos objetivos do curso de agentes de saúde, realizado em Jóia no período janeiro a abril visa a eleição de metas prioritárias pelos membros da comunidade. Desta forma, cada cidadão se torna res-



A diplomação dos agentes aconteceu no dia 5 de maio

ponsável pela sua saúde, deixando para o agente de saúde a coordenação do seu núcleo em diversas atividades. É por esta razão que, na administração do treinamento dos agentes, participaram como educadores uma equipe multiprofissional de enfermeiros, médicos, odontólogos, veterinários, agrônomos, administradores de empresas, líderes sindicais e cooperativistas, entre outros. “É uma forma, explica Nelson Theising, de fazer com que o agente de saúde entenda melhor a sua comunidade, partindo da compreensão de que a saúde da população é o resultado de um conjunto de fatores”. Entre estes fatores, o gerente da Cotrijuí, unidade de Jóia cita a alimentação, habitação, educação, condições de trabalho, entre outros.

A coordenação do curso esteve a cargo da enfermeira Marli D. Klein, tendo como apoio direto a contribuição da comunicadora da Unidade, Ieda R. Amaral, da administradora do Hospital Santa Libera,

Dione Protti Bohrer e do secretário Municipal de Saúde, Orlando Pinto. A diplomação dos agentes de saúde aconteceu no dia 5 de maio, em ato que contou com a presença da direção da Cotrijuí, e lideranças.

Os novos agentes de saúde são: Eli Gladis Wollmann Lima, Ana Lúcia da Fontoura Luncs, Maria de Fátima Garcia Leite e Vicente Lima Pinto, de Dom Pedrito; Nelcinda dos Santos Merc e Simone Schmidt, do Assentamento Botão de Ouro; Liliane Della Flora e Dina Marta da Silva, de Rincão dos Pires; Neli Jacinta Conceição e Solange Teresinha Prestes, de Esquina Santo Antônio; Loiramar Leal Guimarães e José da Silva, de Espinilho Grande; Jesus Eli Welnecker, funcionário da Secretaria de Saúde de Jóia; Maria Evani Ramos, da comunidade de Jóia; Madalena S. Barcelos, da Esquina 21 de Abril; Maria Rosa Della Flora de São Roque e Vera Lúcia Padilha Nogara, de São João da Bela Vista.



Os alunos durante uma aula prática num dos cursos realizados em 1987

## Curso de cooperativismo

Encontrar associados ou filhos de associados da Cotrijuí participando de cursos promovidos no Centro de Treinamento não causa mais estranheza em ninguém. Estranho é quando passa um dia sem que algum associado apareça pelo CTC para conhecer os projetos em andamento ou até para buscar alguma informação sobre determinada atividade ou material necessário para a sua propriedade. Mas esse fluxo de associados e de informações via CTC não acontece apenas nas horas de visitação. Ele também acontece através dos diversos cursos que lá são realizados e que procuram atingir não apenas o associado, mas também a sua família.

E foi com o espírito de aproximar o associado do trabalho que é realizado no Centro de Treinamento que em meados de 1986 a Cotrijuí deu início ao curso de **Cooperativismo e Diversificação de Culturas**. A primeira turma deste ano chegou ao CTC no dia 29 de maio. Mas já passaram pelo Centro 24 turmas de associados e filhos de associados, totalizando a participação de 240 pessoas em três anos. “Através destes cursos a Cotrijuí procura divulgar práticas de diversificação e repassar informações técnicas que podem ser aplicadas na propriedade”, explica Paulo Renato Gieseler, coordenador da Área de Treinamento e Extensão do CTC, lembrando que, entre estas turmas já passou uma formada apenas de professores ligados a Escolas Agrícolas do interior do Estado.

Durante as duas semanas de realização do curso, com aulas teóricas pela parte da manhã e práticas na parte da tarde, os participantes ouvem falar de melhoramentos de plantas, de cooperativismo, regulagem de máquinas e implementos, conservação de solos, plantio, criação de animais, diversificação, entre outros assuntos.

Neste ano, a primeira turma de associados e filhos de associados vieram das unidades de Ijuí, Augusto Pestana e Roque Gonzales e, estão participando do curso desde o dia 29 de maio. As datas de início dos próximos cursos estão programadas para os dias: 19 de junho; 10 de julho; 31 de julho; 21 de agosto; 11 de setembro; 2 de outubro e 20 de novembro. Os interessados podem fazer inscrições junto aos departamentos técnicos ou de comunicação de suas unidades. O curso tem duração de duas semanas e não é cobrada nenhuma taxa do participante.

### AVALIAÇÃO

Ao final de cada curso, os participantes fazem uma avaliação, deixando sugestões para os próximos. Um levantamento realizado pelo coordenador do curso, Paulo Gieseler, mostra que, de 178 participantes, 30,89 sugeriram que os assuntos enfocados durante o curso sejam mais aprofundados pelos coordenadores e 64,60 por cento acharam o curso satisfatório. Com relação as aulas práticas, realizadas a campo, de 170 participantes, 77,05 por cento acharam a carga de trabalho normal; 20,58 por cento acharam pouco carregada e 2,35 por cento considerou o trabalho excessivamente carregado. Mas de um modo geral, 33,71 por cento de um total de 175 participantes avaliou o curso como excelente — tanto em conteúdo, como em organização, coordenação —; 37,14 por cento achou muito bom; 28 por cento achou bom e 1,5 por cento dos participantes classificou o curso de fraco. Entre as sugestões deixadas, eles pedem que sejam enfocados assuntos que falem da criação de pequenos animais como coelho, codornas, cabritos, entre outros e mais aulas práticas com equipamentos agrícolas.



Ovelhas criadas com forrageiras podem alcançar bons rendimentos

## Ovelha no pasto, um bom negócio

A ovinocultura nas regiões Ceilero e Alto Uruguai, em razão do tamanho das propriedades, das etnias e especialmente pela falta do instinto "ovelheiro" de seus produtores, ainda não conseguiu ocupar um espaço mais significativo. Mas são regiões, segundo pode constatar o médico veterinário e coordenador do Departamento Técnico da unidade de Santo Augusto, Antônio Weiller, que apresentam tanto condições climáticas como solos com características favoráveis para a produção de carne, lã leite e forrageiras. "Estas regiões apresenta duas estações bem definidas e que podem resultar numa excelente produção de pastos", diz Weiler citando como exemplo o caso daqueles produtores que têm aproveitado estas características tanto do solo como do clima e conseguindo alcançar bons resultados em termos de produção de carne, leite e lã.

Na intenção de mostrar toda essa potencialidade que existe na região e que está à disposição dos produtores que o departamento técnico da unidade de Santo Augusto promoveu, ainda em janeiro — ver matéria publicada no Cotrijornal de março — um dia-de-campo

## Mais uma espécie em avaliação

**Clárias.** Este é o nome de uma nova espécie de peixe de couro que começa a ser avaliada pelo Centro de Treinamento da Cotrijuí. Esta espécie, segundo o Altamir Antonini, supervisor do Programa de Peixes da Cotrijuí, pertence a família *clariidae*, podendo atingir até 40 centímetros de comprimento.

As nove espécies que há um mês chegaram ao CTC, vieram diretamente da Hungria, ainda em forma de alevinos para a Estação de Piscicultura do Departamento Nacional de Obras e Saneamento de Blumenau, em Santa Catarina, onde foram criados. Por falta de tanques adequados e, sabedores do trabalho que a Cotrijuí vem desenvolvendo nesta área, os técnicos do DNOS doaram os peixes para a Cotrijuí para serem multiplicados e avaliados.

A clária é peixe de couro, semelhante ao jundiá. Não apresenta espinho e sua carne é de excelente qualidade, o que permite, de acordo com Altamir Antonini, obter ótimos preços no mercado. A razão da popularidade da clária em países do extremo oriente está ligada ao seu rápido crescimento e a grande resistência quanto a falta

na Fazenda Tapera, de propriedade do produtor e também veterinário, Carlos Rivaci Sperotto, enfocando a ovinocultura de carne conjugado a um programa de alimentação e de produção de sementes forrageiras.

Naquela ocasião, técnicos, pesquisadores e produtores avaliaram o potencial de produção de ovino carne em pastagens cultivadas, através de dados preliminares sobre o desempenho da atividade. Quatro meses mais tarde já é possível falar em resultados concretos e definitivos "muito acima da média das melhores propriedades que desenvolvem a ovinocultura em cima de forrageira". Em uma área de 40 hectares de milheto, 146 bovinos e 1.300 ovinos realizaram pastoreio durante 50 dias, sendo que o ganho de peso diário dos ovinos alcançou 300 gramas e o dos bovinos 1 quilo.

Em uma área de trevo Yuchi de 8 hectares, foi possível manter segundo Weiller, uma lotação de 400 fêmeas em fase de parição e lactação, durante 70 dias. Após a retirada dos animais da área, o Yuchi recebeu cuidados para produzir sementes e feno. Foi possível produzir 500 quilos de sementes por hectare e mais 3 mil fardos de feno.



Clárias: um peixe de couro que veio da Hungria

de oxigênio.

Seu hábito alimentar é muito variado. Come desde insetos, crustáceos, esterco de outros animais até vegetais como a mandioca, a abóbora, entre outros. Sua reprodução para obtenção de alevinos não é difícil, podendo ser feita através de técnicas de hipofisacção.

O objetivo da introdução desta nova espécie no CTC é o de, inicialmente, avaliar seu comportamento em relação ao sistema de produção atualmente em desenvolvimento na região. "Só mais tarde, informa Altamir, é que se vai propagar e distribuir alevinos aos produtores, oferecendo assim, mais uma opção como espécie de couro e boa qualidade de carne".

## AVEIA CTC

# Rendimento comprovado

A superioridade de rendimentos de grãos das linhagens selecionadas no Centro de Treinamento da Cotrijuí, conforme mostram as tabelas 1 e 2 ficou comprovada durante a IX Reunião Conjunta de Pesquisa de Aveia. Durante a reunião, que aconteceu nos dias 11 e 12 de abril passado, em Colônia Vitória, Entre Rios, Guarapuava, no Paraná, a Cotrijuí apresentou seu programa de melhoramento genético de aveia e o comportamento das linhagens selecionadas no CTC. A análise dos ensaios regionais foram conduzidos em seis locais.

Estiveram presentes na apresentação de trabalhos técnico-científico a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Universidade de Passo Fundo, a Universidade Federal de Santa Catarina, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo — CNPT, a Fundação Instituto Agrônomo do Paraná — IAPAR —, a Cooperativa Agrária Mista Entre Rios Ltda., e a Cotrijuí.

TABELA 01: Rendimento de grãos (Kg/ha) de linhagens de aveia, no ensaio regional B, conduzido em seis locais

Genótipo	RENDIMENTO DE GRÃOS (kg/ha)						Média	%
	Guaíba	Ijuí	Passo Fundo	Campos Novos	Entre Rios	Vacaria		
CTC 82 B 477-2	2944	3809	3584	1863	5981	3558	3623	117
CTC 84 B 1412-3	2862	3348	3654	1988	5500	3500	3475	112
UFRGS-7 (t)	2825	2806	2915	1886	5175	2966	3096	100
UPF 830340	1431	2769	2953	2025	6156	3133	3078	99
UPF 82029	2237	2701	2583	2063	5250	3291	3021	98
UFRGS 861576	2531	2845	3114	1963	4794	2833	3013	97
UFRGS 861337	2956	2783	3113	1600	4275	3091	2970	96
UFRGS 861541	3025	2869	3102	2163	4125	2508	2965	96
UPF 840322-2	2112	3097	2910	1538	5194	2925	2963	96
UPF-5 (t)	1994	2320	2294	1863	5219	4041	2955	95
UFRGS-861646	2950	2917	3370	1800	3937	2700	2946	95
UFRGS-861527	2656	2907	3096	1663	4300	2791	2902	94
CTC 84 B 1153	1831	1769	3132	1538	6319	2683	2879	93
UFRGS-8 (t)	2669	2583	2534	1725	3987	3575	2846	92
UFRGS-861542	2994	2964	2918	1775	3569	2533	2792	90
UFRGS-861510	2506	2467	2969	1288	4844	2383	2760	89
UPF 8650094	2281	2578	2798	1688	4225	2891	2744	89
UPF 8650018	975	1868	3132	1600	6175	2275	2671	86
UPF 80197	2281	2662	2105	1775	4581	2966	2662	86
UFRGS 861696	2900	2854	2376	1663	3962	2175	2655	86
UFRGS 861522	2325	2134	2951	1688	4506	1491	2516	81

TABELA 02: Rendimento de grãos (Kg/ha) de linhagens de aveia, no ensaio regional A, conduzido em seis locais

Genótipo	RENDIMENTO DE GRÃOS (kg/ha)						Média	%
	Guaíba	Ijuí	Passo Fundo	Campos Novos	Entre Rios	Vacaria		
UPF 82044	2869	3150	3851	1975	5137	4000	3497	111
CTC 1415-3	2456	3623	3887	1463	5456	3891	3463	110
UFRGS-7 (t)	2775	3099	3065	1888	4894	3108	3138	100
UPF 80215	2431	2857	3336	1650	4931	3000	3034	97
UPF 79159-6	2069	3187	3185	1425	4675	3325	2978	95
UFRGS 861366	2581	3321	2706	1738	4350	3083	2963	94
CTC 84 B 1416-2	1162	3020	3419	1600	5287	3166	2942	94
UPF 7911743-1	1725	3007	3227	1663	4569	3308	2917	93
UPF 840322-1	1825	3160	2913	1438	4681	3416	2906	93
UPF 825048	2206	2125	4148	1675	4416	2758	2888	92
UFRGS 861769	2456	2794	3048	1888	4344	2775	2884	92
CTC 84 B 1426	2281	3399	2202	1600	4412	3408	2884	92
UFRGS 861560	2769	2670	3076	2063	3825	2758	2860	91
UFRGS 861533	2519	2795	2351	1713	4262	3308	2825	90
UFRGS 861597	3300	2873	3099	1650	3550	2333	2801	89
UFRGS 861524	2350	2669	2769	1888	4419	2450	2758	89
UFRGS 861545	2837	2570	2450	1675	3825	2958	2719	87
UFRGS 861521	2200	2485	2648	1663	4606	2441	2674	85
UPF-5 (t)	2106	2125	1797	2138	5046	3233	2741	83
UFRGS-8	2150	2613	2262	1860	4150	3258	2716	83

Características agrônomicas de linhagens e cultivares de aveia para multiplicação de sementes. CTC, Augusto Pestana, 1989

Nº	Genótipo	Florescimento (dias)	Estatura (cm)	Ferrugem		PH (Kg/100 l)	Rendimento de Grãos (Kg/ha)
				Folha	Colmo		
01	CTC 82 B 307	110	101	(1,2) 1/	(0,0) 1/	54	2728
02	CTC 82 B 437	111	104	(1,1)	(1,4)	55	2647
03	CTC 82 B 464	95	101	(1,1)	(10,2)	53	2690
04	CTC 82 B 477-1	85	101	(1,1)	(10,4)	48	2194
05	CTC 82 B 477-2	99	104	(5,2)	(1,2)	49	2866
06	CTC 82 B 514	83	98	(5,3)	(20,3)	48	2472
07	CTC 84 B 1138	102	100	(5,2)	(70,4)	48	2380
08	CTC 84 B 1153	110	100	(0,0)	(10,4)	43	2397
09	CTC 84 B 1282	109	106	(0,0)	(9,4)	48	2548
10	CTC 84 B 1359	85	106	(1,2)	(0,0)	52	2538
11	CTC 84 B 1412-1	103	96	(1,2)	(1,4)	48	3050
12	CTC 84 B 1412-2	92	85	(1,1)	(40,4)	48	3349
13	CTC 84 B 1412-3	101	104	(1,3)	(5,4)	49	2593
14	CTC 84 B 1413	87	108	(1,1)	(0,0)	54	3142
15	CTC 84 B 1415-1	101	109	(0,0)	(1,4)	53	3700
16	CTC 84 B 1415-2	92	103	(1,1)	(25,4)	54	3357
17	CTC 84 B 1415-3	100	102	(1,1)	(5,2)	50	3623
18	CTC 84 B 1415-4	91	96	(0,0)	(1,1)	52	2400
19	CTC 84 B 1416-1	110	103	(5,1)	(70,4)	51	2149
20	CTC 84 B 1416-2	102	104	(1,1)	(0,0)	54	3369
21	UPF-7	105	99	(1,3)	(30,4)	44	1879
22	UPF-11	109	106	(0,0)	(0,0)	55	2997
23	UFRGS-7	89	91	(1,2)	(6,1)	47	3099
24	UFRGS-8	75	94	(15,4)	(2,4)	51	2362
25	UFRGS-9	79	93	(15,4)	(15,4)	51	2456
26	UFRGS-10	94	101	(1,2)	(5,4)	51	2706
27	UFRGS-11	88	94	(40,4)	(25,4)	47	2558
28	UFRGS-12	91	97	(10,3)	(70,4)	50	2210

1/ Porcentagem de infecção e tipo de pústula, respectivamente

# Manejo sanitário no desmame de outono

O inverno no Mato Grosso do Sul se caracteriza por uma reduzida precipitação pluviométrica com eventuais baixas na temperatura e em algumas regiões ocorre a formação de geadas. Em virtude, principalmente, da falta de umidade, a qualidade das pastagens cai acentuadamente. Diante desta situação, o rebanho de cria é a classe de bovinos que mais se ressentem, diz o veterinário Cesar Correa da Rosa, da Cotrijuí de Maracaju, que defende a prática do desmame no outono.

Para as vacas de cria, diz ele, a retirada do bezerro com cinco meses de vida em média, interromperá a lactação e os elementos minerais e vitaminas antes eliminados pelo leite, ajudando a manter a vaca e também na formação de um bezerro sadio e com melhor peso de nascimento. Assim, esta vaca terá boas condições de parto e entrará em cio novamente na próxima primavera, aumentando a eficiência produtiva do rebanho. Os bezerras, por sua vez, terão um bom peso ao nascer e um bom peso na época do desmame, trazendo com isto um excelente índice de desfrute da propriedade.

Os bezerras desmamados no outono, sem dúvida, sentirão a falta do leite, continua o veterinário, mas aos três meses de idade, ele já tem plenas condições de aproveitamento de pasto, pois a flora bacteriana do rúmen é formada a partir de oito semanas de vida. Isto garante que não haverá risco de se perder bezerras durante o inverno,

mesmo se o produtor não tiver boas pastagens.

Para manter as condições de saúde dos animais neste período, é imprescindível que o produtor buque auxílio em vacinas e vermífugos, para prevenir as principais enfermidades que atacam o rebanho, entre as quais: Febre aftosa — A vacina deve ser administrada em bovinos a partir de três meses de idade.

Brucelose — É recomendada a vacinação de bezerras com três a oito meses de idade. Uma única aplicação protege definitivamente a fêmea contra a doença, que em algumas propriedades atinge 30 por cento do rebanho. A vacina contra a brucelose deve ser aplicada na presença de um médico veterinário, bem como deve ser feita a marcação das fêmeas.

Carbúnculo sintomático — Existem no mercado vacinas polivalentes que protegem o animal por um ano. Deve ser aplicada a partir de três meses de idade até três anos, tanto em machos como em fêmeas.

Vermífugos — Existem diversos tipos de vermífugos, sendo alguns para determinadas épocas do ano. É importante que neste período se faça uma vermifugação de todo o rebanho, pois existem espécies de vermes que permanecem dentro de alguns órgãos dos animais durante este período em que as pastagens não oferecem condições para se desenvolverem. Portanto, é o momento ideal para combatê-los no próprio animal.



O grupo de compradores de semente foi recepcionado no CTC

## Compradores de sementes de soja visitam Cotrijuí

Compradores de semente de soja de empresas paulistas e paranaenses, clientes da Cotrijuí há mais de quatro anos, estiveram no início do mês em visita a cooperativa, conhecendo as suas instalações e todo o trabalho desenvolvido na região. Os visitantes, representando 17 empresas compradoras de semente de soja foram recebidos pelo diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, pelo diretor vice-presidente e superintendente da Pioneira, Celso Sperotto e Walter Frantz e por diretores contratados e gerências de áreas.

Os compradores vieram dos municípios de Ourinho, Miguelópolis, Ituverava, Bebedouro, Ribeirão Preto, Cândido Motta, de São Paulo e de Mamborê, São Jorge do Ivaí, Jussara, Marialva, Maringá, Ivaiporã, Fênix, Engenheiro Beltrão e Andirá, no Paraná. A visita à Cotrijuí foi coordena-

nada pela Área de Comercialização de Sementes da Cotrijuí na Pioneira "e teve a finalidade de estreitar relacionamentos e buscar a ampliação de vendas por parte da cooperativa", assinala Auri dos Santos Braga, o gerente. A disponibilidade de sementes para o mercado de terceiros, do ano passado para cá, cresceu em 100 por cento. No ano passado a Cotrijuí comercializou em torno de 180 mil sacos de sementes de soja. A disponibilidade para este ano, no entanto, já chega a 400 mil", informa. Apenas o grupo que esteve em Ijuí tem capacidade para adquirir, através de suas empresas, 200 mil sacos.

Depois de conhecerem as instalações da Cotrijuí, os compradores foram recepcionados com um churrasco no Centro de Treinamento, onde tiveram a oportunidade de ouvir uma palestra do presidente Oswaldo Meotti.

# COLUNA do LEITE

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário  
Alaor José Dalrozo — tecnólogo em cooperativismo

## Reunião da Comissão de Produtores de Leite de Ijuí

A reunião da Comissão de Produtores de Leite de Ijuí aconteceu no último dia 19 de maio. Na pauta de discussão, os seguintes assuntos: mobilização dos produtores de leite do Estado no sentido de reivindicar melhorias gerais na situação da pecuária leiteira; reajuste no preço do leite pago ao produtor e coleta a granel. A questão da mobilização foi adiada por algum tempo, pois os produtores decidiram aguardar as negociações que vêm sendo feitas com os órgãos competentes do governo e, nesse meio tempo, pressionar a Fetag, sindicatos e cooperativas para que também façam alguma coisa em benefício do setor. A questão do boicote, fica então adiada, já que parte do problema foi resolvido com o reajuste dado ao preço do leite dias atrás. Com relação a coleta do leite a granel, um dos objetivos da cooperativa para este ano, a Comissão garantiu seu apoio para que o trabalho aconteça da melhor forma possível. A coleta deverá iniciar em caráter experimental, período em que a cooperativa vai procurar melhor avaliar a qualidade do produto transportado neste sistema, horários de recolhimento e redução do custo de transporte, entre outros fatores. Os produtores sugeriram ainda a eliminação da Nota Fiscal do Produtor de leite; a construção de uma nova plataforma de leite em Ijuí; cursos de inseminação artificial e alimentação do gado leiteiro e programas de criação de terneiros no Centro de Treinamento da Cotrijuí. Após a reunião, os produtores fizeram uma visita ao CTC, dando ênfase aos projetos de pecuária leiteira.

## Reunião da Comissão Regional

A última reunião da Comissão Regional de Produtores de Leite da Cotrijuí aconteceu no município de Santo Augusto no início de junho. Participaram da reunião produtores representantes de todas as Unidades da Regional Pioneira.

## Feira do Leite

Aconteceu de 24 a 28 de maio, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, a 1ª Feira Nacional do Leite. Infelizmente os objetivos inicialmente propostos não foram totalmente alcançados, pois o público visitante ficou bastante reduzido. Participaram da Exposição, animais representantes das raças holandesas, Jersey — produtoras de leite — e normanda mista — produção de leite e carne —. Houve também a participação de representantes da indústria de laticínios do Estado. A Cotrijuí participou do evento através da presença de técnicos e da exposição de produtos — rações e sementes forrageiras.

## Preços do leite

A partir do dia 10 de maio, os preços do leite a nível de produtor tiveram um reajuste médio de 14,28 por cento, passando aos seguintes valores: NCz\$ 0,24 para o leite consumo e NCz\$ 0,23 pelo litro de leite indústria. O preço do leite ácido continua com livre negociação, mas a CCGL estipulou o seu valor em NCz\$ 0,06 pelo litro. Imediatamente após o anúncio do novo reajuste, várias lideranças do país se reuniram em Brasília através da Frente Ampla da Agropecuária Brasileira para exigir que o governo cumprisse a planilha de custos do produto elaborada pelos próprios técnicos do governo em conjunto com representantes dos produtores e da indústria ou então, liberasse os preços do leite. Foi dado o prazo de uma semana para que o governo resolvesse o impasse. No último dia 17 surgiu uma proposta, colocada em portaria pelo governo no início de junho, regulamentando os seguintes valores para o leite: reajuste do preço para NCz\$ 0,29 o litro. Em 1º de julho, esse valor passará para NCz\$ 0,32, mais a variação do percentual do índice da planilha — de acordo com a variação dos preços dos insumos básicos da produção computados de maio para junho --. Em 1º de agosto, o preço sofre novo reajuste, passando para NCz\$ 0,34 o litro, mais a variação percentual da planilha de junho para julho. A partir de setembro o preço do litro de leite será equivalente ao valor pleno apresentado pela planilha de custos. Para os consumidores, esses reajustes subirão de forma proporcional aos dos produtores. Apesar destas promessas, os produtores, no entanto, continuam preocupados, pois temem que, por ser um ano de eleições presidenciais, o governo não possa cumprir com o acordo firmado. Outra preocupação: entrada do leite em pó, autorizada pelo governo justamente durante a safra gaúcha, o que traria prejuízos imensos aos produtores de leite.

## Reunião com a CCGL

Aproveitando a programação da Fenaleite, a CCGL realizou, no dia 24 de maio, uma reunião conjunta com os técnicos da área leiteira e encarregados dos postos de recebimento de leite. Na oportunidade foi discutida a situação geral dos postos de leite, a coleta de leite a granel, o programa de financiamento de resfriadores, os novos preços do leite, cursos de nutrição e reciclagem para técnicos da área do leite, curso de inseminação artificial e cursos para laboratoristas e principiantes dos postos de leite. A Central comunicou a aprovação, via Conselho de Administração, da compra de aparelhos de crioscopia eletrônico — aparelho que serve para verificar agudagem do leite. Esses aparelhos deverão ser repassados, em regime de comodato, para as principais cooperativas e/ou postos de recebimento. A Cotrijuí deverá receber dois destes aparelhos.

## Distribuição de Novilhos

Na intenção de melhorar o potencial genético do rebanho, a Cotrijuí tem distribuído novilhos aos seus associados já estruturados na atividade leiteira. Alguns requisitos, no entanto, estão sendo exigidos de parte do produtor pela cooperativa, antes de distribuir os animais: existência de reserva alimentar na propriedade para todo o ano -- feno, silagem, e pastagens cultivadas anuais ou perenes e o uso de inseminação artificial regularmente. Os animais são repassados aos associados através do sistema de troca-troca, onde o valor da novilha é transformado em litros de leite. O pagamento deverá acontecer -- através da entrega de produto -- num prazo de cinco meses.

# CALENDÁRIO

## Programa de frutas tropicais

A primeira colheita de mamão e abacaxi será feita ainda neste ano

O Rio Grande do Sul possui um clima temperado, onde a fruticultura tropical não tem condições de se desenvolver. Esta situação determina uma grande dependência em relação ao consumo de frutas como a banana, que é importada de São Paulo ou o abacaxi, a manga e o mamão que vêm de Estados do Nordeste, percorrendo até três mil quilômetros de distância para chegar à mesa do gaúcho. A necessidade de consumo das frutas tropicais, hoje existentes no Estado, equivale, segundo o coordenador da Área de Olericultura da Cotrijuí na Pioneira, o agrônomo João Agostinho Boaro, a produção de uma área aproximada de 500 hectares de mamão e de 800 hectares de banana.

A existência de alguns microclimas dentro do Estado possibilitam o cultivo destas espécies com a certeza da existência de um mercado garantido e da obtenção de bons retornos econômicos. No Rio Grande do Sul são encontrados microclimas no litoral — região de Torres —, no Vale do Rio das Antas — Alto Taquari —, no Vale do Rio Uruguai — região que se estende de Tenente Portela até Porto Xavier, entre outras. Estes microclimas existem em função do volume de água dos rios e da existência de morros que funcionam como quebra-ventos. Como exemplo, Boaro lembra que a temperatura registrada no Vale do Rio Uruguai, se apresenta, normalmente, em torno de 3º graus centígrados, superior a temperatura média da região. Os fatores "volume de água" e "morros", evitam a formação das geadas. "O importante é localizar áreas dentro deste microclima que sejam aptas ao cultivo das frutas tropicais", destaca o agrônomo assinando que a fruticultura também se justifica pelo aproveitamento racional do uso do solo e pela utilização da mão-

de-obra familiar.

Em função de todos estes fatores favoráveis — existência de microclima, racionalização do uso do solo e melhor aproveitamento da mão-de-obra familiar — é que a Cotrijuí, Regional Pioneira, está implantando um programa de produção de frutas tropicais no município de Tenente Portela. "Já integram o programa, informa Boaro, em torno de 20 produtores trabalhando com as culturas do mamão, abacaxi e banana". Já foram plantados 5 mil pés de mamão Formosa, em torno de 15 mil pés de abacaxi e 5 mil pés de banana. "O desenvolvimento destas é satisfatório, com perspectivas de produção ainda para este ano", diz Boaro.

O microclima de Tenente Portela é de pequena dimensão, aliado a existência de propriedades minifundiárias. Estes dois fatores, na opinião do agrônomo e coordenador da Área de Olericultura da Cotrijuí são fundamentais na hora da escolha das espécies de frutas tropicais a serem cultivadas. "A preferência, no caso, fica para o cultivo do mamão e do abacaxi, por necessitarem de áreas menores", observa, lembrando que em apenas um hectare de terra podem ser cultivados até 40 mil plantas de abacaxi ou 2.500 plantas de mamão.

O crescimento do programa deve acontecer a partir do segundo semestre deste ano, através do abacaxi e do mamão. "É claro, observa Boaro, que o crescimento do programa está diretamente relacionado com a capacitação que o produtor irá adquirir com estas culturas, já que não são tradicionais da região, destaca dizendo que o microclima também permite a exploração de outras culturas como a cebola, o tomate, a batatinha, entre outras, na entressafra.

## Cinco feiras em junho

Sindicato Rural promove para o fim de junho a III Feira de Rústicos, a XIV Feira do Gado Leiteiro, a XV Feira do Terneiro, a VI Feira da Terneira e a V Feira da Vaquilhona

O Sindicato Rural e a Prefeitura Municipal de Ijuí, com o apoio da Casa do Agricultor, Agropecuária Cáptica e Sementes Grimm, estão programando para os dias 21, 22 e 23 de junho próximo, a III Feira de Rústicos e a XIV Feira do Gado Leiteiro. O lançamento oficial das duas Feiras aconteceu no dia 8 de maio, oportunidade em que também foram lançadas a XV Feira do Terneiro, a VI Feira da Terneira e a V Feira da Vaquilhona, a serem realizadas nos dias 26, 27 e 28 de junho. As inscrições encerraram no dia 31 de maio, apresentando um total de 270 animais inscritos para participar da Feira de Gado Rústico e um total de 1.083 animais para as demais Feiras.

Para os organizadores das cinco Feiras, esse número de animais inscritos já era esperado e tem como razão o fato do município ter reconquistado a sua condição de polo regional, atingindo, com isso, criadores de todos

os cantos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

A entrada e julgamento dos animais que participam da Feira de Rústicos e da Feira de Gado Leiteiro acontece nos dias 21 e 22. Neste mesmo dia, às 10h30min, será realizada a abertura oficial da Feira com a presença de autoridades. Às 18 horas acontece uma palestra técnica sobre confinamento e gado de corte.

Ainda neste mesmo dia, às 14 horas, inicia o julgamento e classificação dos animais. A entrega de prêmios está programada para a noite. Os remates acontecerão no dia 23, a partir das 14 horas para o gado rústico e às 16 horas para o gado leiteiro.

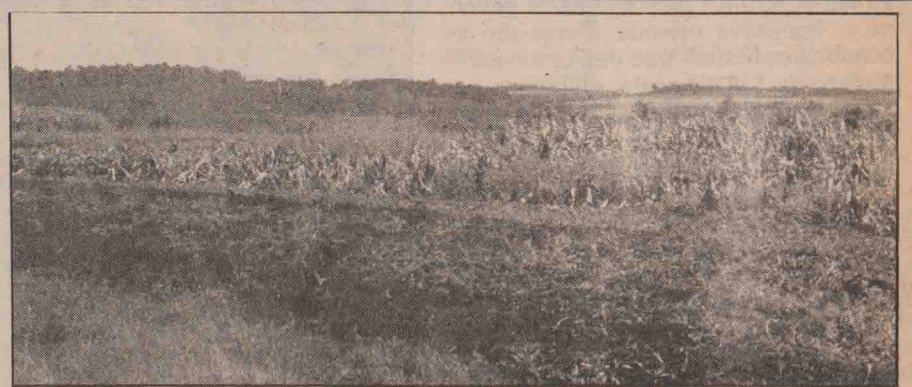
A entrada no Parque de Exposições Assis Brasil dos animais inscritos para participarem das Feiras do Terneiro, da Terneira e da Vaquilhona está marcada para o dia 26. O remate acontece no dia 27, às 14 horas.

## HORTIGRANJEIROS

### Produção de sementes

Produzir e comercializar sementes de hortigranjeiros. Este é mais um projeto que começa a ser implantado pela Cotrijuí na Regional Pioneira na área de hortigranjeiros. Para a implantação do projeto, alguns passos já foram dados através da importação de sementes de algumas espécies de hortaliças e da implantação, na Regional de Dom Pedrito, de áreas com cebola, cenoura, e cucurbitáceas não híbridas — melancia, melão, pepino, abóboras e

morangas. A finalidade da implantação destas lavouras é produzir sementes. O número de variedades a ser trabalhadas ainda neste ano de 89, segundo o coordenador da Área de Olericultura da Cotrijuí na Pioneira, o agrônomo João Agostinho Boaro, deve chegar a 30. "Já a partir de agosto deste ano, informa, a cooperativa deverá dispor de semente de hortigranjeiros levando a marca Cotrijuí, para ser distribuída entre seu quadro social".



Lavoura de crotalaria em experimentação

### O desempenho e a produção de sementes de leguminosas estivais

João Miguel de Souza

No ano de 1987 foram realizados dois ensaios, um com o objetivo de determinar a produção de forragem — quantidade de matéria seca por hectare — e sua qualidade — proteína bruta e fibra. O outro ensaio teve a finalidade de avaliar a produção de sementes. Ambos foram estabelecidos no Centro de Treinamento da Cotrijuí, localizado em Augusto Pestana. Os resultados obtidos, podem ser observados na tabela abaixo:

Tratamentos	MS (kg/ha)	Nº Cortes	PB (%)	FB (%)	Grãos (kg/ha)	Ciclo (dias)
Mucuna Preta	2474a1/	2	20,1b1/	16,0b1/	—	—
Feijão de Porco	2346a	3	24,3a	13,2b	2938a1/	150
Mucuna Cinza	2264a	2	20,3b	21,9a	—	—
Lab-Lab	1626b	3	21,5a	11,4b	—	—
Crotalaria	1552b	3	21,5b	11,4b	909b	155
Guandu	1359b	3	23,8a	19,2a	—	—
Crotalaria	1138b	3	24,9a	17,9a	1174b	147
Adzuki	779	3	21,9b	15,7b	—	—
Médias	1692		22,2	15,8	1674	151

Apenas o feijão de porco e as crotalárias completaram o ciclo antes do período de inverno. A mucuna preta, mucuna cinza e o feijão de porco foram as forrageiras que produziram maior quantidade de forragem. Porém, as mucunas permitiram apenas dois cortes e o feijão de porco e as demais leguminosas proporcionaram três cortes.

Já em 1988 — em 13 de outubro — o mesmo experimento foi implantado novamente. A diferença é que este último experimento apresentou um número maior de leguminosas e foi plantado em consórcio com o milho. Os resultados abaixo — dados parciais — mostram o rendimento das forrageiras — matéria seca —, o número de cortes realizados e o rendimento obtido com o milho — cultivar Empasc 152, semeado em linhas distanciados 1,5 metros e 25 mil plantas por hectare — metade da densidade normal.

Tratamentos	MS/ (kg/ha)	Nº Cortes	Rend. milho (kg/ha)
Feijão miúdo	3.091,0	3	1040,2
Mucuna preta	1.928,5	3	1274,6
Mucuna cinza	3.180,5	3	1039,0
Lab-lab	3.753,5	3	1305,7
Soja Santa Rosa	1.871,2	3	1358,1
Crotalaria juncea	2.823,0	3	1833,7
Crotalaria Spectabilis	2.823,0	2	2062,7
Clitoria ternatea	2.251,5	3	1339,9
Guandu	2.912,0	3	1520,6
Adzuki — Vermelho	483	3	1771,1
Calopogônio	1.392,5	2	1941,7
Feijão de porco	4.346,5	3	766,4
Soja Santa Rosa			1116,1
terço final	1.457,0	2	
Média	2.485,6		

Neste ano, com maior número de leguminosas, o feijão de porco foi novamente o mais produtivo, seguido do Lab-Lab, da mucuna cinza, do feijão miúdo, do guandu e das crotalárias — juncea e spectabilis. Já os rendimentos de grãos de milho foram maiores quando consorciado com as crotalárias. Após esta experiência, com dois anos de avaliação, o feijão de porco passa a ser incorporado ao sistema de produção regional e organizadas a sua produção e comercialização de sementes, pela Cotrijuí.

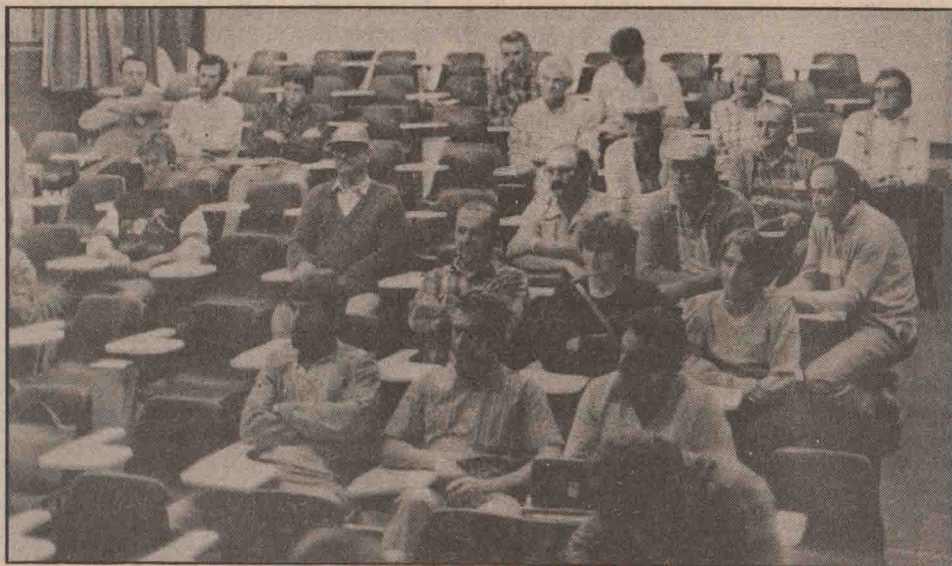
João Miguel de Souza é agrônomo e pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijuí.

# Projeto na reta final

As 76 cooperativas ligadas a Fecotrigo estarão reunidas nos próximos dias 21 e 22 para discutir e colocar em votação o seu anteprojeto, que pretende democratizar as decisões sobre agricultura e incentivar a produção de alimentos básicos

Maiores agregação da renda do produtor, através de uma nova política de agroindustrialização; uma estrutura agrícola que apoie a produção de alimentos e um redimensionamento do papel do Estado na agricultura que traga um equilíbrio paritário entre governo e iniciativa privada. Essas são as conclusões básicas que definem o anteprojeto de Lei Agrícola, elaborado pelas cooperativas filiadas a Fecotrigo, nos dias 6 e 7 de junho, em Santa Maria.

Resultante de inúmeras reuniões de base realizadas pelo interior do Estado, o anteprojeto da Fecotrigo é fruto do estudo de quatro projetos diferentes, apresentados pela Frente Ampla da Agropecuária Brasileira, Contag/Fetag, pelo Ministério da Agricultura e pelas Secretarias da Agricultura estaduais, os quais já foram encaminhados ao Congresso Nacional. A partir de agora, este texto que está ganhando corpo jurídico, se prepara para entrar numa segunda etapa, que deve ser aberta com o Seminário Estadual do Sistema Fecotrigo, a ser realizado nos



Produtores e técnicos estudaram quatro projetos para definir o seu

anteprojeto, em Santa Maria.

"A apresentação de sugestões já está na reta final", afirma o chefe de Educação Cooperativa da Cotrijuí Pioneira, Luiz Fernando Konzen, ao anunciar o Seminário como etapa de defini-

ção das estratégias de pressão junto ao Congresso Nacional. Com votação marcada pela Constituição federal para até o dia cinco de outubro, a Lei Agrícola que deve reger uma nova política agrícola para o país, pode ter a sua vo-

tação antecipada para setembro, devido a proximidade das eleições presidenciais em 15 de novembro.

## SEMINÁRIO ESTADUAL

Contando com a participação de 10 membros de cada cooperativa, o Seminário Estadual do Sistema Fecotrigo inicia a sua programação com um painel de exposições sobre todos os projetos analisados, feita por um integrante de cada entidade, inclusive a Feab (Federação dos Engenheiros Agrônomos do Brasil), que não tem ainda um projeto concluído mas tem várias sugestões incluídas no anteprojeto da Fecotrigo. Na tarde do primeiro dia, todos os participantes trabalharão em grupo, fazendo uma análise das exposições.

No segundo dia, o Seminário realiza uma sessão plenária para fazer a aprovação final do texto. E para encerrar, uma palestra sobre conjuntura econômica e política, com o economista Dércio Garcia Munhoz, da Universidade de Brasília e Adair Mazotti, da Senacoop.

## Cooperativas gaúchas querem maior participação do produtor

Uma lei que proteja o mercado interno e incentive a produção de alimentos básicos destinados aos consumidores, ou seja, um instrumento para geração de renda aos produtores rurais e de alimentação para mesa dos brasileiros. Ponto fundamental que norteia o anteprojeto da Fecotrigo, esse conceito de política agrícola, que pretende assegurar um aumento da renda do agricultor pela sua participação nos dois setores do chamado "complexo rural" (insumos e produção de alimentos), se apoia em um item importante: o da criação do Conselho Nacional de Política Agrícola, um órgão que deve democratizar as decisões referentes a agricultura, e que é formado por uma comissão paritária de representantes do setor público e do privado.

### CONSELHO NACIONAL

No primeiro grupo, aparecem três representantes ministeriais, um da Agricultura, um da Fazenda e outro do Planejamento. Além deles, fazem parte três membros do Congresso Nacional, com preferência a integrantes da Comissão de Agricultura e Pecuária, e mais um secretário de agricultura de cada uma das regiões geográficas brasileiras. Pelo lado da iniciativa privada, integram o CNPA, três membros do Conselho Nacional da Agricultura, três da Contag e um membro do sistema cooperativista para cada uma das regiões geográficas.

Estabelecido como o órgão de maior importância para a definição da política agrícola, o CNPA deve decidir desde o planejamento agrícola, preços mínimos, comercialização, garantia de abastecimento interno, política de exportação e importação, formação de estoques reguladores e política agroindustrial, até os intercâmbios comer-

ciais e tecnológicos. Além disso, o CNPA, que tem um desmembramento semelhante nos estados e municípios, é também responsável pela fixação do orçamento nacional da agricultura e a distribuição desse em aplicação de crédito rural, fundiário, e de habitação rural. Determina ainda todos os produtos de alimentação básica, como arroz, feijão, carne, etc.

As câmaras municipais, por sua vez, são os órgãos que colocarão em prática a idéia do planejamento agrícola, "uma atribuição fundamental da lei para desenvolver a propriedade rural como um todo", enfatiza Luis Fernando ao lembrar a antiga aspiração da categoria agrônômica.

### CRÉDITO RURAL

Qualificado como o instrumento de viabilização do planejamento agropecuário, o crédito rural deve vincular o indexador dos financiamentos à correção dos preços mínimos, sendo que os seus recursos provenientes do orçamento nacional, serão destinados prioritariamente aos pequenos e mini proprietários que se dedicam a produção de alimentos básicos. Esse item é reforçado ainda pela criação de um redutor nas taxas de juros dos financiamentos de produtos do mercado interno e aqueles decididos como prioritários pelo CNPA.

Já no crédito fundiário, o anteprojeto cooperativista aborda a questão através dos recursos da receita tributária fundiária, sendo a Comissão Paritária Municipal, a entidade responsável pela seleção dos produtores, mas dando preferência aos mini, pequenos e agricultores sem terra. Quanto a política agrária, fica assegurado o direito de propriedade, considerando a sua função social, e contemplando o crédito

fundário como principal instrumento desse setor, que junto com um percentual do Fundo Nacional de Desenvolvimento Rural, deve viabilizar assentamentos e novos projetos de reforma agrária, que priorizem a produção de alimentos.

### SEGURO E HABITAÇÃO

Extinguindo o Proagro, o anteprojeto da Fecotrigo cria um novo seguro agrícola que assegure a receita da propriedade e não o financiamento da lavoura. Ele deve ser obrigatório para as lavouras financiadas e opcional para aquelas feitas por conta própria. A companhia seguradora deve ser da iniciativa privada e os prêmios estabele-

cidos, diferenciados para cada cultura.

Em relação a habitação, está previsto a criação do Sistema Nacional de Habitação Rural, que teria como agentes as cooperativas de crédito e como órgão de seleção o CNPA. A correção dos financiamentos deve ser feita de acordo com o indexador dos preços mínimos e os recursos provenientes do ITR, FNDR, FGTS e também do crédito rural.

### PESQUISA E TECNOLOGIA

Prevendo a coordenação da pesquisa pelo Ministério da Agricultura, o anteprojeto diz também que ela deve priorizar as tecnologias alternativas regionalizadas e fazer a integração dos seus planos anuais e plurianuais à extensão rural, tanto em nível nacional, estadual como municipal. Estebelece ainda o apoio, por meio de incentivos fiscais à iniciativa privada cooperativista e maiores recursos a atividade, a partir de segmentos que se beneficiam da pesquisa.

No item assistência técnica e extensão rural, fica mais claro o obje-

tivo de atender a propriedade de forma global e respeitando as características e aptidões regionais. Além disso, a ATER oficial e a cooperativada, através de um processo de municipalização, devem atuar de forma integrada, e contar com recursos administrados pelo município.

### ELETIFICACÃO RURAL E INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

Com relação a projetos de eletrificação rural e de irrigação, o anteprojeto prevê a sua implantação pelas cooperativas, desde a geração até a distribuição de energia, bem como projetos alternativos, que devem ser apoiados pelo poder público.

Quanto a informação, as cooperativas e os demais setores ligados a produção, devem participar em todas as fases ligadas a geração e a divulgação das informações agropecuárias.

### MEIO AMBIENTE

Neste item, os recursos naturais ficam protegidos pela política agrícola, que deverá priorizar também ações em todos os níveis e promover a educação ambiental. Deve, por isso, disciplinar mecanismos que evitem agressões ao meio ambiente, através do crédito e da assistência técnica, entre outros. Já no item referente a formação profissional e educação rural, a participação das cooperativas aparece pela administração do Senar (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural), que deve ter os seus recursos descentralizados.

### COOPERATIVISMO

Tanto o cooperativismo como o associativismo devem estar apoiados pela nova lei, em todos os sentidos da sua atuação, já que o seu desenvolvimento, junto com o crédito rural e o seguro agrícola são prioritários para a criação de fundos nacionais.





SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUÍ

Elaboração: Mariluz da Silva Lucchese  
Datilografia: Derci Fátima Mariani

## Como se vivia no Brasil do século passado

Pablo olhava para a televisão e dizia para a mãe:

— Dá uma bolacha! Traz meu cobertor! Pega meu carrinho que está na estante!

— Pegue sozinho, Pablo.

Não sou sua escrava.

— Escrava? — perguntou ele curioso.

— Era uma pessoa que antigamente fazia tudo o que mandavam, senão apanhava de chicote.

— Quero uma! respondeu Pablo entusiasmado.

Não só Pablo acha que é bom ter escravos. Muita gente gostaria de tê-los até hoje. Mas ninguém gostaria de ser escravo.

No Brasil, até 1888, houve homens e mulheres que eram comprados, vendidos e alugados como se fossem coisas, instrumentos de trabalho. Depois eram usados para fazer o que os donos mandassem. Não interessava saber se podiam ou queriam. Se reagissem, eram castigados.

Trabalhavam de manhã à noite nas casas, nas ruas, nas plantações e nos garimpos. A maior parte dos escravos foi trazida da África e vendida nos mercados, nos portos brasileiros.

As famílias ricas compravam muitos escravos. As pobres tinham só um ou dois.

Tomar banho sem rio ou cachoeira perto significava buscar água em chafariz, riacho ou poço. Depois do banho, despejar a água... Limpar penico — objeto indispensável debaixo da cama — e escarradeira várias vezes ao dia... tudo isso era trabalho de escravo.

Lavar roupa, ir às bicas e lagoas da cidade levando na cabeça trouxas pesadas, esfregar, coar e estender a roupa... Trabalho para as lavadeiras escravas, que cantavam e tagarelavam enquanto esfregavam as roupas das sinhas, com

os filhos brincando à volta.

Conservar alimentos, salgar a carne e guardá-la em latas de banha, fazer os doces para durar muito tempo, cultivar a horta, manter um pomar, criar galinhas e cabras: tarefas para escravas. Também elas, como algumas quitadeiras livres, vendiam, de casa em casa, alimentos frescos que carregavam em cestos, na cabeça, ou exibiam nas barracas, como nas feiras livres de hoje. De noite, o que tinha sido ganho com a venda do dia era entregue aos senhores.

Alimentar as crianças cujas mães não podiam ou não queriam amamentar era serviço para uma escrava. Os senhores compravam negras que tinham filhos recém-nascidos, tratavam-nas muito bem e elas amamentavam seus nenês. Os pais da criança tinham orgulho de exibir uma ama-de-leite bem vestida, com aparência próspera. Quando a criança estava um pouco maior, também era sua "mãe preta" quem lhe dava de comer.

Para sair de casa, as mulheres tinham de ser acompanhadas pela família ou por escravos. Em alguns casos, eram transportados em palanquim — cadeirinha coberta com cortinas e carregada por dois escravos, um na frente, outro atrás. Só no final do século XIX começaram a aparecer, na cidade do Rio de Janeiro, os ônibus puxados a burro.

A roupa, que só os muito ricos compravam na Europa, era tecida e feita em casa por escravas modistas ou rendeiras livres. Muitas escravas eram colocadas como aprendizes de costureiras francesas e passavam a se trajar à moda européia. Poucas eram as fábricas de tecido. Roupas de homem, mulher e criança eram feitas a

mão.

Somente na segunda metade do século XIX é que apareceram, nas cidades brasileiras, os primeiros hospitais, dirigidos por irmãs de caridade francesas. Mesmo aí, eram os escravos que faziam todo o serviço pesado. Mas a maior parte das doenças era tratada pelas mulheres livres e escravas da casa.

Educar crianças, naquele tempo, ainda não era serviço profissional. Havia escolas e professores, mas a maioria das crianças aprendia mesmo era com escravos, mãe, tios ou governantas estrangeiras.

Moça prendada sabia ler e escrever, fazer doces, tocar piano e bordar. Contava sempre com uma escrava para levar seus recados, para cuidar de seus filhos e da sua roupa, para organizar o trabalho doméstico.

E isso só nas cidades, sem falar em fazendas e canaviais.

Por essas e muitas outras razões é que uma professora alemã, em visita ao Brasil, em 1881, escreveu para uma amiga, na Alemanha:

"Todo o serviço doméstico é feito por pretos: é um cocheiro preto quem nos conduz, uma preta que nos serve, junto ao fogão, o cozinheiro é preto e a escrava amamenta a criança branca; gostaria de saber o que fará essa gente quando for decretada a completa emancipação dos escravos..."

Miriam L. Moreira Leite  
Departamento de História  
Universidade de São Paulo



## A Seca no País e no Mundo

Em todo o verão, o Brasil e o mundo tiveram prejuízos por causa da seca. No Brasil as áreas mais atingidas foram o Nordeste e a Região Sul. Nessas regiões as pessoas ficam sem água, comida... Pois o sol forte seca tudo, as plantas morrem, os açudes e reservatórios de água começam a secar, a terra começa a rachar. Em muitas cidades os prefeitos decretam estado de calamidade pública. Os municípios vizinhos auxiliaram essas comunidades, ajudando com roupas comidas, objetos domésticos, agasalhos e dinheiro. Na região das Missões a comunidade mais atingida foi Santo Ângelo, onde a plantação de milho já estava 70 por cento perdida pela seca. Em todas as regiões assoladas pela seca, não restou quase nada das plantações, tudo morreu. Já em alguns lugares do mundo a onda de calor foi muito grande, chegando a atingir, como no Vietnã, 40° centígrados, um calor insuportável. Na Carolina do Sul atingiu 45° centígrados; os animais já estavam morrendo de sede e fome, o povo estava assustado, mas nada pode fazer, só esperar ajuda.

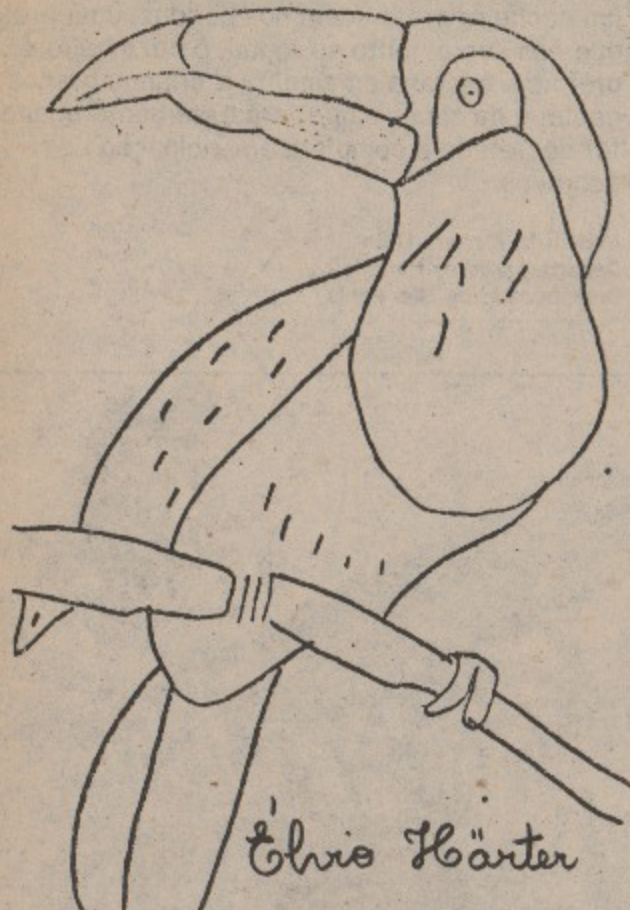
João Cláudio Cazzari, 8ª série  
Escola Miguel Couto - Rosário



Paula

## O Porco

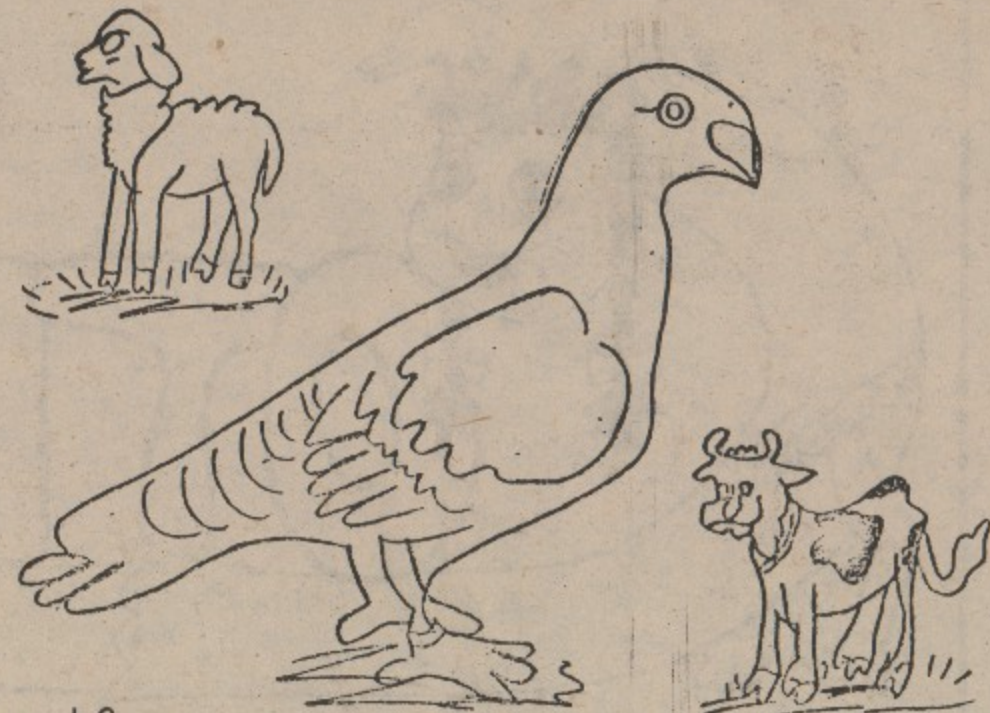
Este porco é da fazenda do Alberto. Este porco pesa 190 quilos, tem um metro de altura. O pelo do porco é preto, ele come: milho, farelo de milho, mandioca, pasto, lavagem. Nunca ganhou doenças, tem muita banha de tão gordo que ele é. Esse porco é manso. Esse porco é uma animal bem sabido. Paula  
Esc. Municipal Princesa Isabel



Chris Härter

## Os Passarinhos

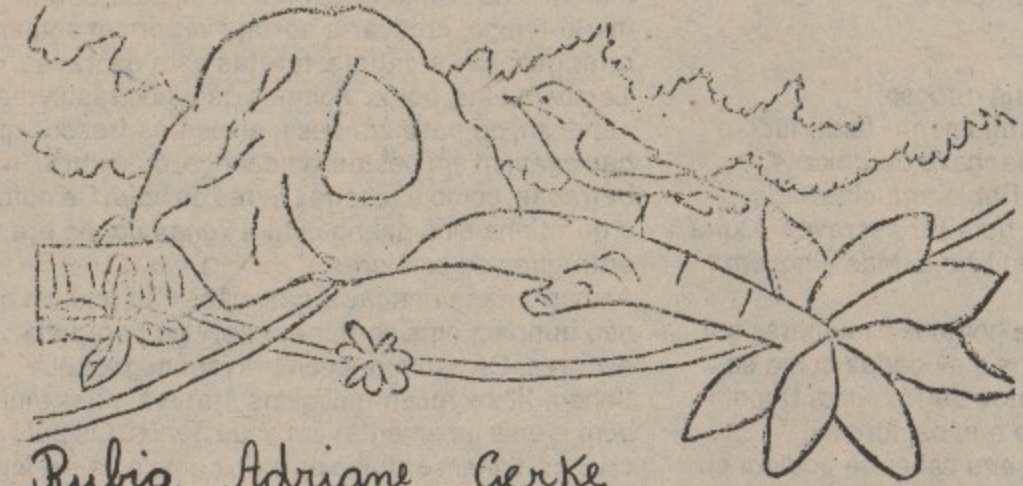
Os passarinhos vivem em qualquer lugar, por exemplo, nas matas, nas florestas e outros lugares. Eles nunca tem um par certo para ficarem juntos. Eles se formam de ovinhos que a mamãe pássaro põe no ninho. A alimentação deles, quando são pequenos, é a mamãe pássaro que vai buscar minhocas e outros bichinhos semelhantes bem pequeninhos, que dá para os passarinhos pequenos engolir com facilidade, para que eles não se engasguem. Quando eles são grandes eles comem soja, trigo, aveia e outras sementes. Elvio Leandro Härter - 4ª série  
Esc. Mun. de 1º G. Inc. Humaitá



Osmar Krütri

## Os Animais

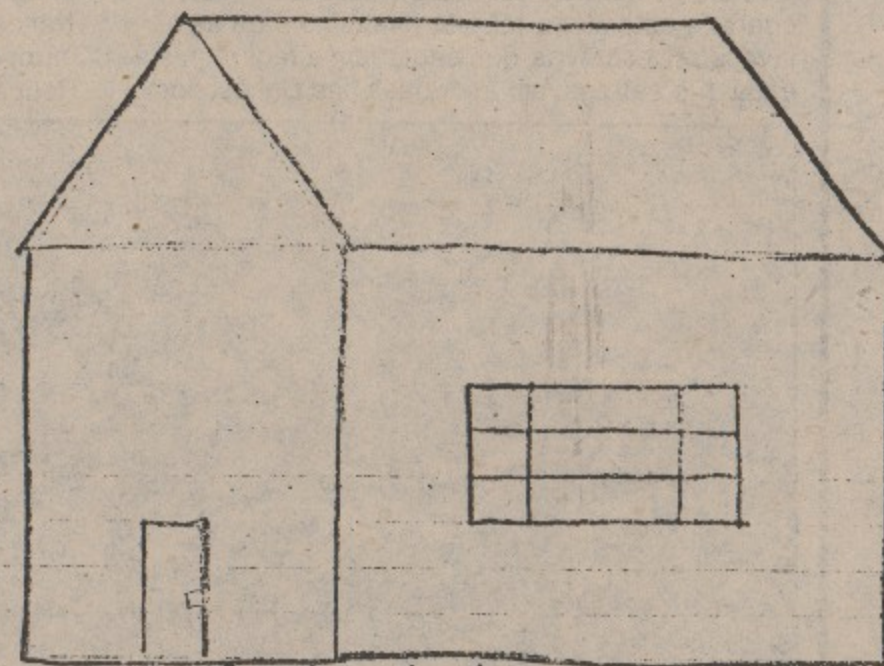
Os animais são úteis para as pessoas. Tem alguns que ajudam no trabalho como puxar no arado, puxar na carroça. E também aqueles que nos dão alimento como o leite, a carne, os ovos. Se os animais não se alimentarem e não tomarem água, eles morrem. As pessoas que tomarem água e não se alimentarem direito ficam fracas até morrer. Osmar Krütri - 3ª série  
Esc. de 1º G. Inc. Humaitá



Rubia Adriane Gerke

## A Árvore da Catapora

Uma vez estava muito quente e eu resolvi ir na casa da minha amiga. - Oi, amiga Mariana. - Oi, amiga Eloiza. - Me conte uma história alegre e bonita. - Está bem, eu conto! - A árvore que carrega laranjas é o pé de laranja. Uma menina era muito amiga da árvore. Um dia ela leu no jornal que iam cortar a árvore das laranjas. Af ela teve uma idéia: "Vou pintar ela de pintinhas vermelhas como a catapora, e por isso não a derrubaram. Esta história é muito maravilhosa. Angela Marise Cevola - 4ª série  
Rincão do Progresso



André da Cunha Martins - D. Pedrito

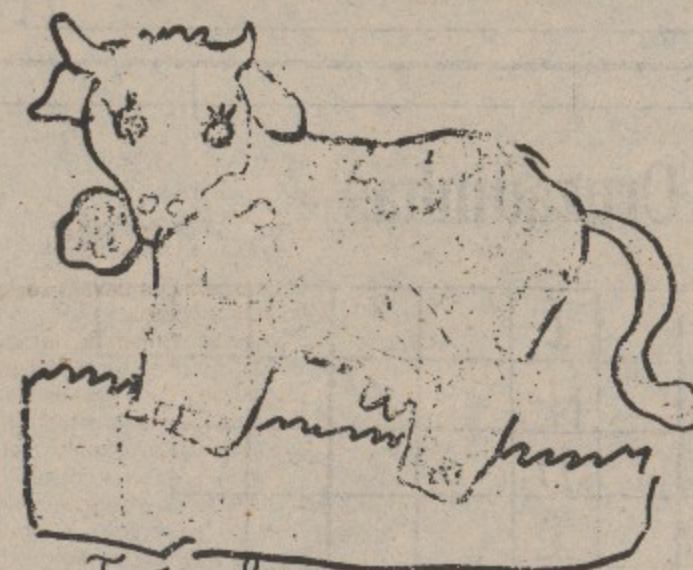
## Os Pardais

Os passarinhos devem ser grandes, bonitos e gordos. Eles se alimentam de laranja, bergamota, várias frutinhas e sementes. Eu gostaria que ninguém matasse os passarinhos e nem tirassem os ovinhos quando estão chocando. Se alguma pessoa encontrar alguém tirando os ovinhos de algum ninho de pássaro, não deve deixar porque é com eles que vai nascer mais pássaros. Os coitadinhos fazem os ninhos com carinho e as pessoas maldosas destroem. Os pássaros são bonitos e eu gosto dos pássaros. Rubia Adriane Gerke - 3ª série  
Esc. Mun. de 1º G. Inc. Humaitá

# Página do Leitor



Adriano Kraus



Tais Santoni

## A Vaquinha

A minha vaquinha é mansinha, ela não dá coice. Eu a levo todos os dias para o pasto, para ela sempre dar muito leite. Do leite da minha vaquinha, eu faço a manteiga, queijo, nata e também outras coisas. A minha vaquinha dá leite para minha família. E a minha vaquinha é muito obediente comigo, mas com a mamãe e a vovó Elsa, faz peteca. Tais Santoni  
Escola Princesa Isabel



Vânia Kunzler

## A Galinha

A galinha é uma ave, ela põe ovos. Ela se reproduz pelos ovinhos. Para viver ela precisa de milho, ração, pasto verde, água, ar. Ela vive no galinheiro e no pátio. A galinha é útil porque dela nos tiramos a carne, os ovos, as penas. Nós não devemos matar a galinha, senão ela não vai chocar os ovinhos e então não vão nascer os pintinhos. Nós temos uma choca com doze pintinhos, eles são amarelos, pretinhos e marrons. Eu gosto muito dos pintinhos. Um dia morreu um pintinho marrom e a choca ficou muito triste. Elenir Kleinert - 3ª série  
Escola Humaitá



Elenir Kleinert

## Os Animais e as Plantas

As plantas servem para dar oxigênio para as pessoas. Sem as plantas, nem os animais e nem as pessoas podem viver. Era uma vez, dois meninos. Um dia foram na escola e combinaram de ir passear na casa do outro. Um dia um dos meninos pegou o facão e começou a cortar um galho de árvore para pegar as frutas. O mais velho dos meninos falou: - Não faça isso! Apanhe as frutas ou deixe que eu trapo lá em cima e tiro as frutas para você. E então apanharam as frutas e as comeram. Na árvore estava cheio de passarinhos que também comiam as frutas. Que lindo ver os pássaros. Adriano Rodrigues Kraus - 3ª série  
Esc. Mun. de 1º G. Inc. Bento Gonçalves

## Redação sobre uma Vaquinha (Texto coletivo)

Esta é a vaca que nós observamos, quando visitamos a casa do nosso colega Alberto. Ela é toda pretinha e muito mansinha. Nós fomos perto dela e ela ficou nos olhando e começou a berrar, pois ela pensou que já era hora de tirar o leite. Mas ela estava enganada. O Alberto falou, que quando alguém chega no protejro ela pensa que é hora de tirar o leite, e se vai para a mangueira. O colega Alberto nos informou que a vaca dá 24 litros de leite por dia. O leite eles aproveitam para tomar, tirar a nata, fazer manteiga, queijo e doces de leite. Eles não vendem leite, mas uma parte do leite é doado para o nosso professor. A vaca alimenta-se de pasto, quireza de milho e ração. Três porcos e dez leitões, oitenta e quatro galinhas garnizé, quinze galinhas peito duplo, cinquenta e uma galinhas poedeiras, oito angolistas, onze cabeças de gado e dois valentes cachorros para cuidar de tudo e de todos. Esc. Mun. de 1º G. Inc. Princesa Isabel  
Rincão Seco Norte

4ª série  
Adriane Doberstein  
Mauro Jacobi  
Rogério Inich

3ª série  
Paula Panazzolo  
André Steglich  
2ª série  
Renesio Marchs  
Keriel Mittelstaet  
Taito Santoni



Alunos da Escola Princesa Isabel

## Eu sou um Papagaio

Eu sou um papagaio, a minha cor é verde e vermelha, todos me acham bonito. Eu canto: Atirei o pau no gato...to...to mais o gato...to...to morreu, reu, reu. Dona Chica, ca...ca dimirou-se...se... do berrô, do berrô que o gato deu: miau. Gosto muito de ser um papagaio, estou na galola verde, a galola é linda, me carregam de um lado para outro. Eu como alpiste, farelo, pão, cuca e bolo e tomo água em uma latinha. O meu nome é Ríco, eu pulo de travessa em travessa, eu não caio, tenho meio ano, todos me pegam e não fujo nunca. Vânia Kunzler - 3ª série  
Esc. Mun. de 1º G. Inc. Silveira Martins

# Passatempo

## Quitute de São João

### BEIJU

Ingredientes: polvilho de farinha de mandioca, água e sal.  
 Como fazer: umedeça a farinha de mandioca com água, de maneira a que ela fique ainda solta. Acrescente um pouco de sal. Peneire a mistura num tabuleiro dando ao beiju uma forma arredondada. Leva-se ao forno por pouco tempo. Quando a massa estiver úmida, enrola-se como um canudo. O beiju é muito bom para acompanhar café.  
 Bom apetite!

## Você gostaria de fazer fantoches?

Convide seus amigos para fazer fantoches; são fáceis de fazer.

Veja como é:

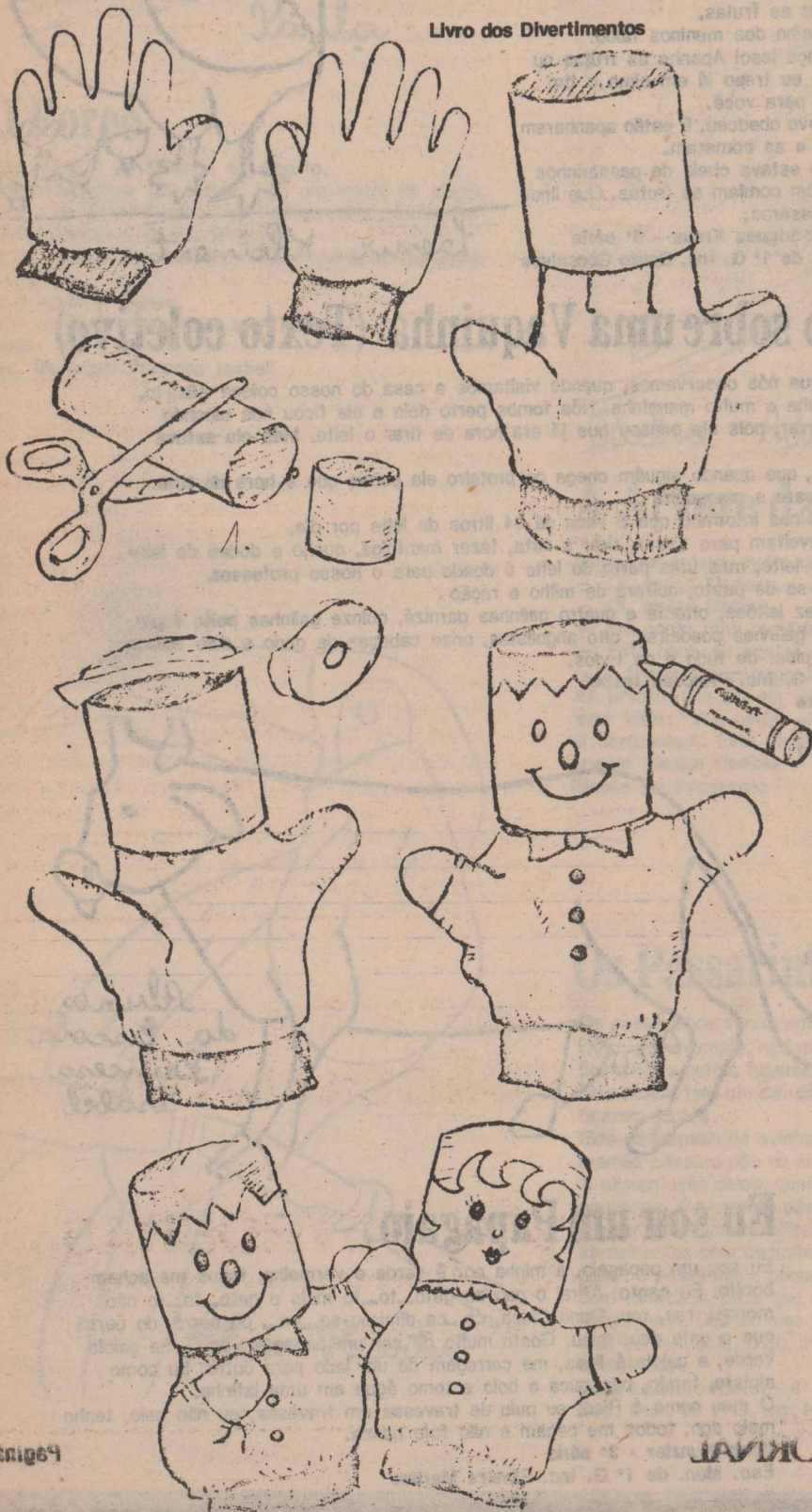
### 1 - MATERIAL

- Um par de luvas (brancas ou coloridas, de lã ou plástico)
- Um tubo de papel desses que vem enrolado o papel higiênico.
- Tesoura, lápis de cor, fita durex ou esparadrapo

### 2 - COMO FAZER

- Corte os tubos de papel em pedaços que tenham o comprimento de seu dedo médio. (1)
- Ponha a luva e enfie o pedaço de tubo nos três dedos do meio. (2)
- Cubra a parte de cima do tubo com esparadrapo ou fita durex. (3)
- Com lápis de cor, desenhe uma cara de fantoche no tubo e algumas peças de roupa do boneco na luva. (4)

Está pronto! Agora é só fazer teatro com os fantoches. (5)

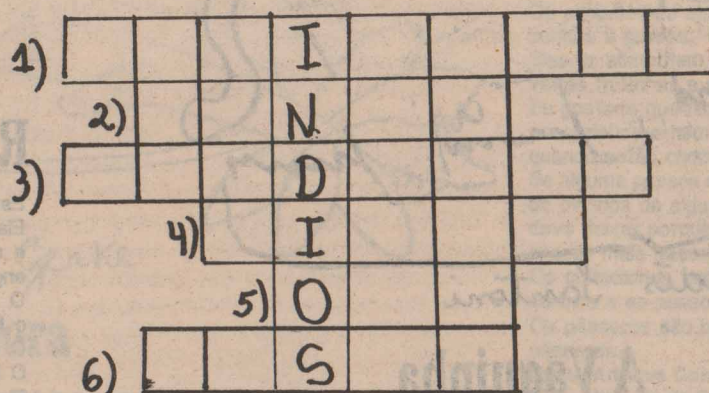


## Caça-Palavras

A escola deve ser um lugar onde a gente aprende muito, mas também onde a gente vive e faz outras coisas boas, como...  
 Encontre neste caça-palavras as palavras que completam a frase acima:

C A N T A R O B C H A P A  
 J O G A R V I R B A C N O  
 Z Y X P I N C I S I N O U  
 E S T U D A R N A N J L O  
 U M I G O B A C O R R E R  
 C O N T A R E A V I D R O  
 S O A P D O E R M I U A E

## Cruzadinhas



- 1 - Primeiros habitantes do Brasil
- 2 - Embarcação dos índios
- 3 - Uma lenda dos índios
- 4 - Casa dos índios
- 5 - Um costume dos índios
- 6 - Parte externa das frutas

Alunos da 3ª Série da E.M. João Ramalho  
 Augusto Pestana

## CANTINHOS PARA O MÊS DE JULHO

### Santo Antônio (melodia "Ó Jardineira...")

Ó Santo Antônio, ó meu Santo amado  
 Não quero mais ficar assim tão só  
 Já estou velha, uma solteirona  
 Mas ainda quero um namorado.

Vem, meu amigo,  
 Vem, meu amor  
 Eu já pedi  
 Ao querido Santo Antônio:  
 — Me inscreva já e já  
 No livro do matrimônio!